



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Raíanne Silva Calixto

**Caracterização de opiniões e práticas de adultos uberlandenses
sobre a divisão de papéis de gênero na família**

UBERLÂNDIA

2018



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Raíanne Silva Calixto

**Caracterização de opiniões e práticas de adultos uberlandenses
sobre a divisão de papéis de gênero na família**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientador: João Fernando Rech Wachelke

**UBERLÂNDIA
2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

C154c Calixto, Raianne Silva, 1992
2018 Caracterização de opiniões e práticas de adultos uberlandenses sobre
a divisão de papéis de gênero na família / Raianne Silva Calixto. - 2018.
110 f. : il.

Orientador: João Fernando Rech Wachelke.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.221>
Inclui bibliografia.

1. Psicologia - Teses. 2. Família - Aspectos psicológicos - Teses. 3.
Gênero - Teses. 4. Ideologia - Teses. I. Wachelke, João Fernando Rech.
II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em
Psicologia. III. Título.

CDU: 159.9



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Raíanne Silva Calixto

**Caracterização de opiniões e práticas de adultos uberlandenses
sobre a divisão de papéis de gênero na família**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientador: João Fernando Rech Wachelke

Banca Examinadora

Uberlândia, 22 de fevereiro de 2018.

Prof. Dr. João Fernando Rech Wachelke (Orientador)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Prof^a. Dra. Maristela de Souza Pereira (Examinadora)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Prof^a. Dra. Larissa Guimarães Martins Abrão (Examinadora Externa)
Faculdade Pitágoras – Uberlândia, MG

Prof^a. Dra. Lígia Carolina Oliveira Silva (Examinadora Suplente)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Prof^a. Dra. Andréa Barbará S Bousfield (Examinadora Suplente Externa)
Universidade Federal de Santa Catarina

UBERLÂNDIA

2018



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Dedico esse trabalho à minha mãe, Nilce Aparecida Silva Calixto, por me mostrar o caminho do estudo como forma de alcançar meus objetivos, e por acreditar em mim mesmo nas vezes em que duvidei.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**



AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e a proteção dos amigos espirituais.

À Universidade Federal de Uberlândia através do Instituto de Psicologia por me possibilitar alcançar meus objetivos e me tornar mestre.

Ao meu orientador João Fernando por não somente me orientar, mas entender minhas dificuldades, cansaços e ser companheiro, humano, e ir além da postura passiva de ensinar-aprender, mas de “estar juntos”.

Aos meus pais, Nilce e Advaldo, por todos os ensinamentos, broncas, e “nãos”, que foram necessários para que eu chegasse até aqui através do esforço.

À minha irmã, Ranaianne, que sempre me apoiou e incentivou.

À minha família, de modo geral, que sempre estiveram ao meu lado sempre e numa me deixaram esmorecer, me dando forças e me respeitando.

Aos meus amigos, de faculdade, de trabalho, de mestrado, todas as pessoas que direta e indiretamente fizeram e fazem parte da minha vida e que me ajudaram com conselhos, respeitando os momentos de introspecção, as horas dedicadas ao estudo, e que de alguma forma contribuiriam para a conclusão dessa etapa.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Nada nessa vida é por acaso.

Absolutamente nada.

*Por isso temos que nos preocupar em fazer a nossa
parte, da melhor forma possível.*

*A vida nem sempre segue o nosso querer, mas ela é
perfeita naquilo que tem que ser!*

(Chico Xavier)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



RESUMO

Esta pesquisa faz parte da Pesquisa de Percepções Sociais e Opiniões de 2017 (PEPSO-2017), projeto realizado pelo grupo de pesquisa Eclipse - Laboratório de Ideologia e Percepção Social, e tem como tema a divisão de papéis de gênero na família a partir do contexto de Uberlândia. Para a compreensão do tema foram abordados conceitos de papel social, papel de gênero, família, ideologia, a relação deles entre si, e os principais aspectos relacionados ao tema. Com a teoria percebemos que a divisão de papéis de gênero na família configura-se em homens como provedores e mulheres como cuidadoras. Nesse sentido, a proposta para este estudo foi analisar a manutenção ou não desses papéis através de um roteiro de entrevista estruturada com algumas tarefas na família. Para análise foram utilizadas análises de frequência e análise de correspondências. Com o cruzamento entre as variáveis sobre as tarefas e os dados sociodemográficos, foram escolaridade e faixa etária que tiveram maior representatividade e proporcionalidade para compreender a amostra. De modo geral, há maior responsabilidade sobre as mulheres quando se trata de papéis na família. Na representação das opiniões e das práticas sociais percebemos que as opiniões se relacionam a mudança de geração, enquanto as práticas podem relacionar-se com opiniões consolidadas de outras gerações. A ideologia, nesse contexto, funciona como um sistema que sustenta a hierarquia de gênero na família.

Palavras-chaves: **Papel, Ideologia, Família, Gênero.**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



ABSTRACT

This research is part of the Research for Social Perceptions and Opinions of 2017 (PEPSO-2017), a project carried out by the research group Eclipse - Laboratory of Ideology and Social Perception, and has as its theme the division of gender roles in the family from the context of Uberlândia. In order to understand the theme, concepts of social role, gender role, family, ideology, their relation to one another and the main aspects related to the theme were discussed. With the theory we realize that the division of gender roles in the family is configured in men as providers and women as caregivers. In this sense, the proposal for this study was to analyze these roles through a structured interview script with some tasks in the family. For analysis, frequency analyzes and correspondence analysis were used. With the cross-tabulation between the variables on the tasks with the sociodemographic data, it was schooling and age group that had greater representativeness and proportionality to understand the sample. In general, there is greater responsibility for women when it comes to roles in the family. In the representation of opinions and practices we realize that the weight of practices is greater and makes us think that opinions are related to change of generation, while practices can relate to consolidated opinions of other generations. Ideology, in this context, functions as a system that underpins the gender hierarchy in the family.

Keywords: Paper, Ideology, Family, Gender



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
PAPÉIS SOCIAIS	11
FAMÍLIA.....	14
PAPÉIS DE GÊNERO NA FAMÍLIA	17
IDEOLOGIA	22
IDEOLOGIA E A DIVISÃO DE PAPÉIS NA FAMÍLIA.....	28
OBJETIVO GERAL.....	35
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	35
MÉTODO.....	36
<i>Participantes</i>	<i>37</i>
<i>Instrumento.....</i>	<i>42</i>
<i>Procedimento.....</i>	<i>44</i>
RESULTADOS	45
<i>Categoria 1 – Divisão de despesas da família/Trabalho: Pagar as despesas da família</i>	<i>56</i>
<i>Categoria 1 – Divisão de despesas da família/Trabalho: Trabalhar fora de Casa.....</i>	<i>59</i>
<i>Categoria 2 – Tarefas Domésticas: Limpar a Casa.....</i>	<i>62</i>
<i>Categoria 2 – Tarefas Domésticas: Lavar a Louça</i>	<i>65</i>
<i>Categoria 2 – Tarefas Domésticas: Cozinhar no dia a dia.....</i>	<i>67</i>
<i>Categoria 2 – Tarefas Domésticas: Realizar Consertos em Casa</i>	<i>69</i>
<i>Categoria 2 – Tarefas Domésticas: Fazer compras no Supermercado</i>	<i>71</i>
<i>Categoria 3– Cuidado e educação dos filhos: Levar os filhos à escola</i>	<i>74</i>
<i>Categoria 3– Cuidado e educação dos filhos: Acompanhar as atividades escolares dos filhos</i>	<i>77</i>
<i>Categoria 3– Cuidado e educação dos filhos: Interferir quando os filhos fazem algo errado.....</i>	<i>80</i>



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



<i>Categoria 3– Cuidado e educação dos filhos: Brincar com os filhos.....</i>	<i>83</i>
<i>Categoria 3– Cuidado e educação dos filhos: Levar os filhos ao médico quando estão doentes....</i>	<i>85</i>
DISCUSSÃO	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS	98
APÊNDICE 1	106
APÊNDICE 2	107

INTRODUÇÃO

Ao longo deste trabalho apontamos alguns conceitos sobre família, papel social, papel de gênero e ideologia. Ao nos referirmos à família, sem negar outras configurações, temos como referência a família nuclear, composta por pai, mãe e filhos, dada a prevalência e importância desse modelo, mesmo nos dias atuais. Sobre papel social, referimo-nos a comportamentos relacionados ao contexto, ou comportamentos esperados para cada situação; esses papéis, quando relacionados ao gênero, direcionados a expectativas comportamentais para homens e mulheres, são denominados de papéis de gênero. Já ideologia é tratada como um conjunto de ideias criadas e empregadas para legitimar e manter uma situação de poder. Esses conceitos são aprofundados ao longo do texto e são fundamentais para a compreensão deste trabalho, que tem como questão central o estudo de como as pessoas entendem a divisão de papéis de gênero na família.

O questionamento sobre divisão de papéis de gênero na família, tendo como foco algumas tarefas relacionadas ao trabalho doméstico, a responsabilidade pelo sustento da família e a relação com os filhos, visa estudar a opinião das pessoas sobre quem é responsável pela realização dessas tarefas e relacionar aos conceitos apontados. Quando apontamos os conceitos de família, de papéis, e papéis de gênero, encontramos referência de homens como provedores e mulheres como cuidadoras, e esses papéis como referência para a relação na família, em que a divisão é sustentada por eles, assim como a ideologia também seria usada para sustentar esse modelo.

Para discutir sobre o tema central primeiramente abordaremos os papéis sociais, apontando alguns teóricos que trazem conceitos sobre o assunto. Posteriormente trataremos da família, apontando o conceito de família que utilizaremos, alguns conceitos gerais e

apontamentos sobre a história relacionada ao tema. Em seguida discutiremos os papéis de gênero no contexto familiar, apontado conceitos sobre os papéis de gênero e como eles são estabelecidos quando se trata do ambiente familiar. Em seguida mudaremos o foco para a ideologia, com os principais teóricos, conceitos e teorias, que nos auxiliaram a enquadrar a ideologia relacionada a divisão de papéis na família. Finalmente, terminaremos a parte teórica relacionando esses temas.

PAPÉIS SOCIAIS

Na psicologia social, o termo ‘papel’, origina-se de uma metáfora teatral, em que papéis prescrevem e explicam comportamentos, presumindo que as pessoas ocupam posições sociais que envolvem expectativas para seus comportamentos e de outras pessoas (Biddle, 1986). Papéis são comportamentos característicos das pessoas de acordo com o contexto (Biddle, 1979), e papel social refere-se às expectativas compartilhadas que são aplicadas aos membros de determinada categoria social ou que ocupam certas posições sociais (Eagly, Wood, & Diekman, 2000).

Eagly, Wood, e Diekman, (2000) consideram o conceito de papel central nas ciências sociais por permitir analisar a relação entre o indivíduo e sociedade. Biddle (1979) aponta alguns teóricos que se referem ao termo papel a partir de conceitos diferentes, como Levy, que conceitua os papéis como posições relacionadas à estrutura social; Parsons, que os toma como algo que os atores fazem na relação com os outros; Cottrel, que trata os papéis como respostas condicionadas; já Bates, por sua vez, os concebe como normas sociais; e Linton relaciona os papéis às atitudes, valores e comportamentos que são atribuídos a todas as pessoas, pela sociedade, de acordo com o status social. Biddle afirma ainda que alguns autores não tomam o conceito como padrões comportamentais, simplesmente, mas

expectativas que causam esses padrões, ou comportamentos inerentes à interação com outras pessoas.

Outro autor que se refere a papéis é Goffman (2002), que o relaciona a aspectos teatrais e o compara a questões sociais de forma a afirmar que o indivíduo em nossa sociedade é um personagem. E esse indivíduo “pode envolver profundamente o seu eu, em sua identificação, com um determinado papel, instituição ou grupo, e em seu conceito de si mesmo como alguém que não rompe a interação social ou desaponta as unidades sociais que dependem dessa interação” (p. 222-223). Para o autor, os indivíduos interagem socialmente através dos papéis que desempenham, seja em instituições ou grupos dos quais faça parte, e esse papel é como ele representa a si mesmo perante a sociedade.

Biddle (1979) aponta que há diversas perspectivas para o conceito de papéis sociais. Baseando-se em definições desse conceito, o autor indica implicações e características do termo como: 1) São comportamentais, pois o conceito envolve ações que podem ser observadas; 2) São realizados pelas pessoas, pois envolve os comportamentos dos seres humanos, o que exclui forças da natureza, deuses, animais; 3) São, normalmente, limitados por algum contexto específico, e apesar dos estudos não é possível representar todos os comportamentos desempenhados pelas pessoas diariamente, em todos os contextos, pois os mesmos variam; 4) São comportamentos característicos de um conjunto de pessoas e contexto. A teoria dos papéis estuda o comportamento das pessoas de acordo com o contexto, e vários processos que produzem, explicam e são afetados por esses comportamentos (Biddle, 1979).

As divisões de sexo e gênero constituem uma dimensão importante para diferenciar posições sociais, e a teoria dos papéis, portanto, também pode dar contribuições voltadas para as crenças que as pessoas têm sobre as diferenças entre os gêneros e a atuação destes no

contexto social, como um esforço para entender as causas das diferenças e similaridades sexuais que se refletem no comportamento social (Eagly, Wood, & Diekman, 2000).

Parsons e Bates foram pioneiros ao utilizar o termo papel em uma perspectiva sociológica através da análise funcionalista de papéis de gênero como expectativas para o comportamento de homens e mulheres, e sua relação com os diferentes papéis na família (Eagly, Wood, & Diekman, 2000; Eagly & Wood, 2011). Mais recentemente, alguns autores como Eagly e Wood (2011), Poeschl (2010), Matias, Andrade e Fountaine (2011) utilizam o termo papel de gênero para se referirem aos papéis atribuídos a homens e mulheres, enquanto Negreiros e Féres Carneiro (2004) utilizam papel sexual, e Formiga e Camino (2001), Monteiro, Agostino e Daniel (2014) utilizam ambos os termos de forma sinônima. Diante dessas diferenças, optamos por utilizar gênero, ou papel de gênero, pois o termo vai além do sexo biológico e se propõe como uma ferramenta de análise social e política que não nega as características biológicas e a diferença dos corpos de homens e mulheres, mas enfatiza a construção social, histórica e política relacionada às características sexuais para redirecionar ao social e as relações de desigualdade entre os sujeitos (Louro, 2003).

Conforme Negreiros e Féres-Carneiro, (2004), através da relação entre papel social e as diferenças de gênero há os papéis sexuais como comportamentos relacionados a um dado contexto, mas configurados ao que é pertinente aos homens e mulheres de acordo com esse contexto. As autoras afirmam, ainda, o papel sexual como expressão pública da identidade sexual, e essa identificação como “processo através do qual se assimila um aspecto, um atributo, uma característica, uma imagem, um traço do outro” (p. 36), e através dela o ser humano se constitui psicologicamente e determina suas práticas sociais.

A família é um contexto que nos permite avaliar as relações entre os homens e as mulheres. Para Henriques, Féres-Carneiro e Magalhães (2006, p. 327) a família é entendida

como “mediadora entre o indivíduo e a sociedade”, em que as “funções familiares podem ser alteradas de acordo com as pautas de mudanças imprimidas pelo sistema social” (p.328). Nesse sentido, é necessário pensarmos a família de modo geral, com seu histórico, conceitos e demais apontamentos teóricos.

FAMÍLIA

Dentre diversas abordagens conceituais e teóricas ligadas à família, através de Prado (1981, p.7) encontramos um sentido mais didático e generalista em que família “significa pessoas aparentadas que vivem em geral na mesma casa, pai, a mãe e os filhos, ou ainda, pessoas de mesmo sangue, ascendência, linhagem, estirpe ou admitidos por adoção”. Trata-se de um sentido amplo, e para que possamos estabelecer os aspectos de família que tomaremos nesse trabalho é necessário que pensemos através do desenvolvimento histórico de família.

O conceito de família e as primeiras teorizações acerca dessa instituição social podem ser atribuídos à era medieval, em que a Igreja, com o intuito de controlar os impulsos sexuais e assegurar a manutenção dos bens através da linhagem, instaurou regras e normas para a família (Ariès, 1981, Del Priore, 2006). A família, na Idade Média, tinha por finalidade assegurar “a transmissão da vida, dos bens e dos nomes, mas não penetrava muito longe na sensibilidade” (Prado, 1981, p.275), não se relacionava a emoções ou amor. Era um modelo regido pela Igreja que estruturava a família através do casamento, instituído para a transmissão do patrimônio (Del Priore, 2006). Em meados do século XVI, a família era retratada em torno de uma mesa em que a figura do pai era tomada de forma central, e a mãe, a seu lado, servia a mesa, destacando a dominância no âmbito familiar, em que a figura de autoridade é representada pelo marido, e mulher e filhos são submetidos a ele (Del Priore, 2006, Ariès, 1981). No período medieval o sentimento relacionava-se à manutenção da

linhagem, e foi substituído pelo modelo moderno de família, onde o pai é tido como chefe desta (Ariès, 1981), todos os membros deviam obediência e respeito a ele, que deveria proteger, vigiar e corrigir (Ponciano & Féres-Carneiro, 2003).

A primeira configuração de família moderna pode ser atribuída às famílias dos homens ricos, em que a casa grande, característica das famílias rurais durante o Brasil Colonial, desempenhava uma função pública, semelhante ao que conhecemos atualmente como reunião de família. Em torno do século XIX, percebe-se a formação de um sentimento em torno da família formada por pai, mãe e seus filhos, em que as transformações relacionam-se à mudança na relação com a criança, que passa a ser inserida nas atividades domésticas, e a defesa do casamento por amor. A educação das crianças era de responsabilidade de alguma outra família a partir dos sete anos, mas posteriormente essa atribuição foi assumida pela escola, que passa a ser uma forma de iniciação social. Com a participação da criança nas relações familiares, e a preocupação dos adultos com a educação e o futuro delas de modo geral, deu-se a principal característica da família moderna (Ariès, 1981, Ponciano & Féres-Carneiro, 2003).

A família se constituiu como conceito através do casamento, e com o divórcio outras configurações familiares surgiram. Embora no século XIX o divórcio fosse considerado imoral, nos anos 2000 ele é cada vez mais comum (Del Priore, 2006), e juntamente com outras transformações sociais e tecnológicas, interferiu no conceito de família e nas novas configurações familiares que temos hoje. As principais mudanças na família foram devidas à entrada da mulher no mercado de trabalho, mudança esta ocasionada por uma necessidade mais econômica que ligada a cidadania, que teve como consequência “casamentos mais tardios, diminuição no número de filhos, maior independência por parte das mulheres e

aumento dos conflitos gerados pela busca da igualdade de direitos” (Jablonski, 2010, p.265), além de mudanças como:

mulher oficial de forças armadas, homem dono de casa, mãe e pai solteiros, mulher chefe de família, casais homossexuais masculinos ou femininos, parceiros masculinos mais jovens, casal sem filhos por opção, produção independente, bebê de proveta e demais possibilidades que a evolução científica permite ou está em vias de possibilitar, tal como a discutida clonagem humana (Negreiros & Féres-Carneiro, 2004, p. 39).

Henriques, Féres-Carneiro, e Magalhães (2006) apontam que convivemos com três tipos de família: a tradicional, com o pai como figura de autoridade; a moderna, centrada nos afetos; e a pluralística, caracterizada por novos arranjos. Embora tenhamos diferentes arranjos familiares há uma socialização e reprodução do modelo de família nuclear burguesa, composto por pai, mãe e filhos, modelo que ainda estrutura a sociedade. Embora haja outras configurações familiares, e elas tenham mais visibilidade que em tempos anteriores, o modelo nuclear, apesar de ter sido questionado, não foi substituído, e se mantém através da transmissão entre as gerações e pela formação da identidade humana segundo esse modelo (Ponciano & Féres-Carneiro, 2003). Mesmo que esse modelo de família, em que o pai é voltado para o trabalho e a mulher para o lar e os filhos de forma exclusiva, não seja mais hegemônico, essa configuração persiste enraizada ao imaginário social e contribui para estabelecer os papéis de gênero e ideais de casamento (Jablonski, 2010).

Para este trabalho tomaremos como referência o modelo de família nuclear, pois a sociedade ainda se estrutura, majoritariamente, através desse modelo, e pretendemos

questionar a divisão dos papéis sexuais dessa configuração. Em seguida, apontaremos sobre os papéis de gênero na família e os principais conceitos e teorias relacionados ao tema.

PAPÉIS DE GÊNERO NA FAMÍLIA

Os papéis, conforme já apontamos, relacionam-se às expectativas sociais, e os papéis de gênero atribuem essas expectativas aos homens e as mulheres. Parsons e Bales afirmam que os papéis de gênero refletem uma distribuição social de homens no papel de chefe de família e mulheres no de dona de casa (Eagly, Wood, & Diekman, 2000). Mas antes de entrarmos nesse assunto, é pertinente discutir mais detalhadamente o conceito de gênero.

Segundo Scott (1986, p. 1053) gênero pode ser entendido como “uma forma de se referir a uma organização social das relações entre os sexos”, em que se designam regras para masculino e feminino, e se referem, de modo geral, às relações sociais entre os sexos. O termo foi usado primeiramente entre as feministas norte-americanas, por insistirem que as distinções baseadas no sexo eram fundamentadas socialmente, e por rejeitarem o determinismo biológico implícito na palavra sexo ou diferença sexual. Para D'Amorim (1989), expectativas sociais são internalizadas pelos indivíduos sobre o que é apropriado para os membros de cada grupo sexual e o somatório de tais características psicossociais é entendido como gênero. Tanto gênero quanto papéis relacionam-se às expectativas.

As diferenças e igualdades de gênero são determinadas com base nos processos biológicos e psicológicos que diferenciam os seres humanos, em especial a reprodução feminina e a força física masculina, e dentre os processos biológicos se incluem as flutuações hormonais (Eagly, Wood, & Diekman, 2000; Eagly & Wood, 2011; Wood & Eagly, 2012). Há diferenças genéticas, biológicas, hormonais, psicológicas e físicas entre ambos os sexos,

porém, em sociedades complexas, tais diferenças interagem com a economia e desenvolvimento tecnológico para garantir a dominação masculina, dando status e poder aos homens (Eagly, Wood, & Diekman, 2000; Eagly & Wood, 2011; Wood & Eagly, 2012).

Butler (2003) posiciona as relações de gênero sob o olhar da performatividade, em que as ações requerem performances repetidas e “essa repetição é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação” (p.200). Embora seja feita individualmente, é uma ação pública. Ou seja, a repetição de uma performance faz com que por ela ser carregada de significado cultural tenha uma abrangência coletiva e mantenha a polaridade do gênero. A repetição das configurações de gênero, da performatividade, também consolidaria os significados que as embasam.

Conforme Bourdieu (2002), a divisão social com base nos órgãos sexuais é mais que um registro de propriedades naturais, é produto de uma construção detalhadamente orientada para a acentuação de alguns aspectos e obscurecimento de outros. A diferença entre os órgãos masculino e feminino é visível, porém a dominação a partir de um princípio que estabelece o masculino como referência que gera a divisão pode ser questionada. A relação de dominação é legitimada pela inscrição da natureza biológica em uma construção social naturalizada:

A diferença biológica entre os sexos, isto é, masculino e feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho [...] O princípio da visão social que constrói a diferença anatômica e que é esta diferença socialmente construída que se torna o fundamento e a caução aparentemente natural da visão social que a

alicerça, caímos em uma relação circular que encerra o pensamento na evidência de relações de dominação inscritas ao mesmo tempo na objetividade sob forma de divisões objetivas, e na subjetividade, sob forma de esquemas cognitivos que, organizados segundo essas divisões, organizam a percepção das divisões objetivas. (Bourdieu, 2002, p. 19).

Podemos perceber, conforme trecho acima, que as características anatômicas servem para mascarar a dominação relacionada aos sexos, pois se inscrevem na visão das pessoas, naturalizam e legitimam as diferenças, por se embasar em algo concreto e real das diferenças físicas entre homens e mulheres, para estabelecer uma hierarquia e desigualdade. Assim, a desigualdade de gênero “traduz o fato de mulheres e homens não terem as mesmas oportunidades e resultados na vida em sociedade nos vários domínios como educação, saúde, trabalho e emprego, família, em resultado das relações sociais de gênero que estruturam e condicionam a vida de uns e outros” (Monteiro, Agostino, & Daniel, 2015, p. 426). Com a constituição da família na Idade Média foram estabelecidas funções para os homens e mulheres através do casamento, em que as esposas eram submetidas às vontades do marido e tais funções ainda interferem na vida atualmente. As desigualdades são fundamentadas através de mecanismos que utilizam o discurso das diferenças biológicas para justificá-las e criar um sistema de poder hierárquico que abranja todas as esferas sociais. Há relação entre as desigualdades de gênero com as relações de poder, bem como a violência simbólica (Vannuchi, 2010).

Os membros do casal e da família tendem a reproduzir aspectos relacionados ao estilo de vida do seu progenitor; a forma como os papéis familiares foram desempenhados pelos próprios pais interferem e predispoem os filhos a agirem de forma semelhante (Villas-Boas,

Oliveira, & Las Heras, 2014). Eagly, Wood e Diekman, (2000) afirmam que as diferenças entre os homens e as mulheres relacionam-se com o comportamento social baseado nas diferenças, e afirmam ainda que Parsons e Bales em suas pesquisas assumem que os papéis de gênero de modo geral refletem a distribuição da sociedade em homens no papel de chefe de família e mulheres como donas de casa.

As mulheres são apontadas como as que têm maior prejuízo com a divisão por gênero, e percebe-se que para elas as transformações no Brasil, nas últimas décadas, ocorreram em especial na saúde, direitos reprodutivos, educação, política e mercado de trabalho. Porém, tais mudanças não foram suficientes para estabelecer a igualdade de gênero. Tal constatação pode ser percebida através da divisão sexual do trabalho doméstico, bem como na manutenção de valores tradicionais (Simões & Matos, 2010, pp. 37-38), pois houve poucas mudanças quando se refere à divisão do trabalho doméstico. A sociedade, ou o sistema socioeconômico, favorecem que, geralmente, a mulher perca mais poder que o homem (Wood & Eagly, 2012).

Com a entrada da mulher no mercado de trabalho tem-se questionado, frequentemente, a direção das demais tarefas, anteriormente desempenhadas por elas de forma exclusiva, considerando a distribuição do tempo e das responsabilidades dos homens e mulheres no trabalho pago e não pago, sendo este último realizado em sua maioria expressiva pelas mulheres (Villas-Boas, Oliveira, & Las Heras, 2014). Mesmo que a mulher trabalhe e não exerça as tarefas domésticas, e as mesmas sejam realizadas por outras pessoas, essas tendem a ser mulheres, como empregada ou filha, ou seja, esse tipo de atividade é considerado preferencialmente como função feminina. As mulheres continuam a desempenhar o trabalho doméstico mesmo que desempenhem estas tarefas como trabalho pago (Bourdieu, 2002; Villas-Boas, Oliveira, & Las Heras, 2014). Portanto, não é “o fato de trabalharem que dá às mulheres a possibilidade de se perceberem como autônomas, independentes ou singulares,

como sujeitos, porque, de acordo com o universo simbólico que regula os modos de ser correspondentes aos sexos, essas dimensões têm um significado masculino cuja mudança não depende apenas do trabalho das mulheres” (Oliveira & Amâncio, 2002, p. 57)

Poeschl (2010) reforça tal perspectiva ao afirmar que com a inserção da mulher no trabalho formal não mudaram as práticas familiares, pois as mulheres ainda contribuem significativamente mais que os homens para as tarefas domésticas. E aponta ainda que há referências de que as mulheres gastam menos tempo para a realização das tarefas domésticas que em períodos anteriores, porém esta mudança não se deve à maior participação do homem nessas tarefas, mas a uma redução na demanda de tempo para a realização das mesmas, como o desenvolvimento tecnológico nesse setor, com a criação de utensílios como a máquina de lavar roupas, por exemplo. Não há uma relação direta entre o salário das mulheres com a diminuição do trabalho familiar. Há uma explicação relacionada à “ideologia dos papéis de gênero, que defende que a divisão desigual do trabalho doméstico provém dos cônjuges terem internalizado as crenças relativas aos papéis familiares, que sustentam que os homens devem fazer menos que as mulheres em casa” (p. 30). E ainda, mesmo que um dos cônjuges tenha um posicionamento mais igualitário quanto à divisão do trabalho familiar, as mudanças no comportamento ocorrem quando os dois cônjuges partilham desse ideal de igualdade. Há uma cobrança maior de mulheres que não se envolvem com as atividades familiares, ou que priorizam a vida profissional, e estas também aderem às ideologias que estabelecem diferenças sociais, pois a divisão do trabalho relaciona-se diretamente com as normas sociais dos papéis de gênero.

Por tratar de relações de poder e sua manutenção, aspectos contemplados nas relações de gênero na família, o conceito de ideologia mostra-se pertinente para entender essas

relações e a divisão de papéis de gênero. Cabe agora detalhar o que queremos dizer com esse conceito.

IDEOLOGIA

De acordo com Chauí (2001), a ideologia é o conhecimento sobre a realidade que tem sua origem arbitrária ocultada, fazendo com que as pessoas creiam que as características da sociedade são determinadas e provenientes de entidades exteriores a elas, como Deus, a Natureza, a Ciência, e outros, tornando-se legítimo que se submetam a essas esferas. Assim, as ideias dominantes são incorporadas, naturalizadas, e negadas quanto à responsabilidade de todos para a sua reprodução e solidificação na consciência social. A mesma autora afirma que não é possível estabelecer a história da ideologia, pois a mesma permeia a História de modo geral. Mas, se pensarmos em processo histórico, é possível perceber alguns aspectos importantes relacionados à construção do conceito de ideologia.

O termo ideologia foi usado pela primeira vez por Destutt de Tracy, entre o final do século XVIII e início do século XIX, para atribuí-lo como objeto da teoria genética das ideias, e explorar esta ciência através de uma disciplina chamada sociologia do conhecimento (Jost, 2006; Nafstad & Blakar, 2012; Jost, Nosek, & Gosling, 2008). Ele afirmava que para o conhecimento das coisas em si mesmas não seria possível apenas conhecer as ideias como se apresentavam, mas através de estudo e análise das mesmas, garantir-se-ia um conhecimento científico de forma segura (Thompson, 1995).

Posteriormente, o termo ideologia foi adaptado por Marx e Engels para se referir a um sistema usado para explicar ou justificar a sociedade, uma rede de ideias que são distorcidas, contrárias à realidade e motivo para falsas consciências e ilusão (Marx & Engels, 2009; Jost,

2006). Com o marxismo o conceito foi considerado para análise de como a sociedade era estruturada, estabilizada e sustentada, e como um grupo de pessoas no poder impunha certas visões de mundo. Por essa perspectiva, a ideologia pode ser definida como um sistema de ideias elaboradas para a compreensão da realidade social a fim de dissimular e ocultar o domínio de um grupo sobre outro (Marx, & Engels, 2009).

Eagleton (1997) afirma que a ideologia está diretamente ligada à legitimação do poder da classe dominante, que se dá através da promoção de crenças e valores, tornando-os naturais e universais. A ideologia também denigre ideias que a desafiem, excluem pensamentos rivais, e obscurecem a realidade social. Para que se perceba veracidade na ideologia ela deve dar algum significado à experiência das pessoas, em que sua validade, o que ela é ou não, está ligada ao sistema de crenças e poder. Ela refere-se, também, “aos modos como os signos, significados e valores ajudam a reproduzir um poder social dominante, mas também pode denotar qualquer conjuntura significante entre discurso e interesses políticos” (p. 193), em que a mesma é concebida como um sistema, ou mecanismo, que serve aos interesses políticos, devido à sua função principal de fazer com que se acredite em ideias sem que sua origem e a função real sejam reveladas.

Gramsci (2000) é autor da teoria da hegemonia e, segundo interpretação de Eagleton (1997, p. 109), afirma que as “ideologias devem ser vistas como forças ativamente organizadoras que são psicologicamente válidas, moldando o terreno no qual homens e mulheres atuam, lutam e adquirem consciência de suas posições sociais”. O conceito de hegemonia significa liderança política baseada em um consenso assegurado pela difusão e popularização da visão de mundo (Gramsci, 2000). A hegemonia funciona para promover o conformismo e seria, basicamente, um acordo que gera um consenso espontâneo (Gramsci, 2000; Nafstad & Blakar, 2012). Logo, a relação entre hegemonia e ideologia consiste na

hegemonia buscar um consenso, uma uniformização da visão de mundo para manter a liderança política, que se dá através da ideologia, que ofusca esses interesses políticos e transforma as ideias em unidade. Ou seja, as ideias hegemônicas, relacionadas à liderança política, cumprem função ideológica ao promover a legitimação e manutenção do poder.

Por sua vez, Althusser (1996) aponta como aspecto central de sua teoria os Aparelhos de Estado, instituições que garantem a manutenção do poder, e dentre eles estão os Aparelhos Repressivos de Estado, que buscam assegurar o poder principalmente pela violência, como a polícia e o exército, e os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs), que são mecanismos usados pelo Estado para promover e manter suas ideias, e que funcionam através da ideologia. Exemplos de AIEs incluem religião, escola, família, poder jurídico, poder político, sindicatos e empresas de comunicação. Durante a Idade Média a Igreja incorporava várias das funções atribuídas atualmente a outros Aparelhos Ideológicos de Estado, além das funções religiosas, as escolares, de informação e cultura, e ainda possuía grande influência na família. Para Althusser, o aparelho ideológico dominante em meados do Século XX era o escolar; o par escola-família substituiu o par Igreja-família, devido à escola se apresentar de forma neutra, supostamente não inserida em um discurso dominante, sendo que seus saberes se inserem na ideologia dominante e exercem grande influência sobre as pessoas, pois potencialmente todas as crianças na formação social devem passar pela escola, e algumas técnicas, como cultura científica e literária, bem como normas de bom comportamento, regras de moral, consciência cívica e profissional, e as normas estabelecidas pela dominação de classe, são repassadas nesse ambiente (Althusser, 1996). Assim, várias instituições sociais, como a escola, tem função de sustentar o poder através da difusão da ideologia, cujas ideias são apontadas como normas sociais, para promover o consentimento e gerar práticas condizentes a elas, ofuscando a origem dessas ideias.

Aprofundando a função ideológica do sistema escolar, Bourdieu (2007) aponta a escola como local de transmissão do patrimônio cultural e consequentemente da ideologia. Bourdieu e Passeron (1982) usam o termo violência simbólica para se referir às imposições sem coações físicas que interferem moral e psicologicamente no sujeito, sem que o mesmo se dê conta disso. A estrutura da distribuição de capital cultural, isto é, os conhecimentos culturalmente valorizados, tem papel importante para essa violência e assegura a reprodução social de cada classe e da estrutura das relações de força. Há, apenas, variação histórica em relação aos instrumentos, simbólicos ou não, utilizados para assegurar e perpetuar o domínio de um grupo ou classe. Há um crescimento do papel e poder da escola para assegurar a reprodução social. O sistema de ensino institucionalizado deve ser capaz de produzir as condições institucionais de produção de um *habitus*, entendido como um sistema que estrutura as práticas e representações de forma objetiva, regular, e produz um senso comum, que irá reforçar essas práticas. O *habitus* corresponde às concepções e percepções da realidade social comuns aos membros de um determinado grupo ou classe (Bourdieu, 1977). O autor se relaciona às ideias de Althusser por também acreditar que a escola é uma instituição importante e potente na reprodução e manutenção da ideologia em especial pela sua abrangência: as crianças são inseridas, obrigatoriamente, no sistema de ensino desde a infância até o início da vida adulta, local este em que lhes são transmitidas as normas sociais, cultura e disciplinas curriculares. Tal potencialidade se deve em especial ao discurso de neutralidade em que os sistemas de ensino estão inseridos, o que lhes confere autonomia para influenciar na vida das famílias e consequentemente de toda a população, pois todos passam pela escola.

Outro autor clássico sobre a ideologia é Thompson (1995), que relaciona o conceito de ideologia sob duas visões, uma descritiva, e considerada neutra, sem julgamento, enquanto

outra está ligada às relações de poder e dominação. Aponta ainda que nem todo fenômeno simbólico é ideológico, apenas o é quando serve para fins de reprodução ou manutenção da dominação, em que poder é uma capacidade dada às pessoas de forma social ou institucional, e dominação quando esse poder é dado a um grupo de forma permanente (Guareschi, Roso, & Amon, 2016). Thompson (1995) conceitua ideologia como um sistema de crenças, pensamentos, símbolos que se referem à prática política e à ação social e que sustenta e estabelece relações de poder, dominação, em que formas simbólicas, como os meios de comunicação, são usadas para criar e reproduzir essas relações de dominação.

Zizek (1996), para definir ideologia, afirma que esta não é um mecanismo homogêneo para a reprodução social, mas um processo heterogêneo e interligado de alcance localizado, no indivíduo, que engloba aspectos íntimos e específicos desse. A sociedade contemporânea, através da mídia, estetiza a percepção da realidade, de forma a apreendermos não o real, mas uma imagem romanceada dos fatos, sobrepondo-os a fim de favorecer alguns e ofuscar outros, distorcendo a imagem da realidade.

Tais aspectos fazem o autor supor que:

a única postura não ideológica consiste em renunciar à noção mesma de realidade extraideológica, e em aceitar que tudo com que lidamos são ficções-simbólicas, com uma pluralidade de universos discursivos, e nunca com a ‘realidade’, mas essa solução ‘pós-moderna’, rápida e astuta, é a ideologia por excelência (Zizek, 1996, p.22).

Para que se alcance uma postura ‘não-ideológica’ deve-se evitar apontar alguma versão como realidade no lugar de outra ideologia, pois ao fazer isso cai-se novamente na ideologia. Ao se pensar e caracterizar algo como ideológico, certamente o seu contrário

também é ideológico. A crítica da ideologia tem como tarefa “discernir a necessidade oculta, naquilo que se manifesta como mera contingência” (Zizek, 1996, p.10). Ao contrário da mudança das relações sociais, busca-se a aceitação da realidade social. Há um paradoxo: à medida que buscamos uma saída da ideologia tornamo-nos escravos dela. É necessário desvincular a ideologia da ilusão, pois a ilusão lhe é intrínseca, de forma que mesmo que haja consciência de sua reprodução, a ideologia é entendida como algo natural, de forma que mesmo sabendo continua-se a fazê-lo. No contexto do discurso, “a própria ideia de um acesso à realidade que não seja distorcido por nenhum dispositivo discursivo ou conjunção com o poder é ideologia, em que, o ‘nível zero’ da ideologia consiste em (des) apreender uma formação discursiva como um fato extradiscursivo” (p.16). Os fatos se relacionam a uma rede de mecanismos discursivos. Assim também, Eagleton (1997) afirma que caso possa se atribuir algum valor, ou funcionalidade à teoria da ideologia, ele consiste em auxiliar no esclarecimento dos processos pelos quais pode-se ter uma libertação diante de tais crenças, ou seja, a função da teoria da ideologia é que possamos nos libertar dela.

Para Jost (2006) a potencialidade para a ideologia é inerente à constituição humana, e embora as pessoas possam pensar sobre a superação desse tipo de ideia e busquem se comportar de forma diferente, são bombardeadas por recursos carregados de conceitos ideológicos como programas de televisão, propagandas, sites, dificilmente se livrando de tais recursos e consequentemente da ideologia. Tal afirmação relaciona-se à de Augoustinos e Walker (1995), que apontam a linguagem e o discurso como permeados por ideologia, em que a linguagem é o meio pelo qual as relações de poder são comunicadas, a dominação é criada e sustentada. Na mesma linha, para Nafstad e Blakar (2012) as palavras nunca são neutras quando se referem à sociedade, além de representar aspectos materiais e sociais, refletem

perspectivas particulares, que são expressas como interesses de outros (Nafstad & Blakar, 2012).

Bourdieu (2012) afirma que as ideologias servem a interesses particulares que tendem a se apresentar como interesses individuais, comuns a um conjunto do grupo. O poder ao qual nos referimos na ideologia é visto como um poder simbólico, um poder invisível “o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (p. 7-8).

Os aspectos abordados até o momento sobre a ideologia, em especial o conceito referente à incorporação de crenças que legitimam a manutenção e naturalização da ordem social tal como temos, nos remetem ao aspecto principal a que tomaremos como referência, que é a dominação. A ideologia interfere na vida cotidiana, sustenta as relações de dominação e de poder, e nos remete às instâncias que sofrem interferência dela, como as relações entre homens e mulheres, e consequentemente a família.

IDEOLOGIA E A DIVISÃO DE PAPÉIS NA FAMÍLIA

A ideologia é um conceito importante diante da dinâmica social na qual estamos inseridos e relaciona-se às relações de poder, e isso inclui também as relativas aos homens e mulheres. Bourdieu (2002) afirma que a oposição entre masculino e feminino é inserida em um sistema de oposições homólogas para fundamentar a divisão das coisas e atividades a partir dessa perspectiva, e a naturalização dos esquemas, que são construídos. Assim, a divisão entre os sexos é inscrita na ordem social e as diferenças são naturalizadas. O corpo é tomado como princípio que fundamenta essa divisão sexualizada, pois é a partir da divisão anatômica que a divisão social de gênero se sustenta, por meio de uma operação de

extrapolação do anatômico ao social. Tal perspectiva se relaciona diretamente com os mecanismos ideológicos que funcionam pela mesma lógica, permitindo-nos relacionar ambos os conceitos.

Tendo como base as relações de poder que estabelecem as diferenças entre homens e mulheres, estas não se relacionam apenas a um nível intelectual do conceito, mas também comportamental, através dos papéis desempenhados por todos em diferentes contextos. Esse termo oriundo da teoria dos papéis consiste em uma das mais importantes características do comportamento social, baseada no fato de os seres humanos de comportarem de formas diferentes e previsíveis de acordo com a situação ou contexto. Assim, os saberes comuns sobre os homens e as mulheres constituem representações sociais, isto é, conhecimentos elaborados por grupos e compartilhados e disseminados por seus integrantes, que se alimentam dos valores, crenças e ideologias dominantes e que adquirem sentido através da objetivação das diferenças entre os sexos (Amâncio, 1993).

Já para Judith Butler:

O fato de a realidade do gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeira ou permanente também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória (2003, p. 201).

Para a autora, as performances contribuem para a formação de crenças que baseiam as ações e promovem consensos. Essas performances seriam entendidas como estratégias para

ocultar a dominação masculinista e a heterossexualidade, pois há um consenso sobre a forma de agir, que se relaciona às concepções sobre papel social e ideologia, em que as ações que denominamos anteriormente de papéis, enquanto Butler as chama de performances, são incorporadas ao social como um senso comum apontando a forma de ocultar as relações de poder relacionadas a elas.

As ideologias sociais e crenças legitimam a desigualdade social com base nas diferenças sexuais (Eagly & Wood, 2011), portanto, têm papel importante e evidente no trabalho profissional e familiar, sendo vistas como legítimas, naturais, e ideologicamente aceitáveis para a “distribuição dos direitos, poder e responsabilidades” (Matias, Andrade, & Fountaine, 2011, p. 12). Podemos perceber que o espaço doméstico funciona como um local onde a desigualdade de gênero se mantém.

Sendo assim, para que possamos falar sobre a desigualdade de gênero na família é central nos basearmos na divisão do trabalho doméstico, sendo este a chave para a manutenção dessas diferenças (Parsons, 1942). Autores como Araújo e Scalon (2005), Parsons (1942), Greenstein, (1996), Eagly e Wood, (2011) apontam que a divisão de papéis na família é centrada no entendimento de que as mulheres são voltadas para o cuidado com a casa e com os filhos e os homens devem prover o sustento, ou seja, a mulher como cuidadora e o homem como provedor.

Não pretendemos negar as mudanças ocorridas nas relações de gênero, especialmente com o aumento evidente da mulher no mercado de trabalho e as novas configurações familiares, mas percebemos que pouca ou nenhuma mudança ocorreu quando se refere ao trabalho doméstico (Matias, Andrade, & Fountaine, 2011; Parsons, 1942). Podemos perceber a naturalização dessas diferenças através de pesquisas como a de Poeschl (2000), realizada através de questionário com 178 jovens solteiros e 193 adultos casados, de nacionalidade

portuguesa, em que os mesmos apontavam sua opinião sobre questões relacionadas à divisão de tarefas e a vida familiar. Para análise foram tomadas duas dimensões: trabalho doméstico e tomada de decisão, e os resultados demonstraram fraca participação masculina e maior participação feminina nas tarefas domésticas. Além disso, embora os maridos tenham pouca participação no lar, quando isso ocorre é em assuntos relacionados a lazer e orçamento. Através dos resultados a autora infere que a vida familiar leva as mulheres a dois discursos diferentes: mulheres casadas se conformam com o ponto de vista dos homens e tendem a aceitar seu papel na organização familiar, enquanto as jovens solteiras se distanciam do tradicional, ao apontar discursos mais igualitários tanto em relação ao papel da mulher quanto ao conceito de família; porém, há uma sugestão de que quando forem adultas e mães, as jovens assumirão o pensamento das respondentes adultas. De modo geral, a autora conclui que há um consenso quanto a mulheres trabalharem mais em casa que os homens, terem menor poder de decisão sobre o lazer e o orçamento da casa, e maior decisão sobre a casa, lar, e os filhos.

Outra pesquisa dessa mesma autora, realizada com 214 adultos, teve os sujeitos respondendo a um questionário que apresentava duas situações hipotéticas entre um casal. Cerca de dois terços dos respondentes acreditavam ser justo que a mulher que não trabalha assuma a totalidade das tarefas domésticas quando o cônjuge trabalha, mas que, em circunstâncias iguais, os homens exerçam metade das tarefas. Aponta-se que em situação de desemprego seja justo que um contribuía mais da metade que o outro (Poeschl, 2010).

Podemos relacionar essas duas pesquisas com os apontamentos de Greenstein (1996) que através de estudos afirma que embora as mulheres realizem a maioria do trabalho familiar, doméstico, a maioria vê essa divisão como justa. E aponta também duas conclusões sobre a divisão desse trabalho: (1) as mulheres são responsáveis pelo trabalho doméstico

muito mais que os maridos, e (2) dentro da família os tipos de tarefas realizadas pelos homens e mulheres são diferentes, em que, normalmente, a mulher realiza tarefas como lavar, cozinhar e limpar e o homem as relacionadas a manutenção e pequenos reparos. Essas afirmações portanto confirmam aspectos já apontados anteriormente.

Villas-Boas, Oliveira e Las Heras (2014) realizaram um estudo com 378 estudantes de nível superior, distribuídos entre todos os cursos de uma universidade, através de um questionário para verificar a percepção sobre a divisão das tarefas domésticas no âmbito familiar do estudante, e a tendência dele em reproduzir o modelo de referência. Os resultados demonstraram que cerca de 67% das famílias têm a mãe como desempenhando a maioria das tarefas domésticas, e em apenas 1% o pai desempenha a maioria delas. As jovens, filhas, que têm como referência um modelo em que a mãe desempenha prioritariamente as tarefas domésticas, rejeitam, em sua maioria, esse modelo. O modelo que os estudantes afirmam pretender seguir é o que as tarefas são divididas entre ambos (70,39%), o que se contrapõe à intenção de reproduzir, em 53%, o modelo de família a qual pertence.

Outra pesquisa relacionada ao tema foi realizada por Jablonski (2010) com 20 membros de casais heterossexuais, residentes na área urbana, de classe média, com menos de 5 anos de união e filhos, em que ambos trabalhem fora. Dentre os aspectos apontados na pesquisa, realizada através de uma entrevista semiestruturada, ao se referir à divisão das tarefas dentro do lar, todos os entrevistados afirmaram contar com apoio profissional, seja empregada, diarista, ou apoio familiar no cuidado com os filhos, relacionado à posição social dos entrevistados. Percebe-se que quando se trata de uma participação masculina no lar, ela se relaciona mais com o cuidado com os filhos que com as tarefas domésticas, e quando os homens o fazem a sua participação é classificada como ajuda. A pesquisa aponta, em concordância a outras pesquisas, que ao relacionar-se às tarefas domésticas os homens são

considerados coadjuvantes, e embora tenham ocorrido mudanças consideráveis ainda há uma distância significativa entre discurso e prática, e uma persistência a modelos tradicionais.

Através das pesquisas apontadas percebemos no ambiente doméstico aspectos referentes à ideologia e aos papéis de gênero de modo relacional, em que:

O espaço doméstico torna-se cenário da reprodução da alienação, visto que é o ambiente onde o estereótipo de gênero – que define este espaço como o espaço feminino – tem uma grande possibilidade de se cristalizar [...] reforçam a ideia do homem como tendo por obrigação, prioritariamente, o seu papel de provedor e a mulher como tendo a obrigação prioritária as funções da casa – cuidados com os filhos e com os afazeres domésticos (Souza, 2010, p. 251).

O aspecto que nos permite relacionar à ideologia consiste na alienação por parte, especialmente, das mulheres, que não percebem a desigualdade, sendo ocultadas e naturalizadas as diferenças permitindo ideias de não divisão ou justiça. Os papéis apontados de cuidadora e provedor são colocados como uma divisão justa e ofuscam uma sobrecarga às mulheres. Lachance-Grzela e Bouchard (2010) apontam o reforço e a naturalização das tarefas domésticas para as mulheres, e relacionam e concordam com os aspectos já apontados. A naturalização dessas ideias aparece também em mulheres professoras do ensino superior, que embora tenham uma maior participação masculina nas tarefas domésticas, especialmente com o cuidado com os filhos, ainda realizam a maioria dessas tarefas e percebem essa divisão como justa, comprovado pela pesquisa de Guimarães e Petean (2012).

Todos os apontamentos até o momento nos trazem a hipótese de que as modificações sociais para as mulheres como o trabalho fora de casa, o direito ao voto, novas formas de família, apenas fizeram com que estas agregassem atribuições a sua responsabilidade com o

lar e os filhos, e não modificaram sua posição na sociedade e muito menos lhe conferiram um lugar de igualdade.

Portanto, esse trabalho visou caracterizar as opiniões e práticas de adultos de Uberlândia-MG sobre a divisão de papéis na família e a relação desta com a ideologia envolvendo o gênero, enquanto um sistema de crenças que se refere às relações de poder e dominação entre homens e mulheres. Além disso, investigamos as modulações dessa percepção a partir de características sociodemográficas dos participantes, tais como a existência de variações nas opiniões dos respondentes de acordo com o gênero, que poderia interferir, dependendo de seu gênero, de modo que a pessoa acredite que aquela atividade é condizente com ela, e conseqüentemente as demais pessoas com o mesmo gênero. O acesso à informação, conhecimento, associado à escolaridade pode conferir uma postura mais ou menos crítica e conseqüentemente interferir na formação das opiniões.

Assim como a escolaridade pode interferir nas opiniões, diferentes faixas de renda relacionam-se a grupos e classes sociais diferentes e ao acesso de alguns a mais ou menos poder econômico e de compra, e conseqüentemente conferem maior ou menor alienação ou reprodução de modelos tradicionais. Além disso, renda maior pode interferir na delegação das atividades dentro de casa, contando com ajuda de terceiros como empregados, e a não divisão entre o casal.

OBJETIVO GERAL

Caracterizar as opiniões e práticas de adultos uberlandenses sobre a divisão de papéis na família e suas relações com aspectos ideológicos associados ao gênero.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Caracterizar as opiniões e práticas de adultos uberlandenses referentes à divisão de despesas, realização de tarefas domésticas, cuidados e educação dos filhos entre homens e mulheres na família;
- Verificar a existência de associações entre as características sociodemográficas e as opiniões e práticas sobre divisão de papéis na família;
- Caracterizar a posição social dos participantes em termos de sexo, idade, renda, escolaridade;
- Analisar implicações ideológicas de eventuais consensos relativos às opiniões e práticas sobre a divisão de papéis de gênero;
- Analisar implicações ideológicas de eventuais associações entre as opiniões e e práticas sobre divisão de papéis de gênero e características sociodemográficas.

MÉTODO

A proposta para este estudo foi uma pesquisa de opinião de cunho quantitativo, também denominada de levantamento de dados, ou *survey*, que busca obter informações, opiniões, características sobre um determinado grupo de pessoas através de questionário (Freitas, Oliveira, Saccol, & Mascarola, 2000; Pinsonneault & Kraemer, 1993). Esta pesquisa teve finalidade exploratória, por se propor a descobrir sobre a população e esclarecer questões pouco exploradas ou abordadas superficialmente sobre o tema, que dificultam formular hipóteses precisas; e finalidade descritiva, a fim de descrever se os fatos percebidos estão ou não condizentes com a realidade a fim de conhecer mais profundamente o assunto (Freitas, Oliveira, Saccol, & Mascarola, 2000). Para Gil (2008) “as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias” (p.27) e as pesquisas descritivas “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (p.28).

A pesquisa fez parte da Pesquisa de Percepções Sociais e Opiniões de 2017 (PEPSO-2017), projeto realizado pelo grupo de pesquisa Eclipse - Laboratório de Ideologia e Percepção Social. Trata-se de uma pesquisa de opinião pública com amostra não-probabilística diversificada em termos de composição, em que adultos são entrevistados em locais públicos e em suas residências. Donsbach e Traugott (2008) apontam que o conceito de opinião pública varia largamente entre campos disciplinares, o que é uma realidade desde o estabelecimento do fenômeno academicamente. Duas definições apresentadas como respectivamente típicas da pesquisa em comunicação e da psicologia social orientam a noção de pesquisa de opinião pública da PEPSO: do ponto de vista da comunicação, opinião pública é entendida como um termo que se refere às opiniões mantidas pelas pessoas; e para uma

perspectiva psicossociológica o tema dá importância especial ao estudo das opiniões consideradas dominantes ou contestatórias numa sociedade.

A PEPSO-2017 tem por temática a ideologia e relações de gênero envolvendo homens e mulheres, e aborda, além da divisão de papéis de gênero na família, tema desta pesquisa, também os conceitos de masculino e feminino e as opiniões sobre atividades de lazer de homens e mulheres.

Participantes

Os participantes são adultos residentes em Uberlândia-MG, perfazendo a amostra total de 649 indivíduos, sendo do sexo masculino 43,6% (N=283), e do sexo feminino, 56,3% (N= 366). A construção da amostra foi por meio de amostragem não-probabilística, que como o nome indica, não se baseia em modelos probabilísticos para compor a amostra, e portanto a probabilidade de um indivíduo compor a amostra é desconhecida. Portanto, é inadequado realizar inferências ou generalizações da amostra para a população (Barbetta, 2001; Guimarães, 2008).

A maioria dos entrevistados, ou seja, 44,2% (N=287) são católicos, seguido pelos evangélicos com 21,2% (N=139), enquanto os espíritas correspondem a 17,5% (N=114). Apenas 8,3% (N=54) informaram possuir outras religiões, seguidos por 7,7% (N=50) que se consideram ateus. Apenas 0,7% (N=5) participantes não responderam a esta pergunta. Dentre os participantes que possuem religião 60,2% (N=391), se afirmaram como praticantes desta religião, enquanto 33,74% (N=219) não se consideram praticantes da religião a qual afirmam possuir.

A renda dos participantes foi considerada até 10 salários mínimos, sendo a maior parte da amostra entre os que ganham de 2 a 5 salários mínimos. Apenas 19,8% (N= 129) recebiam até 2 salários mínimos, enquanto 23,1% (N=150) tinham renda de 2 a 3 salários mínimos e 23,8% (N=155) com renda de 3 a 5 salários mínimos. Os participantes com renda de 5 a 10 salários mínimos correspondem a 21,5% (N=140) e apenas 6,6% (N=43) afirmaram ganhar acima de 10 salários mínimos. Apenas 4,9% (N=32) não souberam ou não quiseram informar a renda. Os participantes que não souberam ou não quiseram informar a renda foram desconsiderados na amostra analisada.

Na primeira análise dos dados, optamos por agrupar a escolaridade em Ensino Fundamental, Médio e Superior. A maioria dos participantes tem como escolaridade o ensino médio em 58,7% (N=381), seguidos pelos com ensino superior, 28,6% (N=186), enquanto 12,4% (N= 81) têm apenas o ensino fundamental. Apenas um participante não informou sua escolaridade.

A situação de relacionamento dos participantes teve como maioria os solteiros e casados, sendo os solteiros com 215 participantes (33,1%) e os casados com 205 (31,5%). Dentre os que namoravam tivemos um total de 128 (19,7%), e que afirmaram estar em união estável com 63 (9,7%). Apenas 31 (4,7%) afirmaram estar divorciados. Dentre os participantes que estão em um relacionamento 43,1% (N=280) afirmaram morar junto com seu parceiro, enquanto 18,3% (N=119) afirmaram não morar. Os participantes com filhos perfazem um total de 38,8% (N=252), enquanto a maioria 60,5% (N=393) afirmou não possuir filhos, e apenas 0,6% (N=4) não responderam. Os viúvos, por representarem apenas 1% da amostra e foram desconsiderados.

Fizemos uma Análise de Correspondências Múltiplas para verificar as associações entre as variáveis sociodemográficas, conforme Tabela 1 e Figura 1. Foram consideradas

importantes as modalidades das variáveis com contribuições superiores a 6,66%, que representa a contribuição média resultado do cálculo: $100 / 15 = 6,66\%$, sendo que 100 representa a porcentagem total dividida pelo número total de modalidades de resposta.

Tabela 1. Resultados da Análise de Correspondências Múltiplas de Variáveis de Caracterização Social

Variável		Dimensão 1				Dimensão 2			
		Coord.	Ctr	Cos ²	η^2	Coord.	Ctr	Cos ²	η^2
Faixa etária	20-29	-0,84	18,84	0,66	0,78	0,23	1,79	0,05	0,36
	30-39	0,40	2,66	0,07		-0,86	15,86	0,32	
	40-49	1,36	21,51	0,49		0,72	7,69	0,14	
Sexo	Masculino	0,11	0,27	0,01	0,01	-0,17	0,84	0,02	0,02
	Feminino	-0,08	0,21	0,01		0,13	0,64	0,02	
Escolaridade	Fundamental	1,25	10,92	0,23	0,28	1,17	12,05	0,19	0,54
	Médio	-0,36	4,18	0,18		0,27	3,05	0,11	
	Superior	0,19	0,56	0,01		-1,07	23,16	0,46	
Filhos	Sim	1,00	21,64	0,64	0,64	0,22	1,31	0,03	0,03
	Não	-0,64	13,87	0,64		-0,14	0,84	0,03	
Renda familiar	Até 2 SM	-0,46	2,35	0,05	0,10	1,03	14,96	0,26	0,46
	2-3 SM	-0,06	0,05	0,00		0,24	0,92	0,02	
	3-5 SM	0,14	0,26	0,01		-0,22	0,83	0,02	
	5-10 SM	0,34	1,35	0,03		-0,70	7,39	0,13	
	+ de 10 SM	0,39	0,56	0,01		-1,26	7,53	0,11	
	NS / NQ	-0,56	0,77	0,01		0,60	1,14	0,02	
λ (λ')		0,36 (0,041)				0,28 (0,011)			
τ (τ')		0,16 (0,77)				0,13 (0,21)			

Conforme a Tabela 1 e Figura 1, percebemos maior associação de participantes com 20 a 29 anos de idade com o fato de não terem filhos, enquanto os de 40 a 49 anos têm maior proporção que o restante da amostra em termos de possuírem filhos e terem no máximo ensino fundamental (Dimensão 1). Por sua vez, outro contraste importante se dá entre participantes de 30 a 39 anos, que tendem a ter renda maior e escolaridade de nível superior, enquanto a os participantes mais velhos têm renda de até 2 salários mínimos (Dimensão 2).

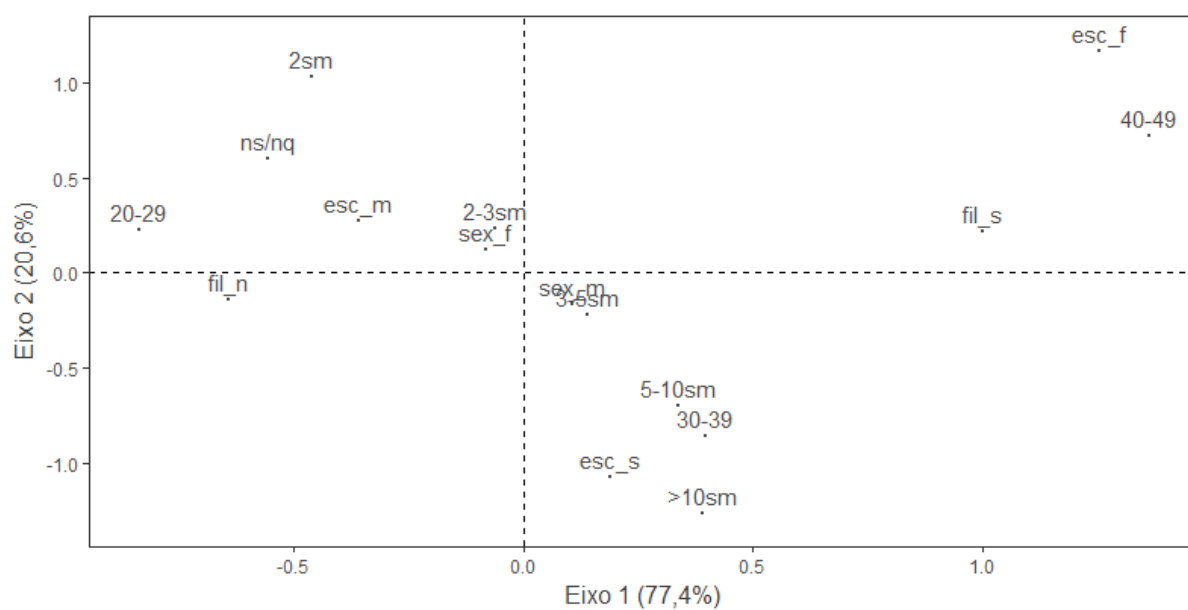


Figura 1: Análise de Correspondências Múltiplas entre os dados sociodemográficos

As Figuras 2 e 3 permitem avaliar a distribuição do sexo dos participantes nos níveis de escolaridade e faixas etárias contemplados na pesquisa. Há equilíbrio entre homens e mulheres nos níveis de escolaridade dos participantes (Figura 2). Por outro lado, há mais mulheres que homens nas faixas etárias de 20-29 anos (58,4%) e de 40-49 anos (60%).

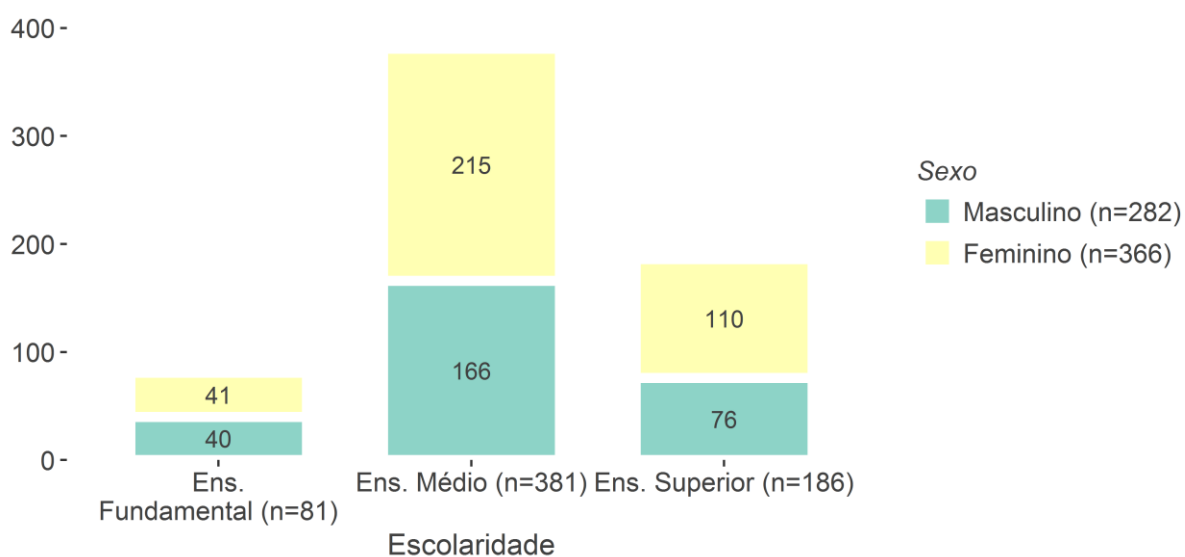


Figura 2: Cruzamento entre Sexo e Escolaridade.

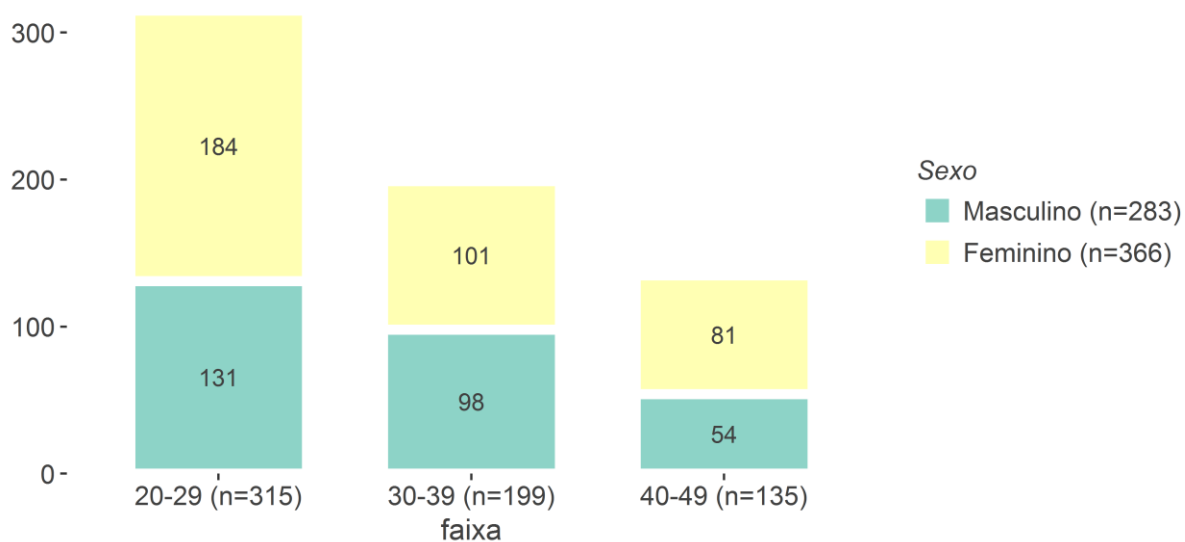


Figura 3: Cruzamento entre Sexo e Faixa Etária.

Instrumento

O instrumento foi um roteiro de entrevista estruturada. As instruções detalhadas estão presentes no Cartão de Instruções (Apêndice 1), e o roteiro de entrevista propriamente dito foi, na prática, um questionário aplicado oralmente por um entrevistador (Apêndice 2). O instrumento da PEPSO conteve seções referentes ao conceito de masculino e feminino, às atividades de lazer de homens e mulheres, e à divisão de papéis de gênero nas famílias. São descritas neste projeto as seções sobre divisão de papéis na família e dados sociodemográficos.

O roteiro, considerando apenas seção sobre a divisão de papéis na família disponível no Apêndice 2, foi composto por duas partes. Na primeira, os participantes avaliaram atividades realizadas por pais e mães em famílias, e indicaram se correspondem, em suas opiniões, a atribuições do homem ou da mulher. Foram apresentadas doze atividades ou situações, divididas em três categorias: divisão de despesas e trabalho (por exemplo, pagar despesas, trabalhar fora de casa), tarefas domésticas (exemplos: limpar a casa, lavar a louça, cozinhar ,e outros), e cuidado e educação dos filhos (exemplos: brincar com filhos, acompanhar atividades escolares, e outros). A Tabela 2 apresenta as atividades/situações que servem de indicador para cada categoria. Não são atividades e situações, ou mesmo categorias, exaustivas, devido à necessidade de evitar que o instrumento seja muito longo, o que inviabilizaria a coleta conforme o procedimento descrito, já que a PEPSO também inclui material de outras pesquisas. Houve cinco opções de resposta: *Quase sempre do homem*, *Quase sempre da mulher*, *Mais do homem*, *Mais da mulher*, *de ambos igualmente*. Em caso

de o respondente não ser capaz de opinar sobre uma das alternativas ele poderá marcar a opção “(?)”. Cada participante avaliou as atribuições das situações e atividades em duas condições, primeiramente dando sua opinião e depois descrevendo a família concreta de algum amigo de seu convívio, dando exemplos de práticas concretas. Assim, seria possível caracterizar opiniões próprias que podem ser idealizadas e também práticas de grupos familiares concretos do contexto do participante.

Tabela 2 – *Categorias de papéis desempenhados na família*

Categoria 1 – Divisão de Despesas/ Trabalho
Pagar as despesas da família.
Trabalhar fora de casa.
Categoria 2 – Tarefas Domésticas
Limpar a casa.
Lavar a louça
Cozinhar no dia a dia.
Realizar consertos em casa.
Fazer compras no supermercado.
Categoria 3 – Cuidado e educação dos filhos
Levar os filhos à escola
Acompanhar as atividades escolares dos filhos
Interferir quando os filhos fazem algo de errado
Brincar com os filhos.
Levar os filhos ao médico, quando estão doentes.

A segunda parte consistiu em questões sociodemográficas. O instrumento solicitou dos participantes as seguintes informações: sexo, idade, bairro de residência, renda familiar estimada (em salários mínimos), escolaridade, religião, se é praticante ou não da religião, existência, tipo e duração de relacionamento amoroso, quantidade de filhos e orientação sexual. Após análise foram utilizadas as que foram mais significativas.

Procedimento

Uma equipe de aplicadores formada por estudantes e profissionais vinculados ao grupo de pesquisa Eclipse, devidamente treinados, realizou a pesquisa. Os aplicadores foram orientados a explicarem corretamente as informações contidas no cartão de instruções, conforme Apêndice 1, onde são apresentadas informações sobre a pesquisa, como a finalidade e objetivos, explicações sobre a forma de responder às sentenças, e contato para maiores informações. A coleta se deu de duas formas, uma em locais de grande circulação de Uberlândia, como praças e ruas, e a segunda em residências, de forma a abranger maior diversidade e heterogeneidade da amostra. A coleta de dados ocorreu em horários e dias da semana variados, para atenuar vieses de seleção dos participantes (por exemplo, participação apenas de pessoas que não trabalham presentes em residências durante o horário comercial). Os aplicadores interpelaram transeuntes ou convidaram pessoas adultas presentes em residências a participarem, sem uma definição pré-estabelecida sobre as casas a serem abordadas, cada aplicador abordaria as residências de sua escolha de acordo com a disponibilidade. Após a confirmação do interesse, os aplicadores apresentaram o cartão de instruções e explicaram verbalmente as informações contidas no mesmo. Posteriormente, foi realizada a entrevista, conforme Apêndice 2. De acordo com a Resolução nº 510 de 07 de

abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde, as pesquisas de opinião pública com participantes anônimos, caráter a que se dispõe esta pesquisa, não são avaliadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

Após a coleta os dados foram analisados utilizando o Programa R (R Core Team, 2017). Foram realizadas análises de frequência relativas (proporções) das respostas, em que os dados foram divididos em categorias para verificar o número de casos, ou frequência obtida, em cada uma, sendo as categorias conforme as características sociodemográficas avaliadas, que são as variáveis, sexo, faixa etária, renda e escolaridade. Para análise utilizamos a Análise de Correspondências, que analisa as relações entre as variáveis de posição social (sexo, renda, escolaridade) independentemente com as respostas de opinião e práticas de divisão de gênero de atividades domésticas, baseada numa tabela de contingências com variáveis demográficas em linha e variáveis de resposta das atividades domésticas em coluna. (Greenacre, 2007; Husson, Lê, & Pagès, 2011; Bendixen, 1996).

RESULTADOS

Inicialmente calculamos as frequências das respostas às variáveis de opinião e exemplos de práticas (doravante denominadas exemplo) para avaliar a qualidade das respostas. Conforme as Tabelas 3 e 4, a frequência de respostas “?” e “Sem resposta”, que representa as pessoas que não souberam opinar, são inferiores a 1%. Desconsideramos essas respostas nas análises subsequentes.

Tabela 3: Frequências absolutas e relativas das respostas sobre opiniões acerca da divisão de gênero de atividades domésticas

	Quase sempre o homem	Mais o homem	Ambos	Mais a mulher	Quase sempre a mulher	?	Sem resposta	N
<i>Pagar as despesas da família - opinião</i>	135 (20.80 %)	152 (23.42 %)	344 (53.00 %)	12 (1.85 %)	6 (0.92 %)	0 (0.00 %)	0 (0.00 %)	649
<i>Trabalhar fora de casa - opinião</i>	69 (10.63 %)	90 (13.87 %)	473 (72.88 %)	11 (1.69 %)	5 (0.77 %)	1 (0.15 %)	0 (0.00 %)	649
<i>Limpar a casa - opinião</i>	0 (0.00 %)	1 (0.15 %)	288 (44.38 %)	243 (37.44 %)	117 (18.03 %)	0 (0.00 %)	0 (0.00 %)	649
<i>Lavar a louça - opinião</i>	4 (0.62 %)	8 (1.23 %)	326 (50.23 %)	207 (31.90 %)	104 (16.02 %)	0 (0.00 %)	0 (0.00 %)	649
<i>Cozinhar no dia a dia - opinião</i>	2 (0.31 %)	10 (1.54 %)	260 (40.06 %)	241 (37.13 %)	135 (20.80 %)	1 (0.15 %)	0 (0.00 %)	649
<i>Realizar consertos em casa - opinião</i>	188 (28.97 %)	276 (42.53 %)	144 (22.19 %)	31 (4.78 %)	6 (0.92 %)	3 (0.46 %)	1 (0.15 %)	649
<i>Fazer compras no supermercado - opinião</i>	24 (3.70 %)	23 (3.54 %)	399 (61.48 %)	146 (22.50 %)	56 (8.63 %)	1 (0.15 %)	0 (0.00 %)	649
<i>Levar os filhos a escola - opinião</i>	31 (4.78 %)	36 (5.55 %)	421 (64.87 %)	116 (17.87 %)	39 (6.01 %)	5 (0.77 %)	1 (0.15 %)	649
<i>Acompanhar as atividades escolares dos filhos - opinião</i>	4 (0.62 %)	5 (0.77 %)	356 (54.85 %)	178 (27.43 %)	101 (15.56 %)	5 (0.77 %)	0 (0.00 %)	649
<i>Interferir quando os filhos fazem algo errado - opinião</i>	27 (4.16 %)	31 (4.78 %)	432 (66.56 %)	112 (17.26 %)	42 (6.47 %)	5 (0.77 %)	0 (0.00 %)	649
<i>Brincar com os filhos - opinião</i>	14 (2.16 %)	23 (3.54 %)	470 (72.42 %)	100 (15.41 %)	37 (5.70 %)	4 (0.62 %)	1 (0.15 %)	649
<i>Levar os filhos ao médico quando estão doentes - opinião</i>	0 (0.00 %)	5 (0.77 %)	358 (55.16 %)	173 (26.66 %)	109 (16.80 %)	4 (0.62 %)	0 (0.00 %)	649

Tabela 4: Frequências absolutas e relativas das respostas sobre exemplos acerca da divisão de gênero de atividades domésticas

	Quase sempre o homem	Mais o homem	Ambos	Mais a mulher	Quase sempre a mulher	?	Sem resposta	N
<i>Pagar as despesas da família - exemplo</i>	193 (29.74 %)	178 (27.43 %)	224 (34.51 %)	30 (4.62 %)	21 (3.24 %)	3 (0.46 %)	0 (0.00 %)	649
<i>Trabalhar fora de casa - exemplo</i>	125 (19.26 %)	98 (15.10 %)	386 (59.48 %)	24 (3.70 %)	14 (2.16 %)	2 (0.31 %)	0 (0.00 %)	649
<i>Limpar a casa - exemplo</i>	11 (1.69 %)	11 (1.69 %)	131 (20.18 %)	265 (40.83 %)	225 (34.67 %)	6 (0.92 %)	0 (0.00 %)	649
<i>Lavar a louça - exemplo</i>	14 (2.16 %)	16 (2.47 %)	171 (26.35 %)	242 (37.29 %)	202 (31.12 %)	4 (0.62 %)	0 (0.00 %)	649
<i>Cozinhar no dia a dia - exemplo</i>	9 (1.39 %)	29 (4.47 %)	109 (16.80 %)	248 (38.21 %)	251 (38.67 %)	3 (0.46 %)	0 (0.00 %)	649
<i>Realizar consertos em casa - exemplo</i>	228 (35.13 %)	278 (42.84 %)	75 (11.56 %)	40 (6.16 %)	22 (3.39 %)	6 (0.92 %)	0 (0.00 %)	649
<i>Fazer compras no supermercado - exemplo</i>	41 (6.32 %)	62 (9.55 %)	269 (41.45 %)	163 (25.12 %)	111 (17.10 %)	3 (0.46 %)	0 (0.00 %)	649
<i>Levar os filhos à escola - exemplo</i>	48 (7.40 %)	102 (15.72 %)	259 (39.91 %)	144 (22.19 %)	90 (13.87 %)	6 (0.92 %)	0 (0.00 %)	649
<i>Acompanhar as atividades escolares dos filhos - exemplo</i>	12 (1.85 %)	22 (3.39 %)	222 (34.21 %)	214 (32.97 %)	173 (26.66 %)	6 (0.92 %)	0 (0.00 %)	649
<i>Interferir quando os filhos fazem algo errado - exemplo</i>	42 (6.47 %)	51 (7.86 %)	347 (53.47 %)	121 (18.64 %)	82 (12.63 %)	6 (0.92 %)	0 (0.00 %)	649
<i>Brincar com os filhos - exemplo</i>	21 (3.24 %)	39 (6.01 %)	376 (57.94 %)	128 (19.72 %)	75 (11.56 %)	10 (1.54 %)	0 (0.00 %)	649
<i>Levar os filhos ao médico quando estão doentes - exemplo</i>	12 (1.85 %)	13 (2.00 %)	226 (34.82 %)	202 (31.12 %)	191 (29.43 %)	5 (0.77 %)	0 (0.00 %)	649

A Figura 4 representa a proporcionalidade de respostas relacionadas à opinião sobre as atividades desempenhadas na família. Podemos observar através dessa figura que os itens mais associados às mulheres são: *cozinhar no dia a dia* (58%), *limpar a casa* (55%), *levar os filhos ao médico quando estão doentes* (43,7%), *lavar a louça* (47,9%), e *acompanhar as atividades escolares dos filhos* (43,3%). Já os itens com uma relação mediana, e que podem ser associados a homens e mulheres, ainda que com maior associação às mulheres, são *fazer compras no supermercado*, *interferir quando os filhos fazem algo errado*, *levar os filhos à escola e brincar com os filhos*. Os itens associados mais aos homens são *realizar consertos em casa* (71,9%), *Pagar as despesas da família* (44,2%), *Trabalhar fora de casa* (4,5%).

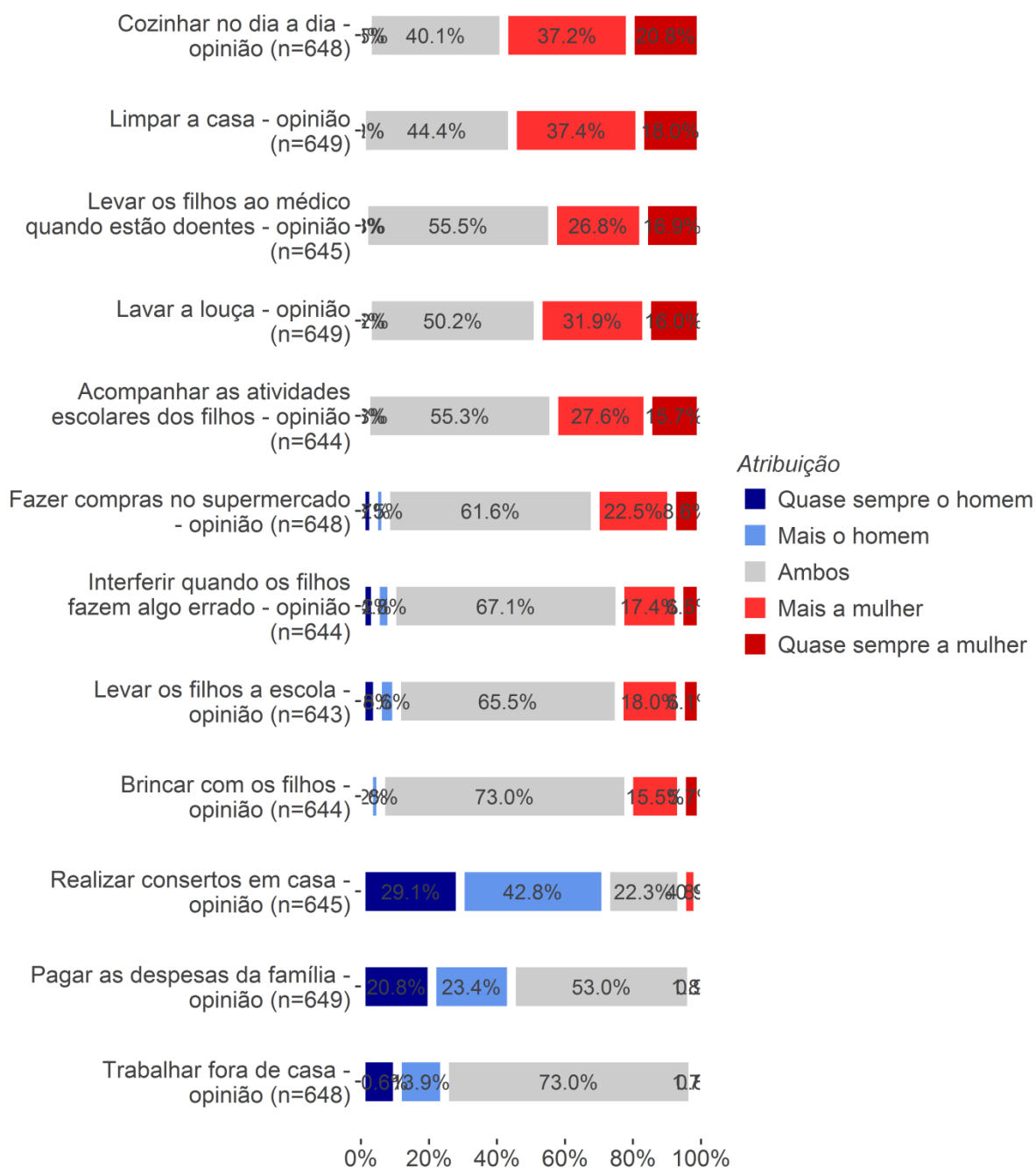


Figura 4: Proporcionalidade de Respostas Relacionadas a Opiniões sobre Divisão de Gênero de Atividades Domésticas

A proporcionalidade de respostas relacionadas a exemplos de práticas concretas das atividades desempenhadas na família de amigos ou conhecidos, são observados na figura 5. Podemos observar, através, dessa figura, que os itens mais associados às mulheres são: *cozinhar no dia a dia* (77,3%), *limpar a casa* (76,2%), *levar os filhos ao médico quando estão doentes* (61,1%), *lavar a louça* (68,8%) e *acompanhar as atividades escolares dos filhos* (60,2%). Já os itens com uma relação mediana, associados a ambos os gêneros mesmo que predominantemente às mulheres, são *fazer compras no supermercado*, *interferir quando os filhos fazem algo errado*, *levar os filhos à escola e brincar com os filhos*. Os itens associados mais aos homens são: *realizar consertos em casa* (78,7%), *Pagas as despesas da família* (57,5%), *Trabalhar fora de casa* (34,4%).

As Figuras 4 e 5 indicam similaridade na distribuição de opiniões e exemplos de práticas ligados à divisão de gênero de atividades domésticas, mas a desigualdade entre homens e mulheres, com maior atribuição às mulheres para as atividades, é maior no caso dos exemplos. Portanto, ainda que o padrão de associação entre atividades e gêneros seja semelhante, chama a atenção a maior força de relação presente nos exemplos, enquanto que as opiniões já apontam alguma tendência para atenuar ou compensar as diferenças observadas, mesmo que mantenha a mesma estrutura de distribuição.

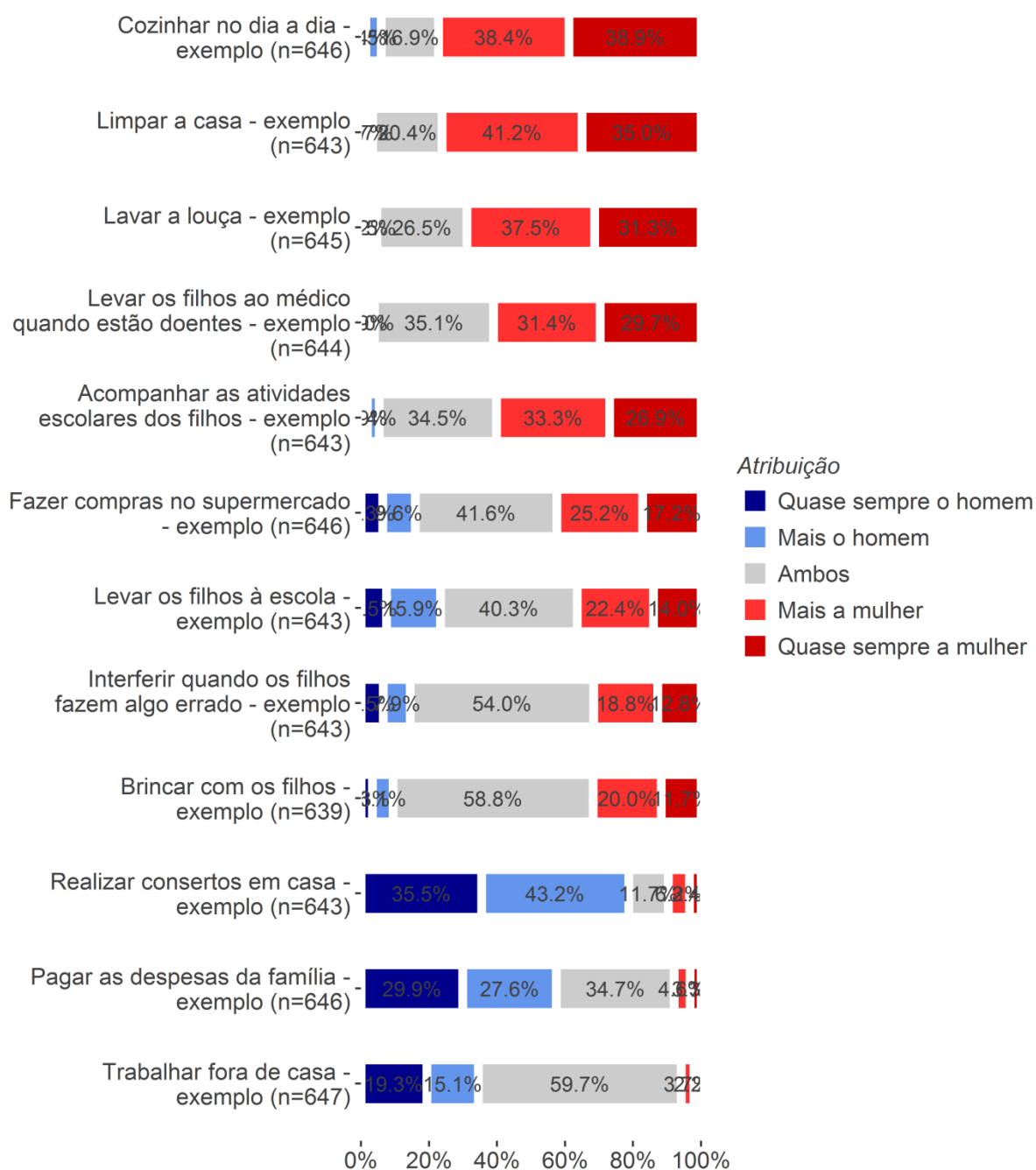


Figura 5: Proporcionalidade de Respostas Relacionadas a Exemplo de Práticas da Divisão de Gênero das Atividades Domésticas

A Figura 6 representa o mapa simétrico da análise de correspondências¹ que relaciona as variáveis de resposta com os dados sociodemográficos, e a Tabela 4 apresenta os resultados detalhados da análise. As modalidades das variáveis demográficas com contribuições superiores à média ($100 / 15 \text{ modalidades} = 6,66$) são associadas a cada polo das duas dimensões, de modo a representar as modalidades de resposta com contribuições maiores que a média ($100 / 72 \text{ modalidades de opiniões e exemplos} = 1,39$) no espaço das variáveis sociodemográficas, seguindo o procedimento de Bendixen (1996). As duas primeiras dimensões representam mais de 58% da inércia dos dados. A primeira contrasta os perfis de participantes de 40 a 49 anos, com ensino fundamental e com filhos – características que tendem a ocorrer associadas mais entre si que a média da amostra, conforme a Figura 1 da seção Método –, com participantes mais jovens (20 a 29 anos) e sem filhos. Os participantes da faixa mais jovem apresentaram mais respostas igualitárias que a amostra geral, apontando que cabe a ambos os gêneros realizar uma série de tarefas domésticas. Em contraste, os participantes de 40 a 49 anos têm preferência maior que os demais por atribuir as tarefas a homens ou mulheres. Na primeira dimensão, as respostas de opinião tiveram diferenças mais marcantes, enquanto que as respostas de exemplo de prática tiveram menos variações. A segunda dimensão apresenta um contraste de gênero, em que os homens e participantes de 30 a 39 anos tendem a ter proporções um pouco maiores que a amostra geral de atribuição masculina a algumas tarefas, em nível de opiniões como em exemplos, e as mulheres tendem a fazer mais atribuições femininas.

¹ - Na Análise de correspondência foram utilizadas as seguintes abreviaturas para as variáveis: de = Pagar as despesas da família; tr= Trabalhar fora de casa; li =Limpar a casa; la=Lavar a louça; cz =Cozinhar no dia a dia; cs=Realizar consertos em casa; cp=Fazer compras no supermercado; es=Levar os filhos à escola; ae=Acompanhar atividades escolares dos filhos; ie=Interferir quando os filhos fazem algo errado; br=Brincar com os filhos; me=Levar os filhos ao médico quando estão doentes; _o = opiniões; _e = exemplos; _h = homens; _m=mulheres; _a = ambos.

Para interpretar detalhadamente esses resultados, apresentamos na sequência análises de cruzamentos entre as variáveis demográficas e as respostas de opinião que apresentaram os maiores contrastes na análise de correspondências. Análises das respostas de exemplo apresentaram variações pouco importantes envolvendo as posições sociais dos participantes (variáveis sociodemográficas) portanto elas não são apresentadas separadamente.

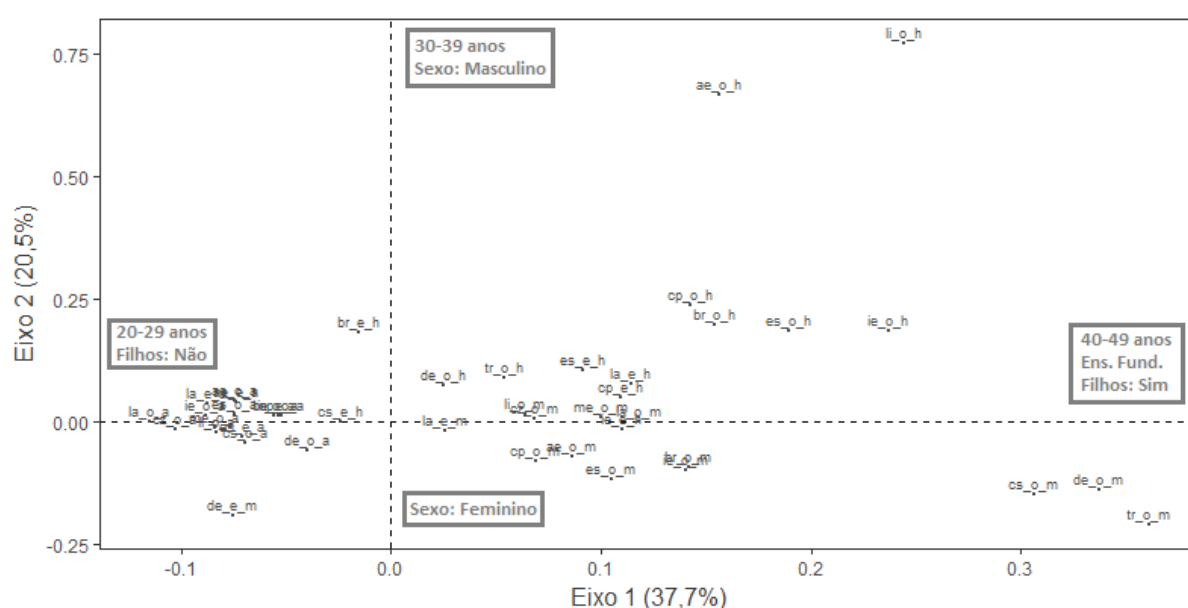


Figura 6: Análise de Correspondência Geral com a relação entre os dados sociodemográficos e as variáveis sobre opiniões e exemplos

Tabela 5: Resultados da Análise de Correspondências de Tabelas Empilhadas das Relações entre Variáveis de Caracterização Social e Atribuições de Gênero de Opiniões e Exemplos Relativas a Atividades Domésticas

Variável		Dimensão 1			Dimensão 2		
		Coord.	Ctr	Cos ²	Coord.	Ctr	Cos ²
Faixa etária	20-29	-0,09	16,71	0,74	-0,03	4,07	0,10
	30-39	0,04	2,52	0,16	0,06	9,31	0,31
	40-49	0,15	18,62	0,74	-0,02	0,44	0,01
Sexo	Masculino	-0,04	2,18	0,08	0,11	41,12	0,82
	Feminino	0,03	1,70	0,08	-0,09	32,18	0,82
Escolaridade	Fundamental	0,26	33,48	0,75	0,00	0,02	0,00
	Médio	-0,03	2,19	0,32	0,00	0,07	0,01
	Superior	-0,05	2,71	0,18	0,01	0,23	0,01
Filhos	Sim	0,08	9,99	0,69	0,01	0,36	0,01
	Não	-0,05	6,43	0,69	-0,01	0,23	0,01
Renda familiar	Até 2 SM	-0,02	0,33	0,03	-0,06	5,43	0,26
	2-3 SM	0,03	0,72	0,07	0,02	0,58	0,03
	3-5 SM	-0,02	0,25	0,03	-0,02	0,42	0,03
	5-10 SM	-0,02	0,30	0,02	0,02	0,84	0,03
	+ de 10 SM	0,08	1,87	0,10	0,10	4,70	0,14
de_o	de_o_h	0,03	0,24	0,05	0,08	3,97	0,49
	de_o_a	-0,04	0,69	0,17	-0,06	2,75	0,36
	de_o_m	0,34	2,60	0,55	-0,14	0,83	0,09
tr_o	tr_o_h	0,05	0,62	0,13	0,09	3,25	0,37
	tr_o_a	-0,03	0,54	0,30	-0,03	0,73	0,22
	tr_o_m	0,36	2,42	0,38	-0,21	1,53	0,13
li_o	li_o_h	0,24	0,09	0,03	0,77	1,57	0,34
	li_o_a	-0,08	2,54	0,76	-0,02	0,35	0,06
	li_o_m	0,06	1,92	0,74	0,02	0,20	0,04
la_o	la_o_h	-0,06	0,05	0,01	0,06	0,11	0,01
	la_o_a	-0,12	5,50	0,92	0,00	0,00	0,00
	la_o_m	0,12	5,74	0,94	0,00	0,00	0,00
cz_o	cz_o_h	-0,04	0,02	0,00	0,25	1,15	0,20
	cz_o_a	-0,10	3,46	0,73	-0,02	0,16	0,02
	cz_o_m	0,07	2,34	0,74	0,01	0,03	0,01
cs_o	cs_o_h	0,00	0,01	0,01	0,03	0,75	0,37
	cs_o_a	-0,07	0,92	0,27	-0,04	0,65	0,10
	cs_o_m	0,31	4,68	0,64	-0,15	2,04	0,15
cp_o	cp_o_h	0,14	1,22	0,22	0,24	6,17	0,60
	cp_o_a	-0,05	1,39	0,53	0,01	0,17	0,04
	cp_o_m	0,07	1,27	0,28	-0,08	3,12	0,38
es_o	es_o_h	0,19	3,28	0,41	0,19	5,82	0,39
	es_o_a	-0,07	2,96	0,89	0,01	0,22	0,04
	es_o_m	0,11	2,37	0,39	-0,12	5,35	0,48
ae_o	ae_o_h	0,16	0,24	0,04	0,67	8,23	0,67
	ae_o_a	-0,07	2,52	0,66	0,04	1,58	0,23

	ae_o_m	0,09	2,81	0,52	-0,07	3,46	0,35
ie_o	ie_o_h	0,24	4,49	0,51	0,19	5,08	0,31
	ie_o_a	-0,09	4,28	0,92	0,01	0,13	0,02
	ie_o_m	0,14	4,15	0,60	-0,10	3,87	0,31
br_o	br_o_h	0,15	1,22	0,23	0,20	3,69	0,38
	br_o_a	-0,06	1,90	0,88	0,01	0,14	0,04
	br_o_m	0,14	3,69	0,65	-0,09	2,90	0,28
me_o	me_o_h	-0,01	0,00	0,00	0,23	0,73	0,10
	me_o_a	-0,08	3,20	0,78	-0,01	0,11	0,01
	me_o_m	0,10	3,80	0,79	0,01	0,06	0,01
de_e	de_e_h	0,00	0,00	0,00	0,04	1,18	0,32
	de_e_a	0,02	0,10	0,04	-0,02	0,15	0,03
	de_e_m	-0,07	0,38	0,09	-0,19	4,59	0,59
tr_e	tr_e_h	-0,03	0,28	0,17	0,04	0,78	0,26
	tr_e_a	0,02	0,13	0,12	-0,01	0,10	0,05
	tr_e_m	0,02	0,02	0,01	-0,12	1,36	0,30
li_e	li_e_h	0,11	0,32	0,13	0,14	1,06	0,24
	li_e_a	-0,05	0,48	0,14	0,04	0,57	0,09
la_e	la_e_h	0,11	0,52	0,40	0,08	0,44	0,18
	la_e_a	-0,09	1,72	0,58	0,04	0,59	0,11
	la_e_m	0,03	0,39	0,38	-0,02	0,43	0,22
cz_e	cz_e_h	0,04	0,07	0,08	0,02	0,02	0,01
	cz_e_a	-0,02	0,03	0,02	0,06	0,93	0,33
	cz_e_m	0,00	0,00	0,00	-0,01	0,23	0,29
cs_e	cs_e_h	-0,02	0,38	0,40	0,00	0,00	0,00
	cs_e_a	0,05	0,31	0,09	-0,07	0,95	0,15
	cs_e_m	0,13	1,30	0,30	0,09	1,21	0,15
cp_e	cp_e_h	0,11	1,68	0,36	0,05	0,66	0,08
	cp_e_a	-0,05	1,03	0,31	-0,01	0,04	0,01
	cp_e_m	0,01	0,03	0,01	-0,01	0,10	0,02
es_e	es_e_h	0,09	1,74	0,35	0,10	4,23	0,47
	es_e_a	-0,07	1,64	0,45	-0,03	0,59	0,09
	es_e_m	0,01	0,05	0,04	-0,04	0,81	0,32
ae_e	ae_e_h	0,09	0,36	0,16	0,06	0,26	0,06
	ae_e_a	-0,07	1,57	0,37	0,04	0,83	0,11
	ae_e_m	0,03	0,59	0,23	-0,03	0,71	0,15
ie_e	ie_e_h	0,11	1,50	0,30	-0,02	0,05	0,01
	ie_e_a	-0,05	1,29	0,49	0,01	0,09	0,02
	ie_e_m	0,04	0,40	0,13	-0,01	0,06	0,01
br_e	br_e_h	-0,02	0,02	0,00	0,18	4,85	0,36
	br_e_a	-0,03	0,35	0,16	-0,02	0,32	0,08
	br_e_m	0,05	0,77	0,25	-0,02	0,19	0,03
me_e	me_e_h	0,00	0,00	0,00	-0,03	0,07	0,01
	me_e_a	-0,05	0,86	0,30	-0,02	0,15	0,03
	me_e_m	0,03	0,48	0,19	0,01	0,13	0,03
Autovalor (% Inércia)		0,05 (37,7)			0,03 (20,5)		

Categoria 1 – Divisão de despesas da família/Trabalho: Pagar as despesas da família

A representação da relação entre a faixa etária e a variável opinião sobre quem deve pagar as despesas da família, através da Figura 7, demonstra que há uma diminuição na proporcionalidade de igualdade com o aumento da idade. Na faixa de 20 a 29 anos há uma atribuição de 57,8% a ambos e 30,9% ao homem, enquanto a faixa de 40 a 49 anos atribui a ambos 48,1% e 46,7 para o homem, ou seja, uma diferença de 9,7%, demonstrando que pessoas mais velhas tendem a se posicionar um pouco mais nos extremos, enquanto os mais jovens tendem a uma posição mais igualitária.

Com a mesma variável (Pagar as despesas da família), porém ao ser relacionada à escolaridade, na Figura 8, é no Ensino Médio que há mais igualdade com 56,7%, enquanto os de ensino fundamental atribuem mais aos homens com 53,1%, e os de ensino superior se dividem entre 49,5% que atribuem a ambos e 46,2% atribuem ao homem. Porém, quando relacionamos o sexo dos participantes com a variável, conforme Figura 9, percebemos que os homens atribuem mais a eles, com 51,9%, a responsabilidade pelo pagamento das despesas, enquanto as mulheres apontam mais ambos com 57,6%, e apenas 28,2% aos homens, e aproximadamente 2% a elas mesmas de forma exclusiva, o que não acontece com os homens, que não apontam as mulheres com essa responsabilidade de forma exclusiva.

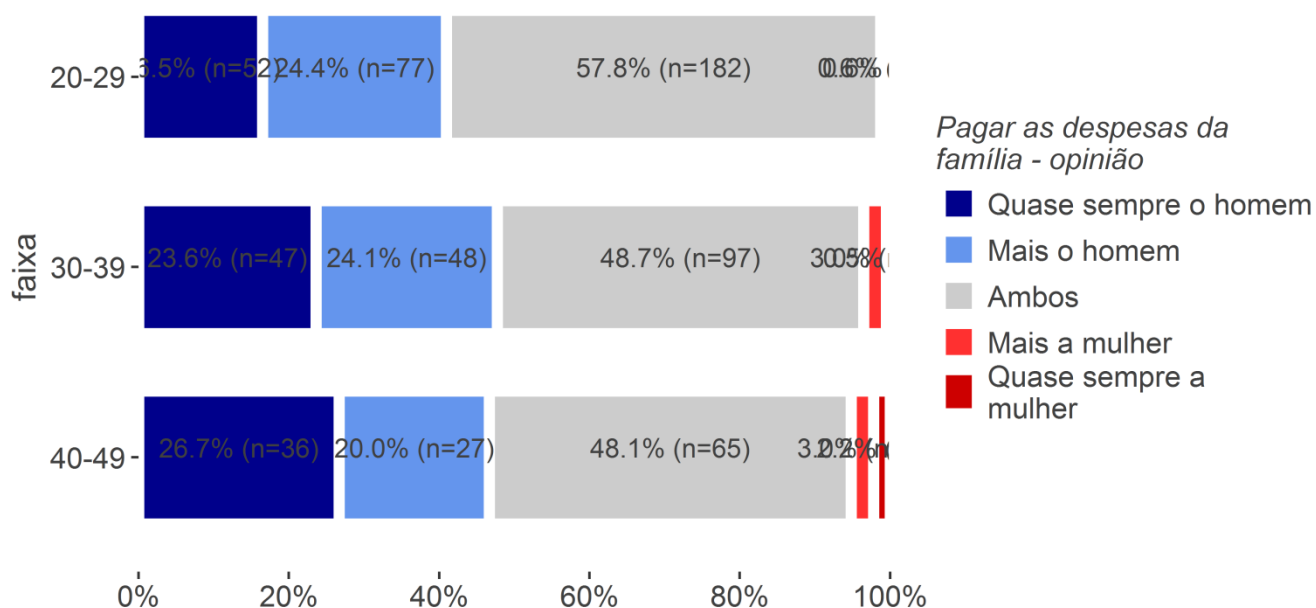


Figura 7: Relação entre a faixa etária e opinião sobre divisão de gênero da atividade doméstica pagar as despesas da família.

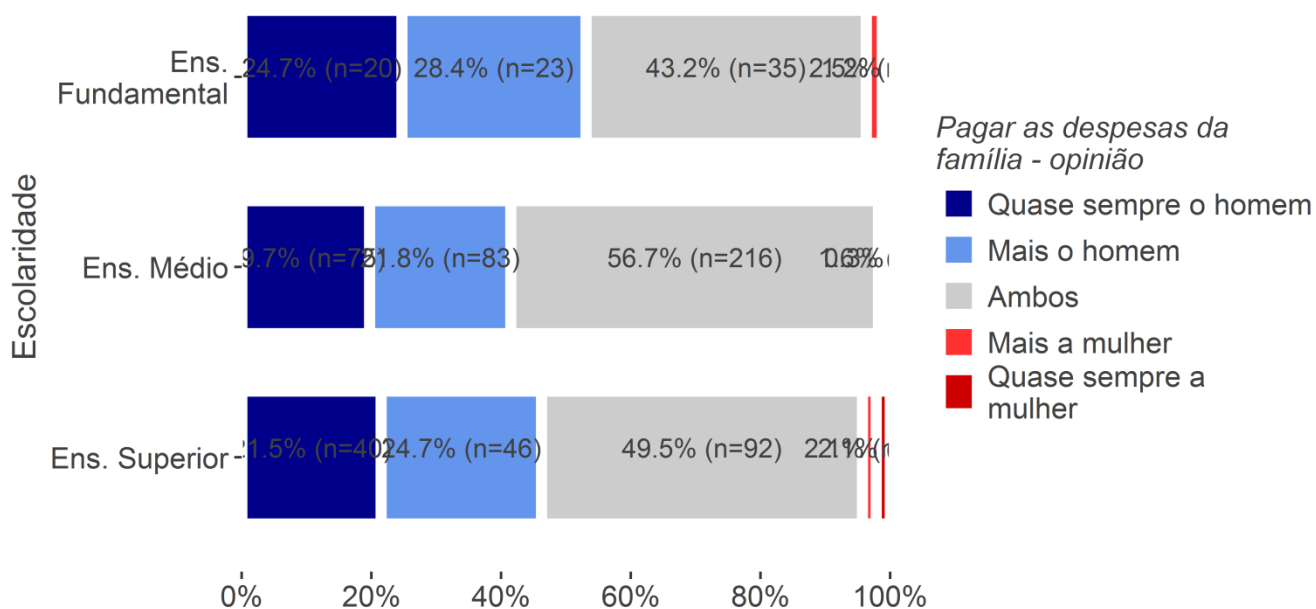


Figura 8: Relação entre escolaridade e opinião sobre divisão de gênero da atividade doméstica pagar as despesas da família.

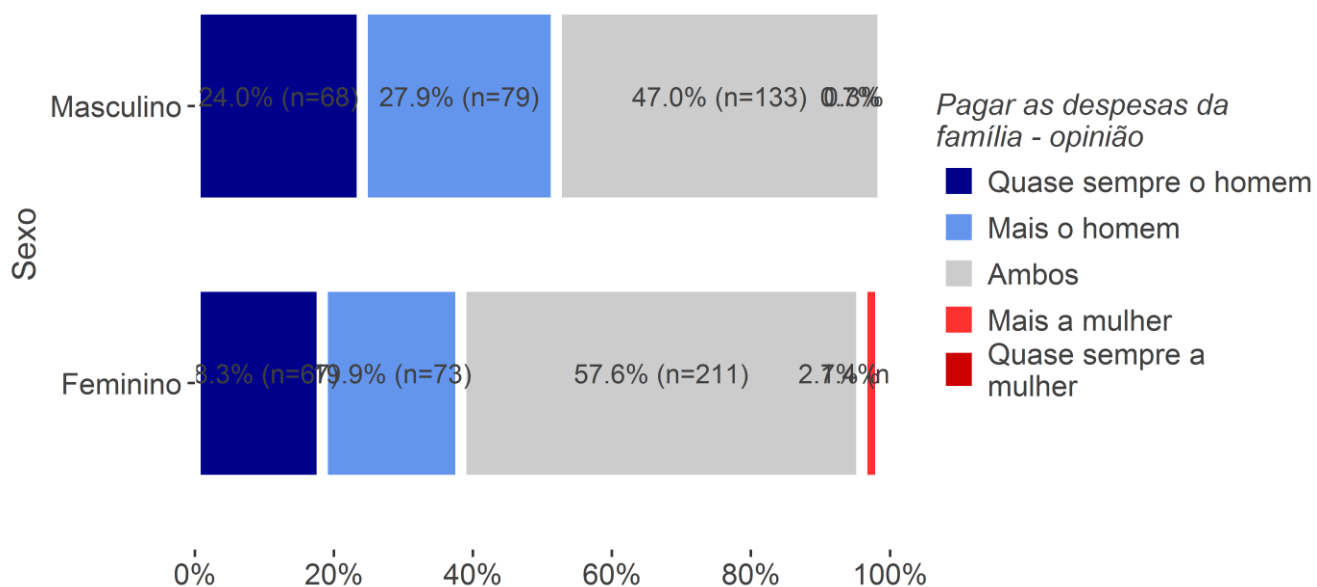


Figura 9: Relação entre o sexo e opinião sobre divisão de gênero da atividade doméstica pagar as despesas da família.

Categoria 1 – Divisão de despesas da família/Trabalho: Trabalhar fora de Casa

A Figura 10 mostra a relação entre faixa etária e a variável de opinião sobre a divisão de gênero da atividade trabalhar fora de casa. Podemos perceber uma maior diferença entre os participantes mais jovens e mais velhos, sendo que aqueles na faixa etária de 20 a 29 anos tendem a se posicionar de forma mais igualitária em 76,4%, enquanto os de 40 a 49, se posicionam 65,9%, com uma diferença de 9,5% entre eles.

Já na relação entre escolaridade e a variável de opinião sobre a divisão de gênero da atividade trabalhar fora de casa, conforme Figura 11, há maior diferença entre o Ensino Fundamental e as demais escolaridades, sendo que a o ensino fundamental aponta 60,5% a responsabilidade de trabalhar fora de casa a ambos, enquanto as demais 74,7%, representando uma diferença de 14,2%. E podemos observar que as participantes com ensino fundamental tendem a atribuir a atividade mais aos homens que as demais escolaridades, e inclusive a apontar uma pequena parcela a mulher, demonstrando que tendem a pensar um pouco mais aos extremos.

Por sua vez, a Figura 12 mostra a relação entre a mesma variável relacionada ao sexo e demonstra que os homens atribuem mais a si mesmos a responsabilidade pelo trabalho que as mulheres. E elas veem de forma mais igualitária o trabalho que eles (76,4%), o que representa uma diferença de 7,9%. A posição que relaciona o trabalho à mulher aparece apenas para elas, de forma que os homens não percebem a participação exclusiva da mulher nesse aspecto.

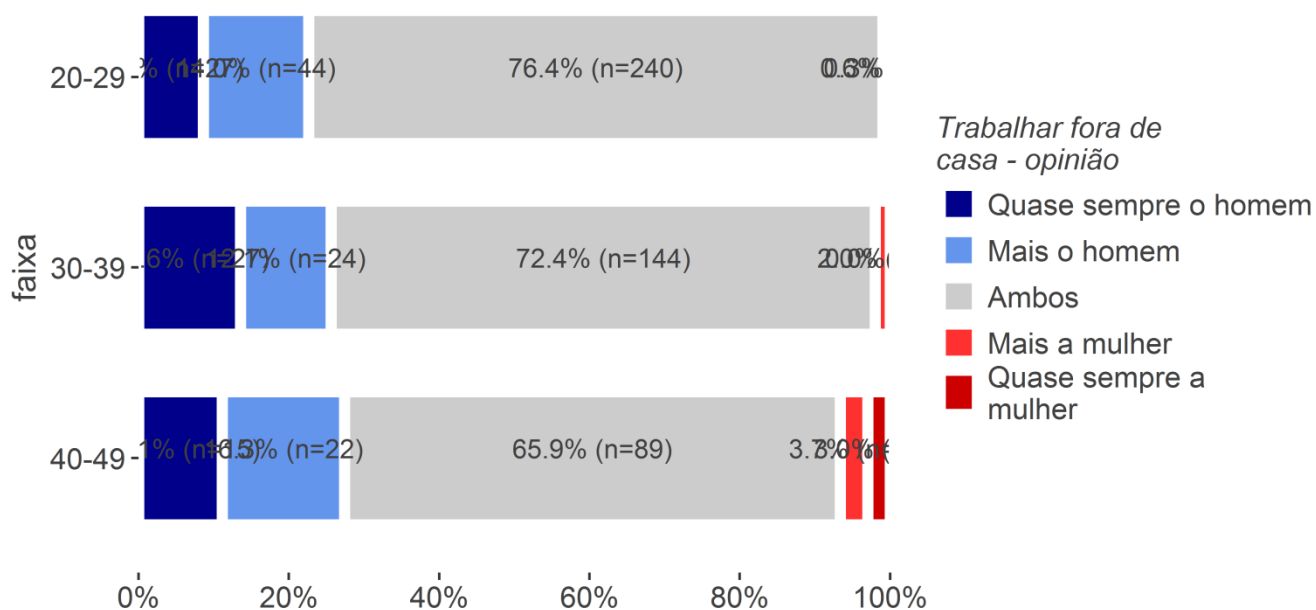


Figura 10: Relação entre faixa etária e opinião sobre divisão de gênero da atividade doméstica trabalhar fora de casa.

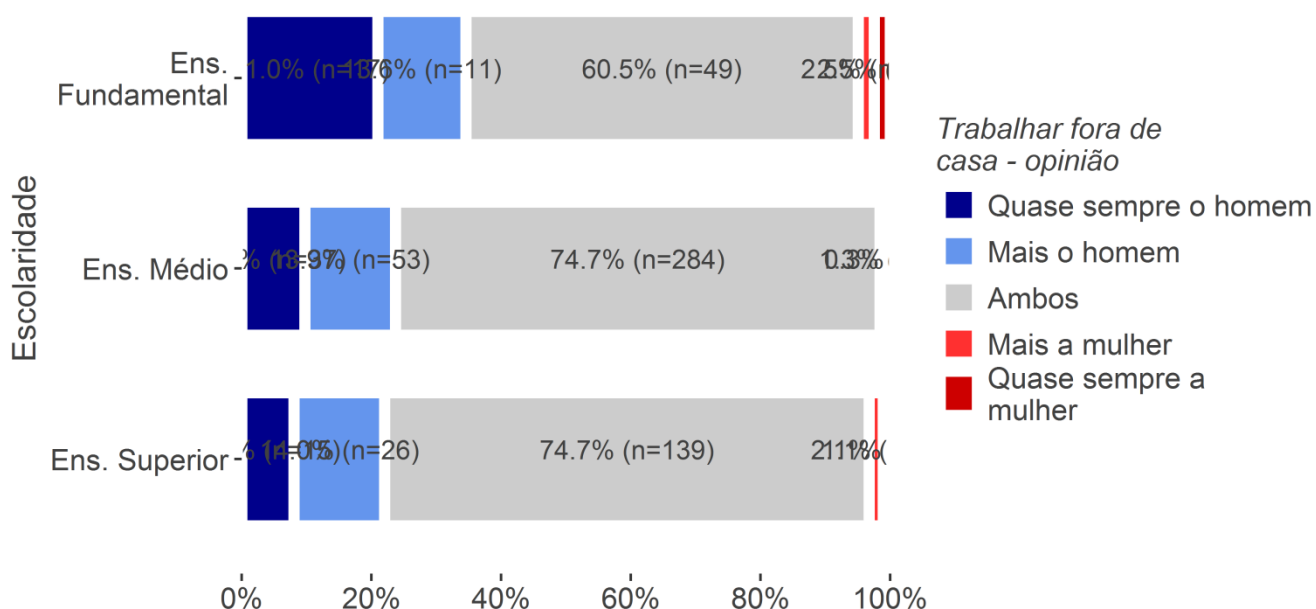


Figura 11: Relação entre escolaridade e opinião sobre divisão de gênero da atividade doméstica trabalhar fora de casa.

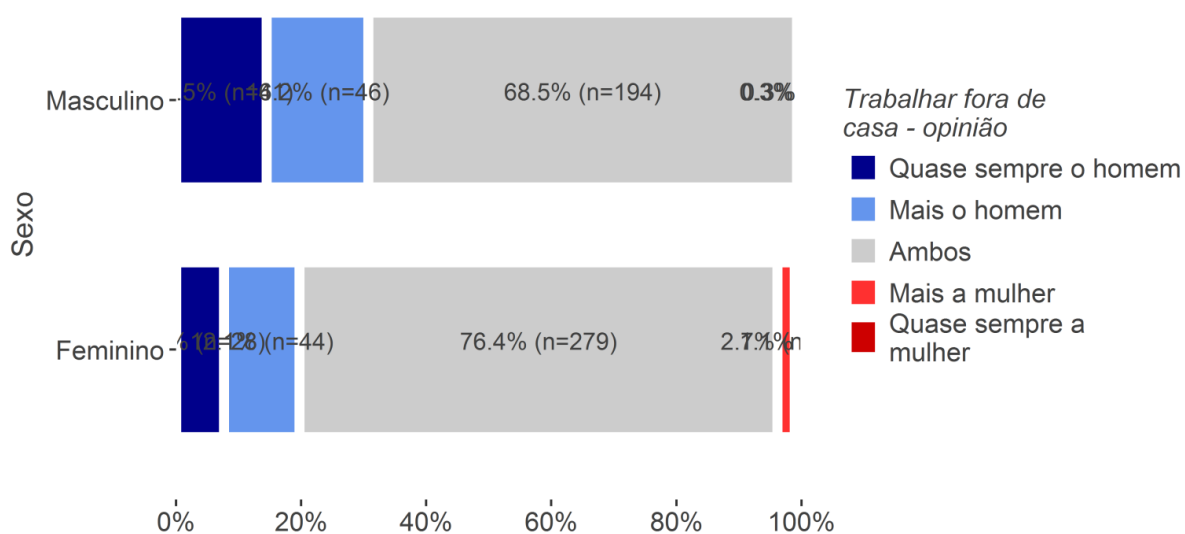


Figura 12: Relação entre sexo e opinião sobre divisão de gênero da atividade doméstica trabalhar fora de casa.

Categoria 2 – Tarefas Domésticas: Limpar a Casa

Através da Figura 13, que relaciona faixa etária com a opinião sobre quem deve limpar a casa, percebemos que as pessoas mais jovens tendem a pensar de forma mais igualitária, atribuindo a 50,2% da atividade a ambos e 48,9% à mulher, enquanto a maioria das pessoas com idade superior a esta atribuem a atividade à mulher, sendo que os de 30 a 39 atribuem 59,3% à mulher, e os de 40 a 49 63% a ela. Percebemos uma diferença de 13,2% entre a faixa de 20 a 29 e 30 a 39.

Já quando a relação é entre escolaridade, conforme demonstra a figura 14, há mais variação entre as pessoas do Ensino Fundamental e as demais escolaridades, sendo que embora todos se posicionem a atribuir mais à mulher a tarefa de limpar a casa, os com ensino fundamental atribuem a elas 72,8%, enquanto o ensino médio atribui 51% e o ensino superior 57,5%, demonstrando uma diferença de 21,6% entre o maior e menor percentual.

Contudo, na relação entre sexo e a opinião sobre quem deve limpar a casa (Figura 15), Não há uma diferença importante. Ambos os sexos possuem proporções semelhantes.

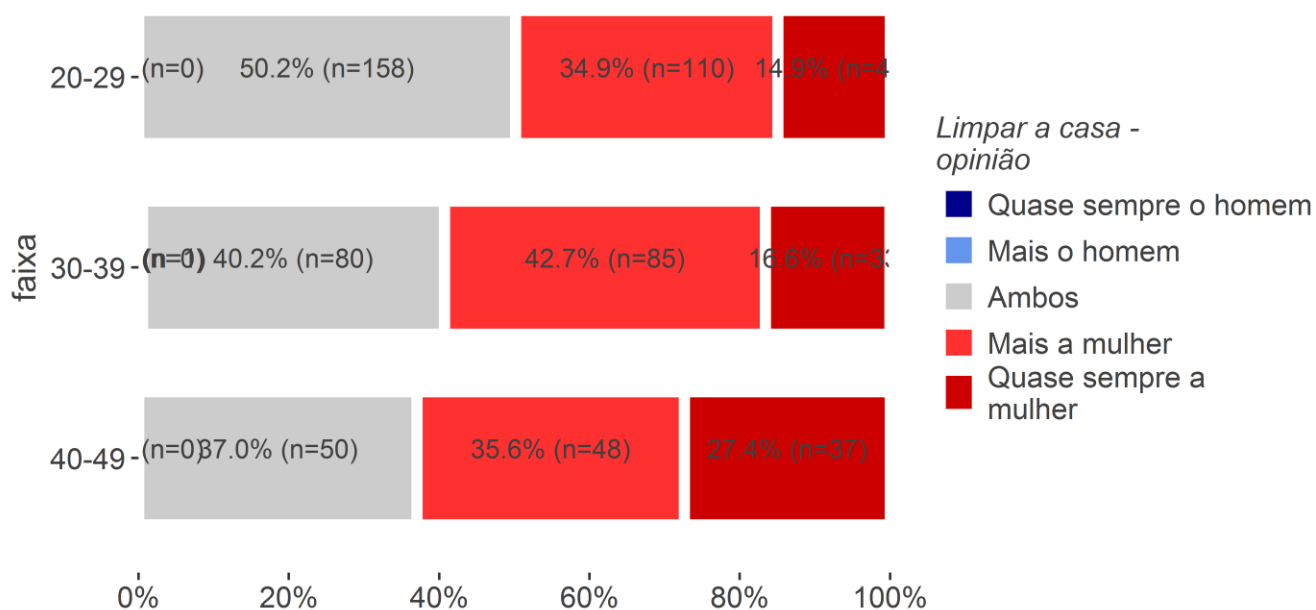


Figura 13: Relação entre faixa etária e opinião sobre divisão de gênero da atividade doméstica limpar a casa.

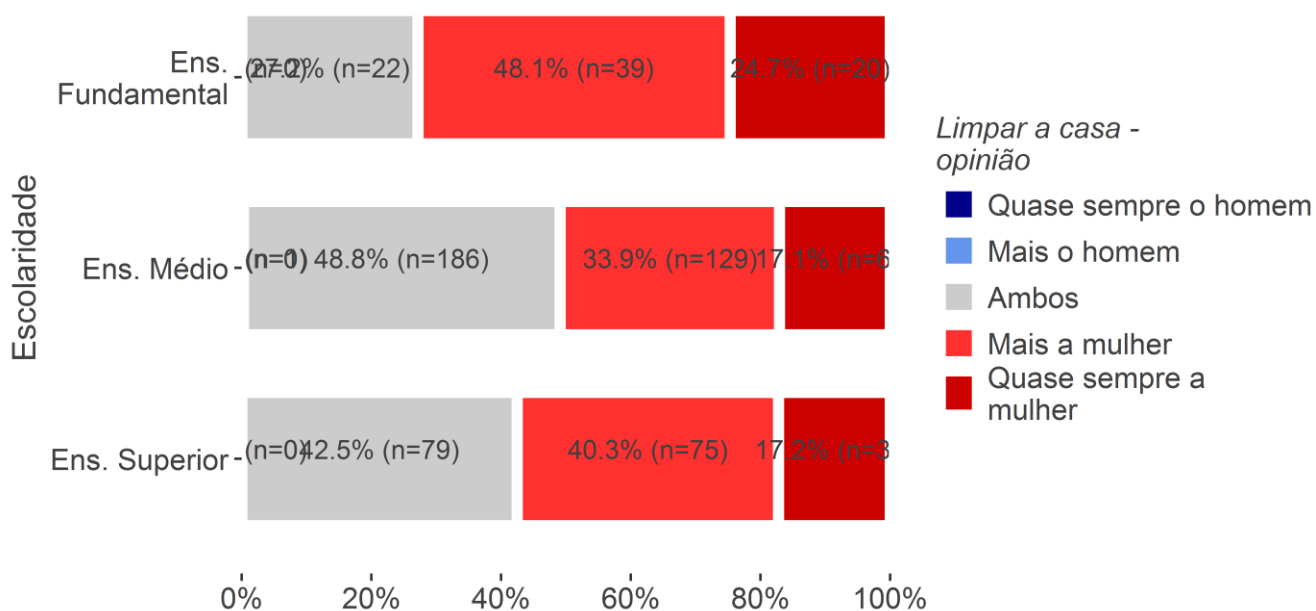


Figura 14: Relação entre escolaridade e opinião sobre divisão de gênero da atividade doméstica limpar a casa.

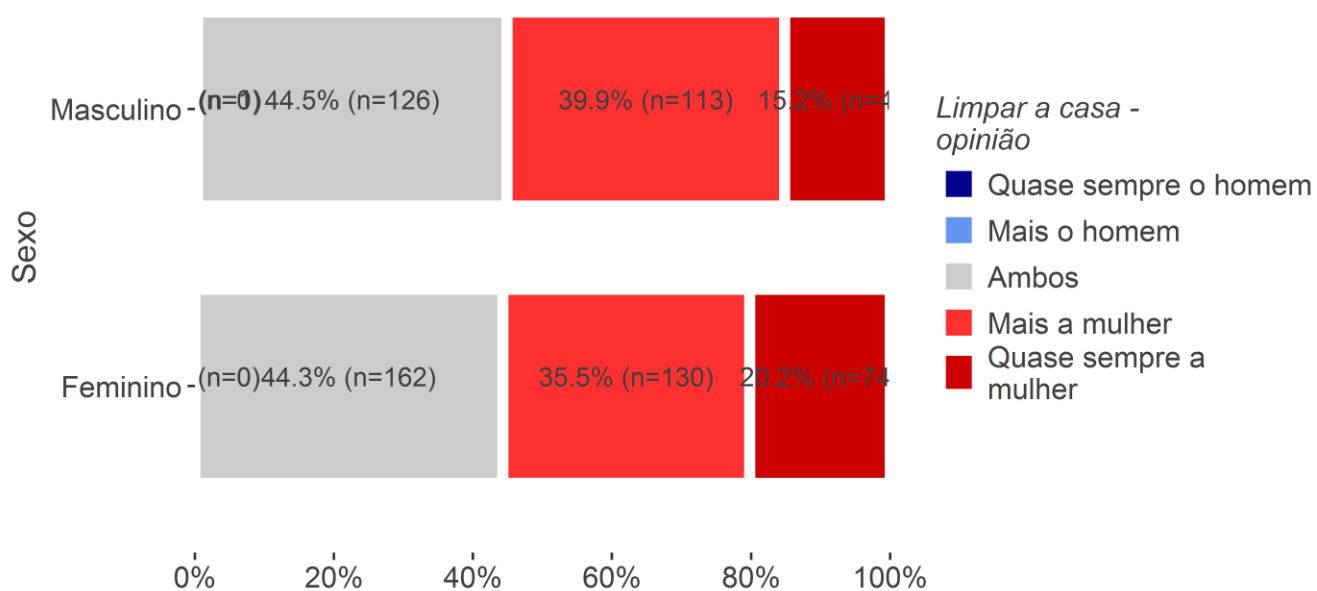


Figura 15: Relação entre sexo e opinião sobre divisão de gênero da atividade doméstica limpar a casa.

Categoria 2 – Tarefas Domésticas: Lavar a Louça

A Figura 16 representa a relação entre faixa etária e variável opinião sobre a divisão de gênero da atividade lavar a louça, e demonstra que na faixa de 20 a 29 anos há maior atribuição a ambos, com 58,1% sobre a responsabilidade por lavar a louça, enquanto de 30 a 39 anos atribuem a 43,2% a ambos e 30,4% á mulher. Já a faixa de 40 a 49 anos atribui 55,5% às mulheres a responsabilidade por tais atividade, demonstrando uma diferença de percepção entre mais jovens e mais velhos.

Já na relação entre escolaridade e a opinião sobre quem deve lavar a louça (Figura 17) a maior variação é entre o ensino fundamental e as demais escolaridades, sendo que o ensino fundamental percebe que 70,4% da atribuição de lavar a louça é das mulheres, enquanto o ensino médio e superior percebem em sua maioria a responsabilidade de ambos em 53,3% e 53,7%, respectivamente. Percebemos uma diferença entre ensino fundamental e médio em 23,7%.

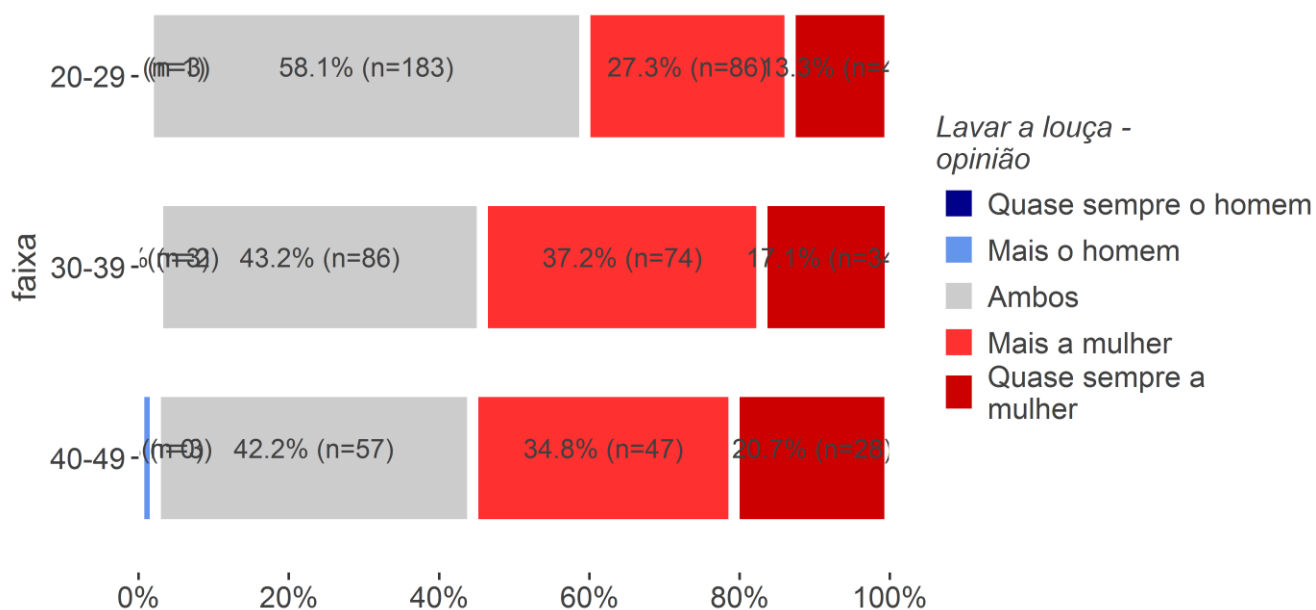


Figura 16: Relação entre faixa etária e opinião sobre divisão de gênero da atividade doméstica lavar a louça.

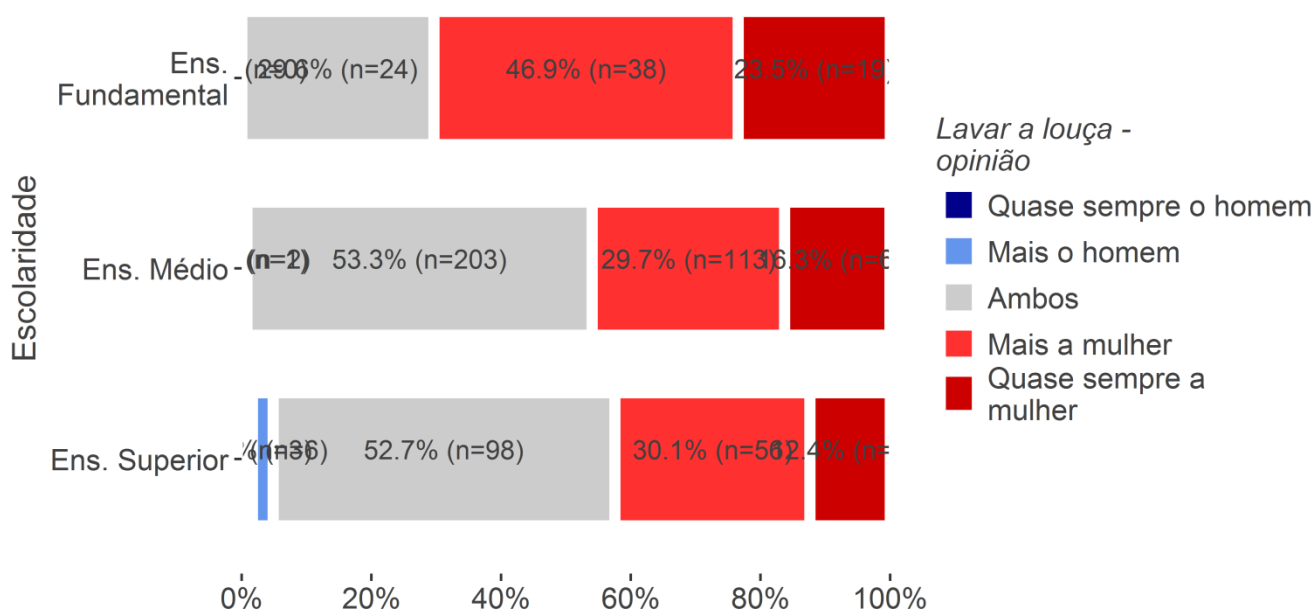


Figura 17: Relação entre escolaridade e opinião sobre divisão de gênero da atividade doméstica lavar a louça.

Categoria 2 – Tarefas Domésticas: Cozinhar no dia a dia

Ao relacionar a opinião sobre quem deve cozinhar no dia a dia com escolaridade, conforme Figura 18, percebemos que todos os níveis em sua maioria atribuem à mulher a responsabilidade por cozinhar, porém há maior diferença entre o ensino fundamental que aponta essa responsabilidade em 71,6% enquanto ensino médio e superior apontam em 56,1 e 56,4%, respectivamente. Essa diferença é de 16,9%.

A Figura 19 demonstra a relação entre faixa etária e a opinião sobre quem deve cozinhar no dia a dia. Na faixa de 20 a 29 anos há uma percepção de que 49,2% é de responsabilidade da mulher e 48,6% de ambos, diferenças próximas, enquanto a faixa de 30 a 39 atribui 67,3% às mulheres e 40 a 49 65% a elas, perfazendo uma diferença de aproximadamente 18%. É perceptível a posição um pouco mais igualitária da faixa mais jovem em relação às demais.

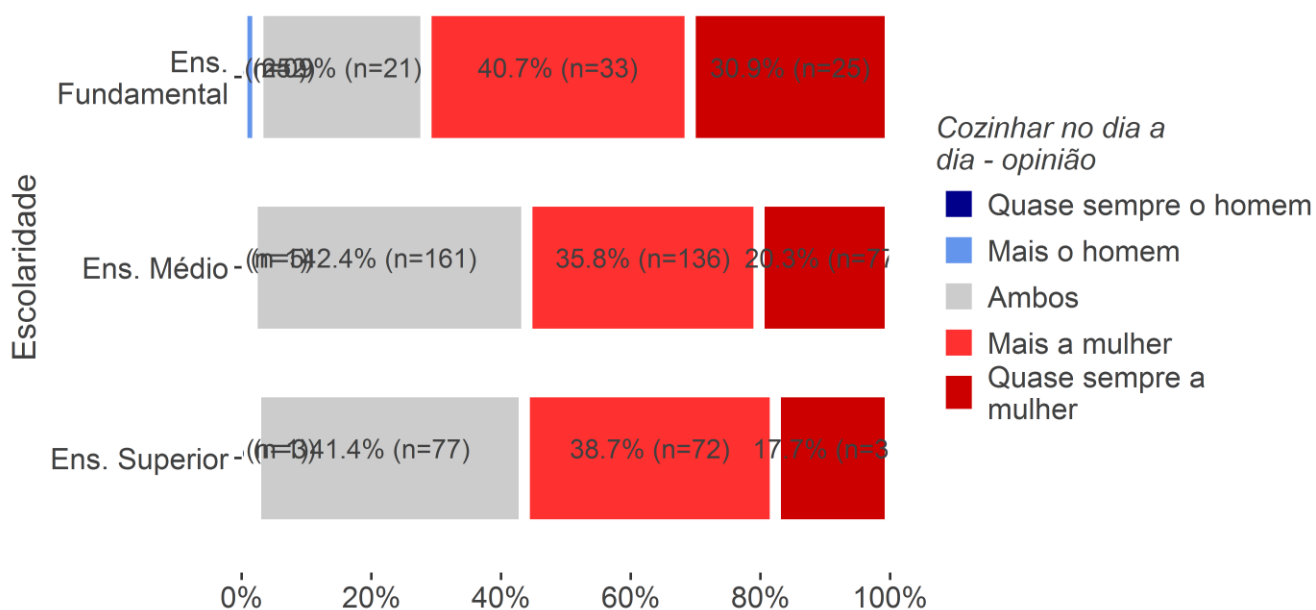


Figura 18: Relação entre escolaridade e opinião sobre divisão de gênero da atividade doméstica cozinhar no dia a dia.

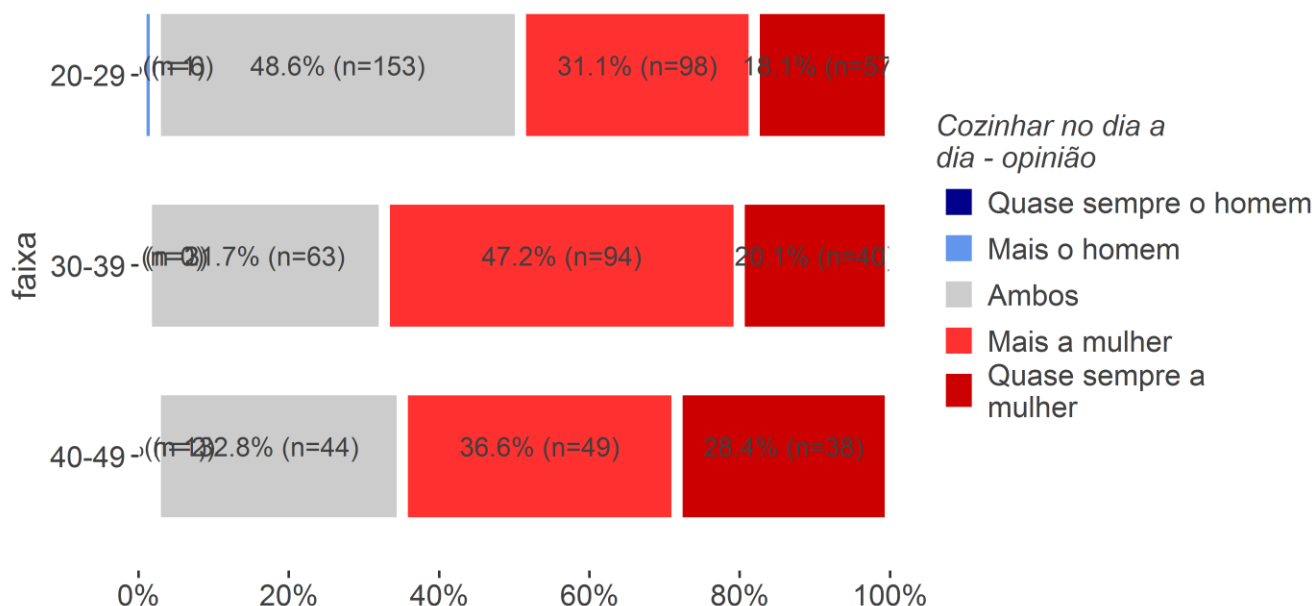


Figura 19: Relação entre faixa etária e opinião sobre divisão de gênero da atividade doméstica cozinhar no dia a dia.

Categoria 2 – Tarefas Domésticas: Realizar Consertos em Casa

A relação entre escolaridade e a opinião sobre quem deve realizar consertos em casa, representada na Figura 20, demonstra que não há grande variação, sendo que os participantes dos três níveis de escolaridade percebem a responsabilidade de realizar consertos como principalmente do homem, em 73,4% no ensino fundamental, 72,6% no ensino médio e 70,3% no ensino superior. Há uma leve diferença entre a percepção do ensino fundamental que tende a apontar a participação feminina nessa atribuição mais que os de ensino superior.

Já a Figura 21 demonstra a relação entre faixa etária e a opinião sobre quem deve realizar os consertos. Não há variação importante, sendo que as três faixas percebem a responsabilidade de realizar consertos como principalmente do homem, em 68,5% entre os com 20 a 29 anos, 76,2% entre os com 30 a 39 anos e 73,7% entre os com 40 e 49 anos. Há uma leve diferença entre a percepção da faixa 30 a 39 que tende a apontar a participação feminina nessa atribuição menor que os de 40 a 49.

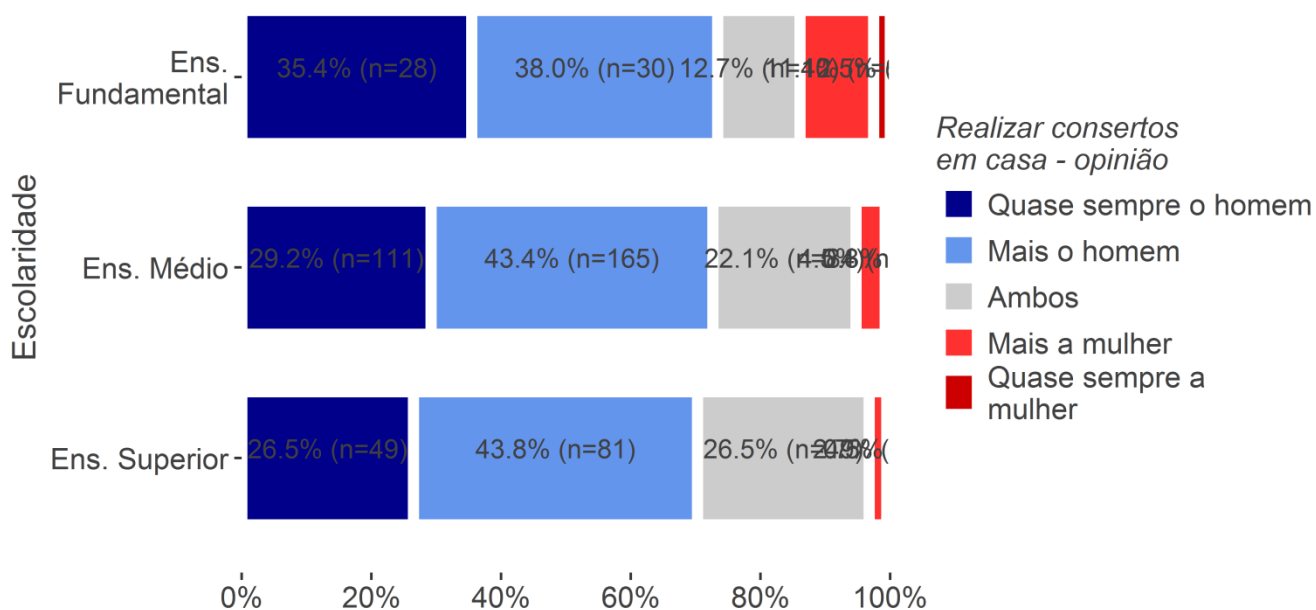


Figura 20: Relação entre escolaridade e opinião sobre divisão de gênero da atividade doméstica realizar consertos em casa.

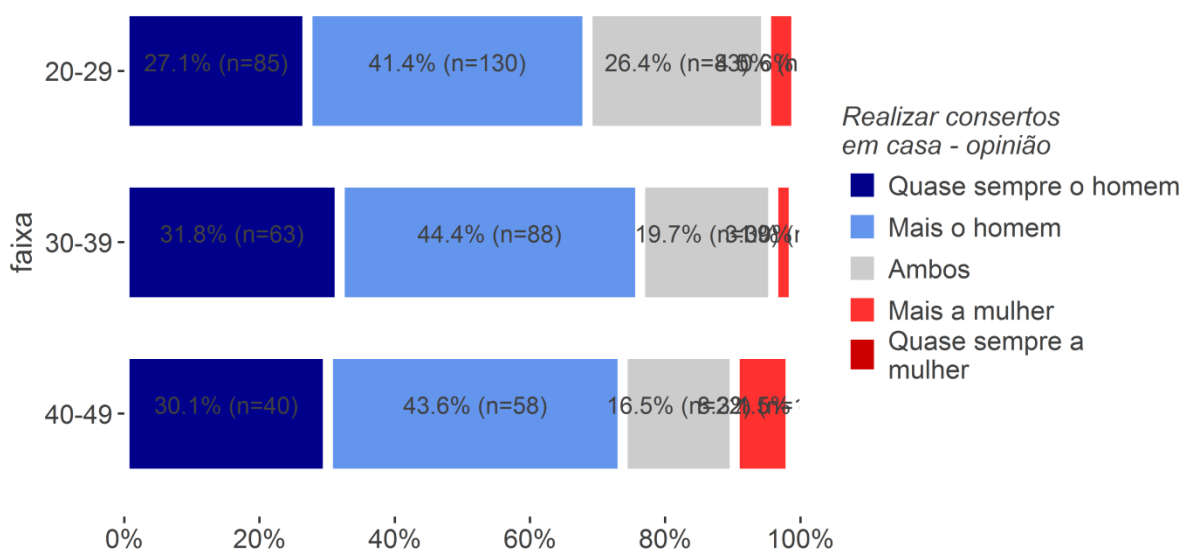


Figura 21: Relação entre faixa etária e opinião sobre divisão de gênero da atividade doméstica realizar consertos em casa.

Categoria 2 – Tarefas Domésticas: Fazer compras no Supermercado

A Figura 22 representa a relação entre escolaridade e a variável de opinião sobre a divisão de gênero da atividade de fazer compras no supermercado. As pessoas com ensino fundamental tendem a atribuir a responsabilidade pelas compras mais à mulher com 46,9%, enquanto os ensinos fundamental e médio atribuem essa responsabilidade mais a ambos com 64,3% e 64,9%, respectivamente. Percebemos uma diferença de 24,2% em relação ao quanto cada um atribui a ambos a responsabilidade por essa atividade.

Já a Figura 23, que representa essa variável relacionada à faixa etária, demonstra que as pessoas atribuem em sua maioria a responsabilidade pelas compras a ambos, sendo que as pessoas na faixa de 20 a 29 anos atribuem em 63,8%, enquanto as de 40 a 49 anos atribuem 57%, uma diferença de 6%. A faixa de 30 a 39 anos atribui a ambos 61,1%, porém atribui uma porcentagem um pouco maior aos homens que as demais faixas.

Quando a relação é entre sexo (Figura 24), as mulheres atribuem a ambos 5,5% menos que os homens, e atribuem a elas mesmas uma participação maior nessa atividade que a dada a elas pelos homens. Já os homens fazem o inverso apontam a eles mesmos uma participação maior que a dada a eles pelas mulheres.

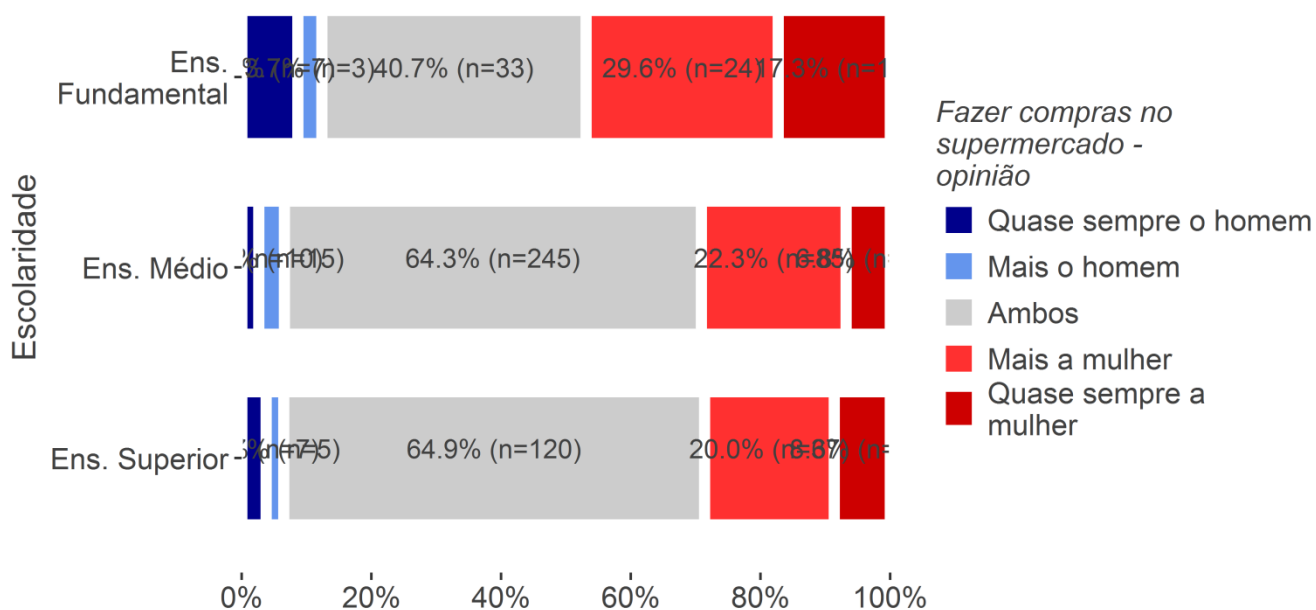


Figura 22: Relação entre escolaridade e opinião sobre divisão de gênero da atividade doméstica fazer compras no supermercado

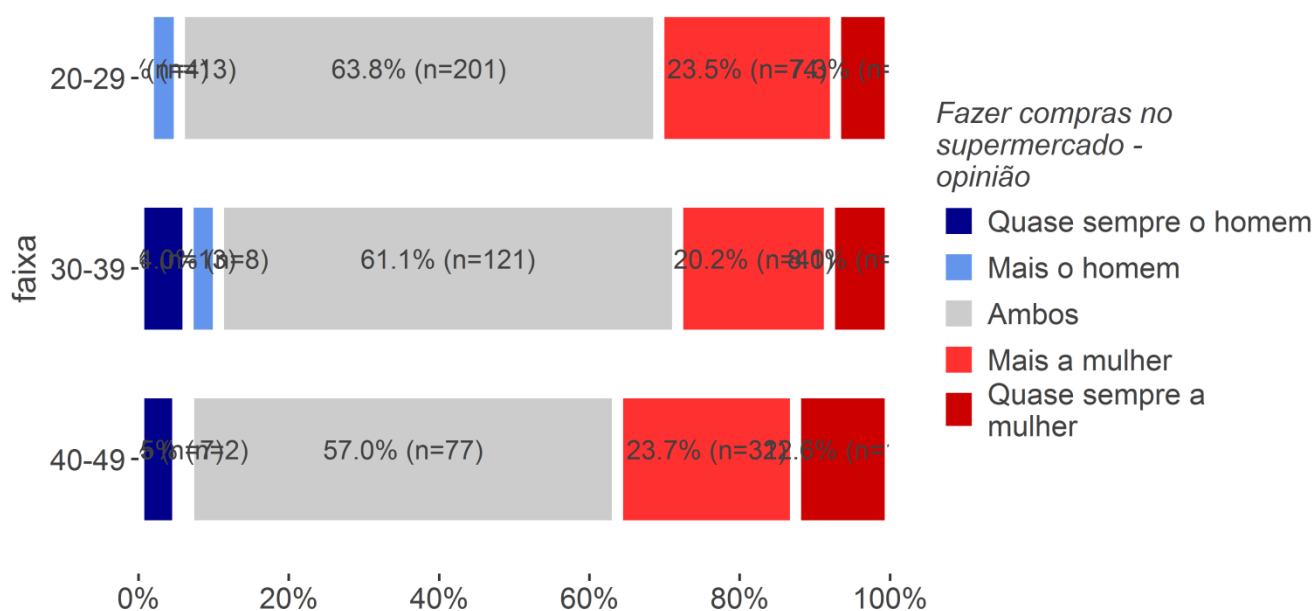


Figura 23: Relação entre faixa etária e opinião sobre divisão de gênero da atividade doméstica fazer compras no supermercado.

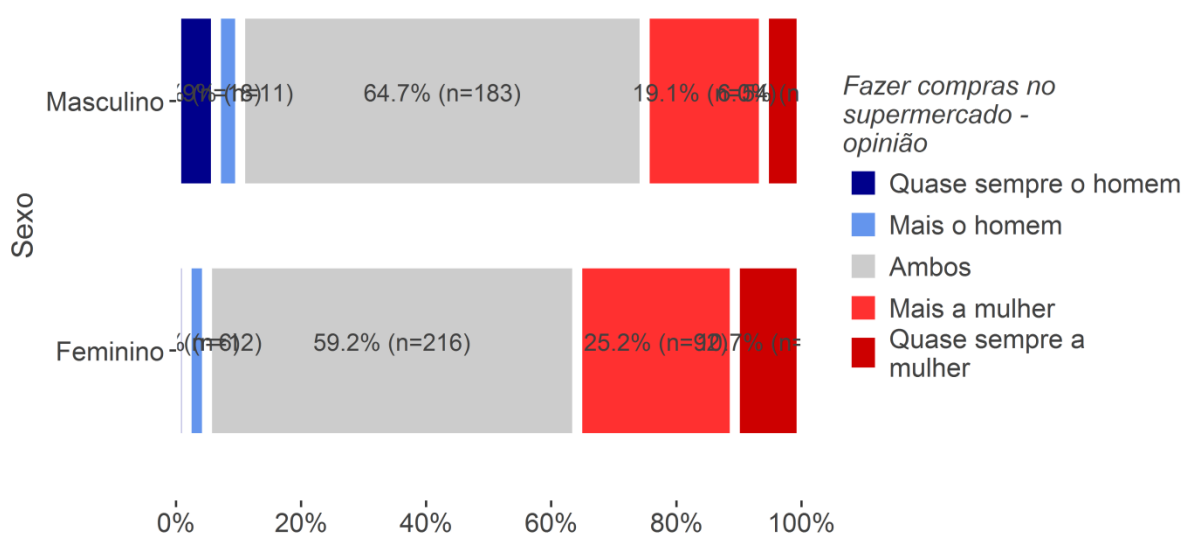


Figura 24: Relação entre sexo e opinião sobre divisão de gênero da atividade doméstica fazer compras no supermercado.

Categoria 3– Cuidado e educação dos filhos: Levar os filhos à escola

Ao relacionar opinião sobre a responsabilidade de levar filhos à escola com a faixa etária, conforme Figura 25, as pessoas de 20 a 29 anos atribuem 70,7% a responsabilidade por levar os filhos a escola a ambos, enquanto a faixa 40 a 49 atribui 53,4% em uma diferença de 17,3%, além de atribuírem mais essa responsabilidade a mulher e ao homem que as demais faixas. A faixa de 30 a 39 se posiciona de forma intermediária em relação às demais.

Já na relação entre escolaridade e opinião sobre a divisão de gênero de levar os filhos à escola, apresentada na Figura 26, a faixa do ensino fundamental atribuiu 45,6% a responsabilidade por levar os filhos a escola a ambos, enquanto ensino médio e superior atribuíram 68,6% e 67,4%, respectivamente, em uma diferença de aproximadamente 23%. Os participantes com ensino fundamental tendem a atribuir mais a homens ou mulheres que as demais faixas.

Por sua vez, a Figura 27 representa a relação entre sexo e a opinião sobre quem deve levar os filhos à escola. As mulheres atribuem mais a elas mesmas a responsabilidade por levar os filhos à escola que a dada a elas pelos homens. Porém não há ampla variação dessa relação.

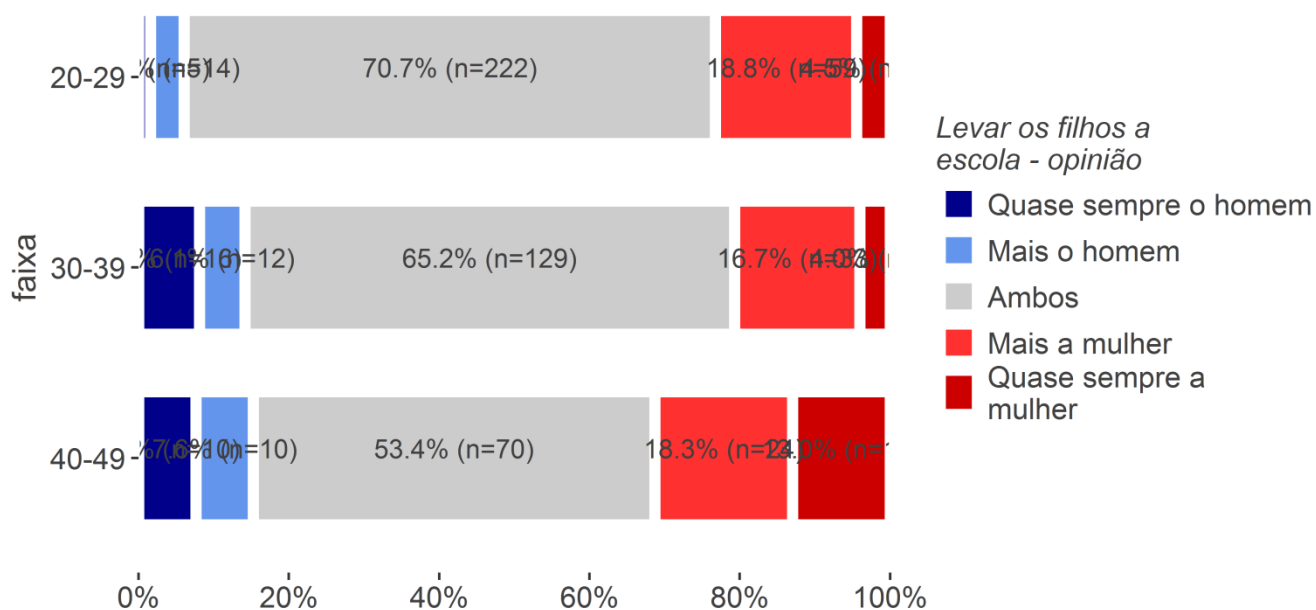


Figura 25: Relação entre faixa etária e opinião sobre divisão de gênero da atividade doméstica levar os filhos à escola.

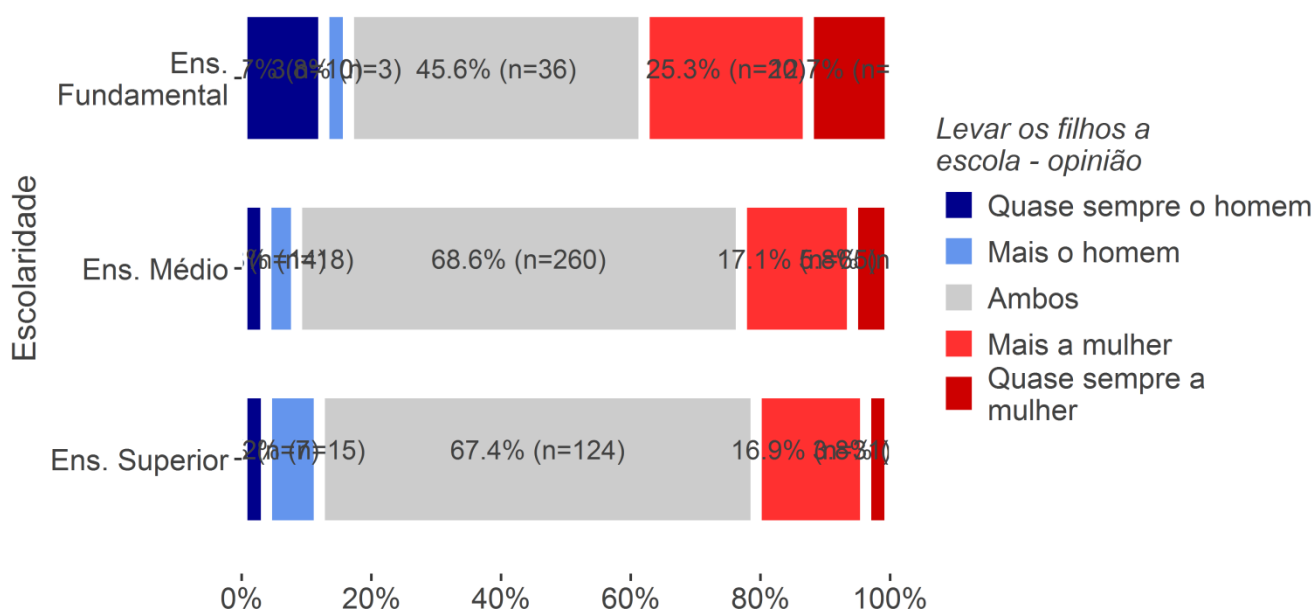


Figura 26: Relação entre escolaridade e opinião sobre divisão de gênero da atividade doméstica levar os filhos à escola.

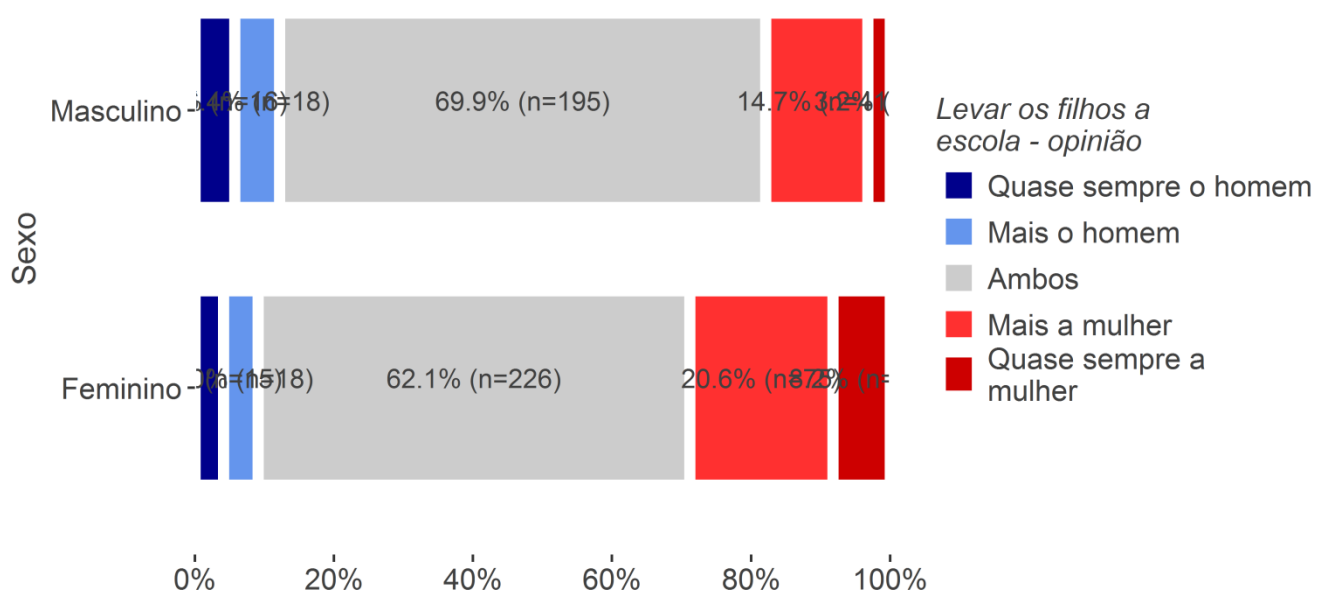


Figura 27: Relação entre sexo e opinião sobre divisão de gênero da atividade doméstica levar os filhos à escola.

Categoria 3– Cuidado e educação dos filhos: Acompanhar as atividades escolares dos filhos

A Figura 28 representa a relação entre faixa etária e a opinião sobre a responsabilidade de acompanhar as atividades escolares dos filhos. Percebemos que as pessoas na faixa de 20 a 29 atribuem em sua maioria a responsabilidade por acompanhar as atividades escolares dos filhos como de responsabilidade de ambos em 59,1%, seguida da faixa de 30 a 39% em que atribuem a ambos em 57,4%, já a faixa de 40 a 49 anos atribuem em 55,2% a responsabilidade a mulher. Podemos perceber uma diferença de aproximadamente 15% entre os mais jovens e mais velhos.

Na relação entre escolaridade e a responsabilidade de acompanhar as atividades escolares dos filhos, conforme Figura 29, o ensino fundamental atribui a responsabilidade por acompanhar as atividades escolares dos filhos mais a mulher com 57,5%, enquanto os ensinos médio e superior atribuem a ambos em 56% e 59,6%, respectivamente. Há uma diferença de 18,4% entre as repostas.

Quando a relação é entre sexo (Figura 30) as mulheres atribuem mais a elas mesmas a responsabilidade por acompanhar as atividades dos filhos que a dada a elas pelos homens. Porém não há muita variação tão significativa dessa relação.

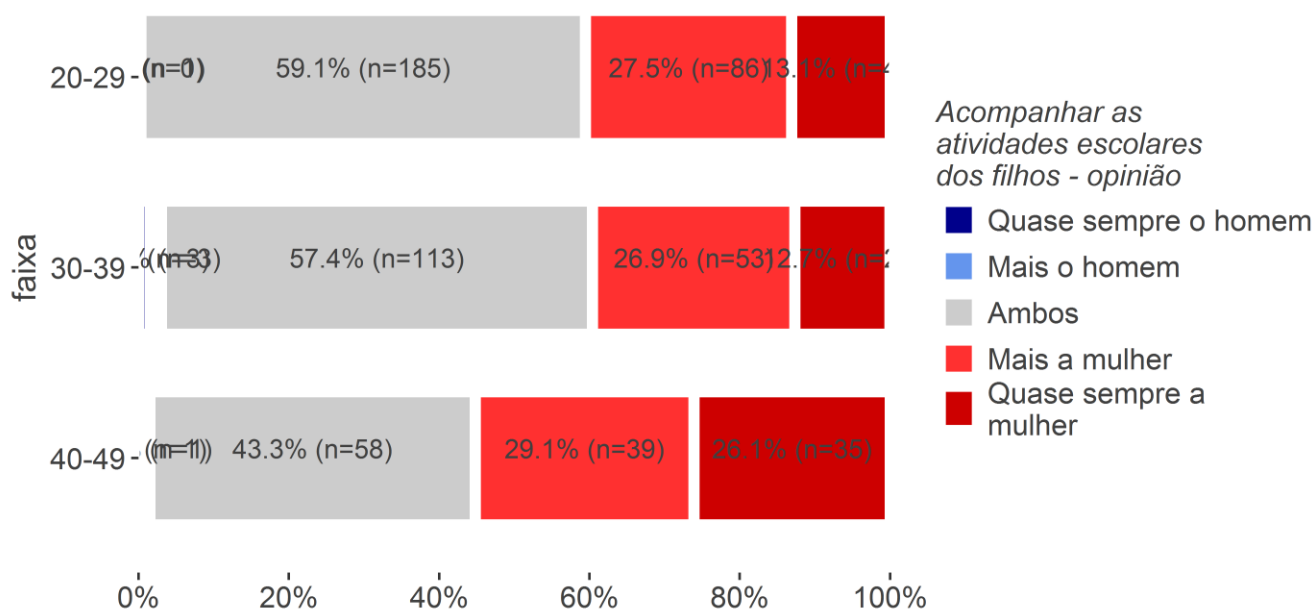


Figura 28: Relação entre faixa etária e opinião sobre divisão de gênero da atividade doméstica acompanhar as atividades escolares dos filhos

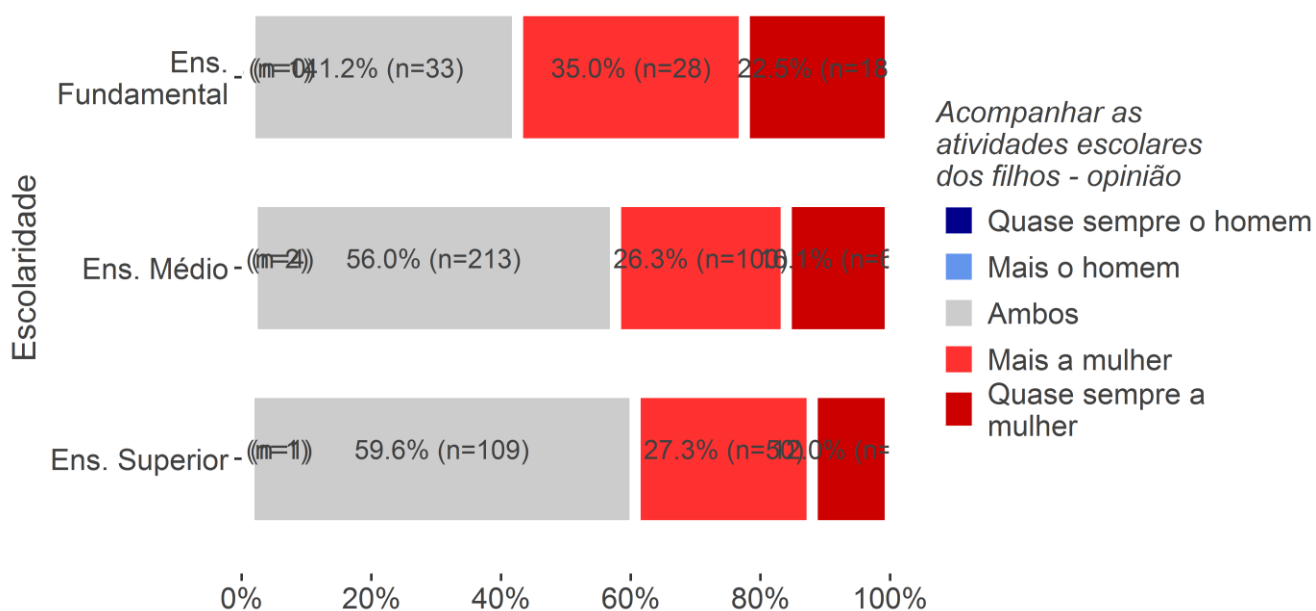


Figura 29: Relação entre escolaridade e opinião sobre divisão de gênero da atividade doméstica acompanhar as atividades escolares dos filhos

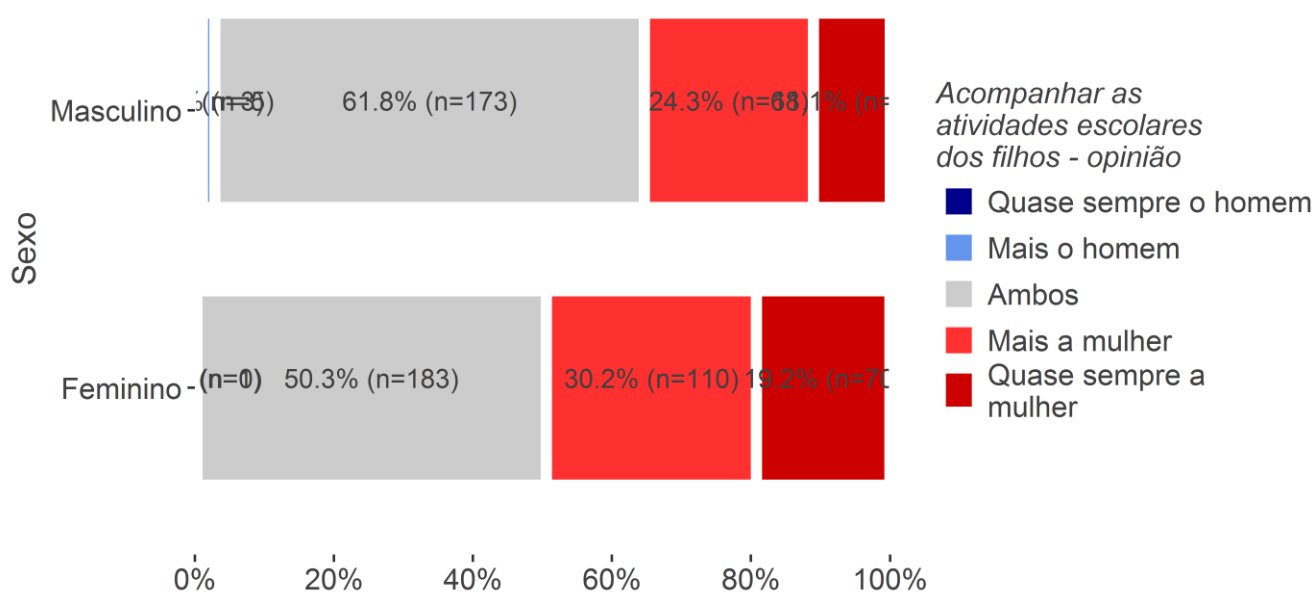


Figura 30: Relação entre sexo e opinião sobre divisão de gênero da atividade doméstica acompanhar as atividades escolares dos filhos

Categoria 3– Cuidado e educação dos filhos: Interferir quando os filhos fazem algo errado

Na relação entre faixa etária e a opinião sobre a divisão de gênero da atividade interferir quando os filhos fazem algo errado, conforme Figura 31, todas as faixas atribuem a ambos a responsabilidade por interferir quando os filhos fazem algo errado, porém a faixa de 20 a 29 anos atribui essa participação em 73,5%, de 30 a 39 em 66% e 40 a 49 em 53,7%. Há uma diferença de aproximadamente 10% entre a primeira e última faixa.

Já a Figura 32 representa a relação da opinião sobre a interferência com a escolaridade. Podemos perceber que os participantes com ensinos médio e superior atribuem mais a ambos a responsabilidade por interferir juntos aos filhos em 70,2% e 69,6%, respectivamente. Já os participantes com ensino fundamental atribuem a ambos 46,2% e à mulher acima de 36%, demonstrando que esta escolaridade aponta homens ou mulheres como responsáveis mais que as demais, tendo uma diferença de aproximadamente 24%.

A Figura 33 apresenta a relação dessa variável com sexo. Os homens atribuem a ambos a responsabilidade por interferir junto aos filhos em 70,8%, enquanto as mulheres atribuem a eles no nível de 64,2%, correspondente a uma diferença de 6,6%. Percebemos que as mulheres atribuem mais a si mesmas a responsabilidade por tal tarefa que a dada a elas pelos homens.

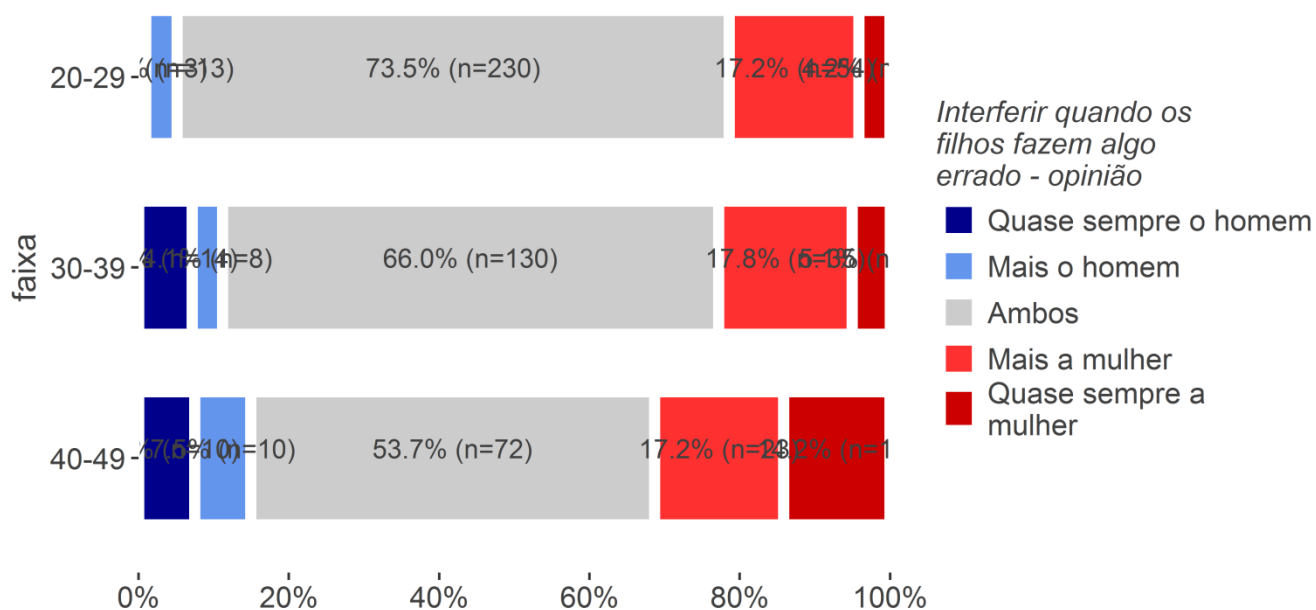


Figura 31: Relação entre faixa etária e opinião sobre divisão de gênero da atividade doméstica

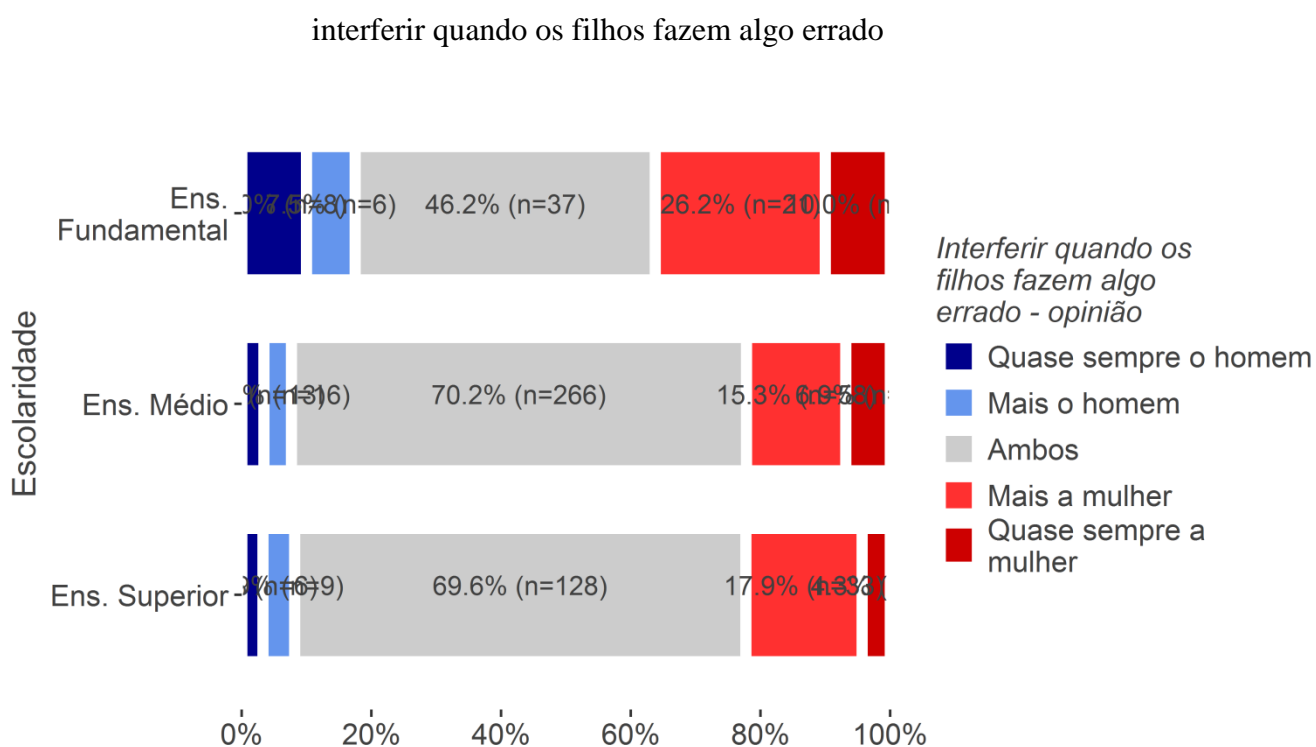


Figura 32: Relação entre escolaridade e opinião sobre divisão de gênero da atividade doméstica interferir quando os filhos fazem algo errado.

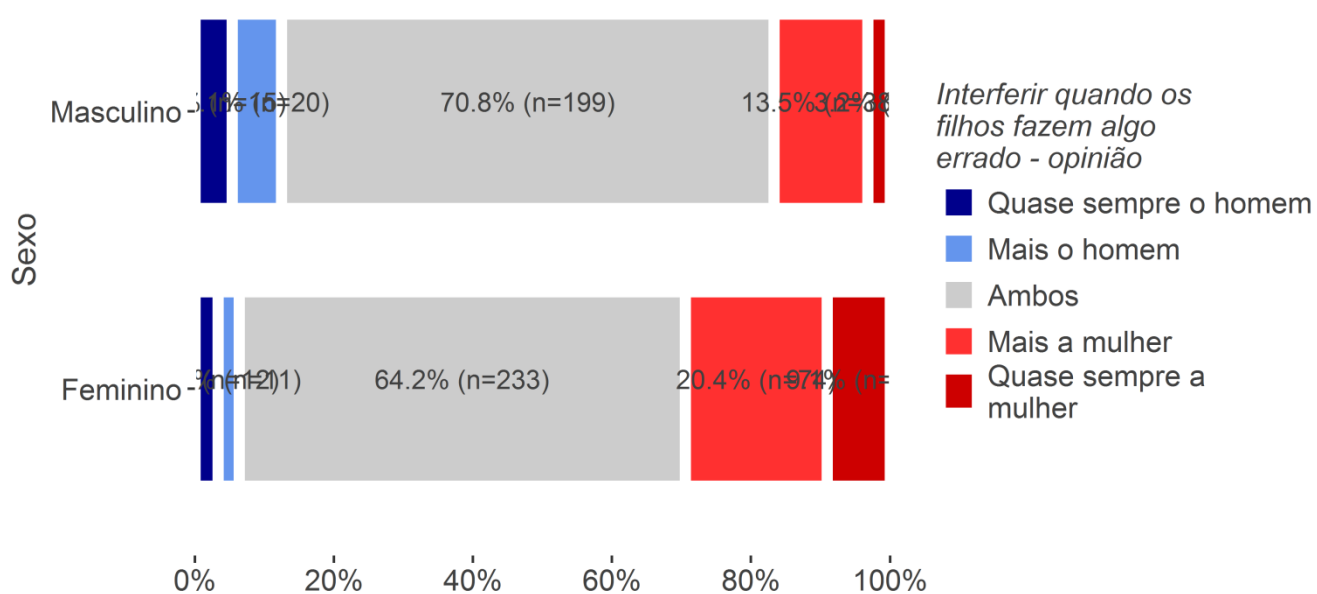


Figura 33: Relação entre sexo e opinião sobre divisão de gênero da atividade doméstica interferir quando os filhos fazem algo errado.

Categoria 3– Cuidado e educação dos filhos: Brincar com os filhos

A relação entre sexo e a opinião sobre a quem cabe brincar com os filhos é representada na Figura 34, e demonstra que os homens percebem a participação feminina como maior que a deles, porém percebem a sua participação maior que a dada a eles pelas mulheres. Já as mulheres atribuem mais a si mesmas a responsabilidade por brincar com os filhos que a dada pelos homens.

Já a Figura 35 demonstra a relação entre escolaridade e a opinião sobre quem deve brincar com os filhos. Os participantes com ensino médio e superior atribuem a responsabilidade por brincar com os filhos a ambos em 75,3% e 74,7%, respectivamente, enquanto o ensino fundamental atribui apenas 57,5%, estabelecendo uma diferença de aproximadamente 17%, e ainda percebem mais a participação masculina que as demais escolaridades.

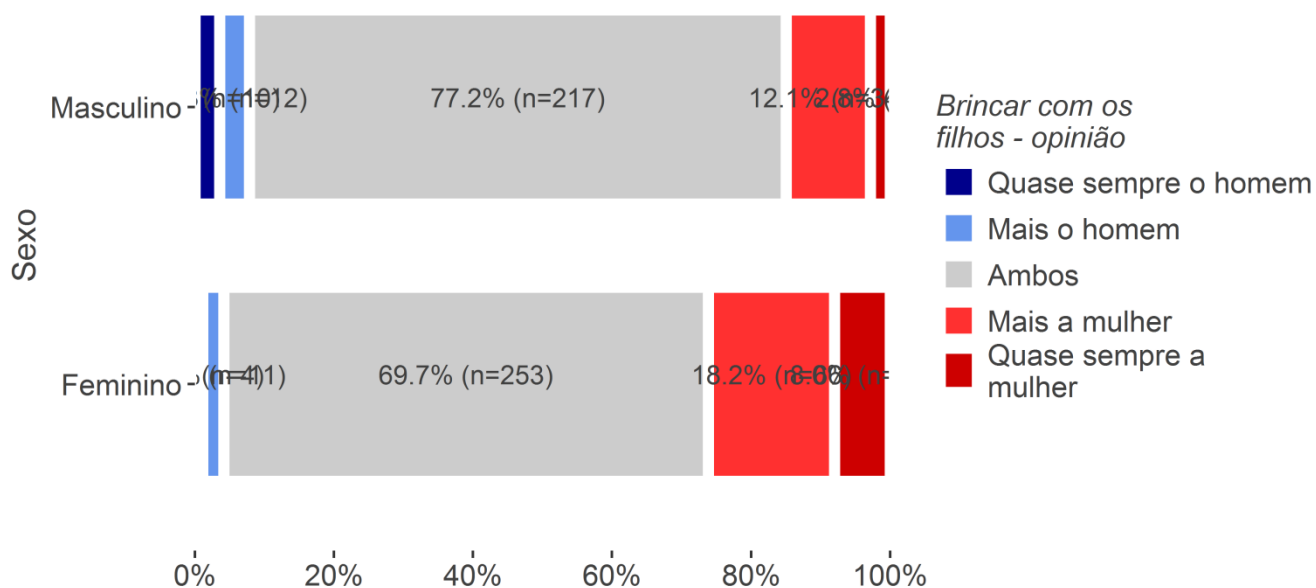


Figura 34: Relação entre sexo e opinião sobre divisão de gênero da atividade doméstica

brincar com os filhos

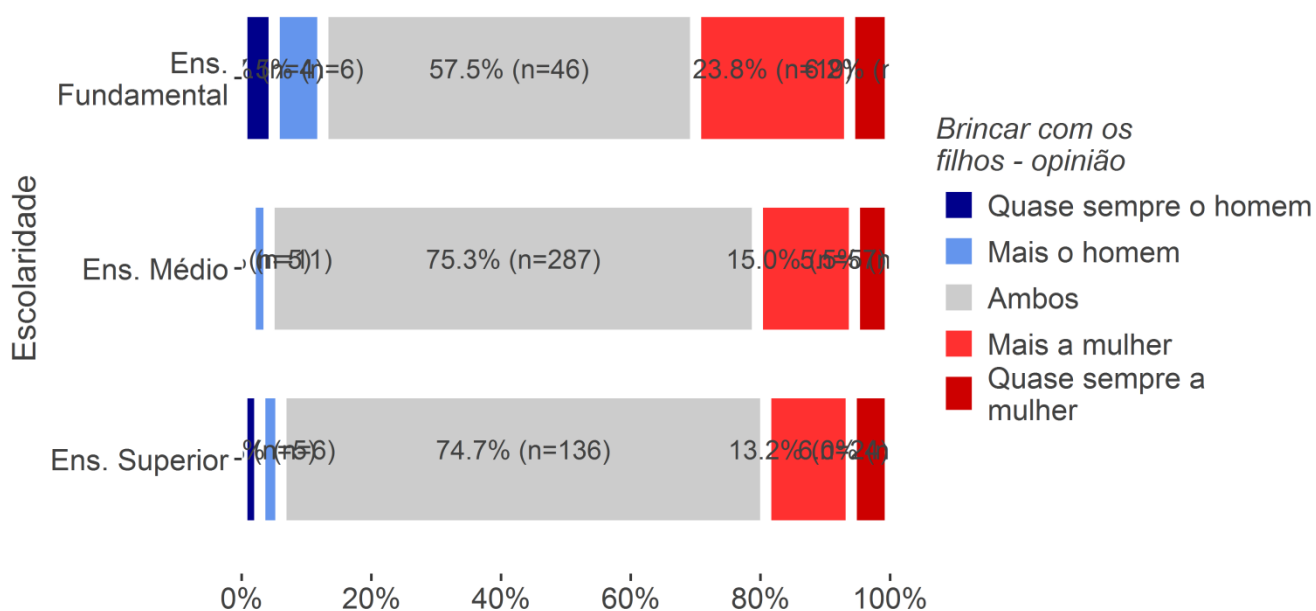


Figura 35: Relação entre escolaridade e opinião sobre divisão de gênero da atividade

doméstica brincar com os filhos

Categoria 3– Cuidado e educação dos filhos: Levar os filhos ao médico quando estão doentes

A Figura 36 representa a relação entre escolaridade e a opinião sobre a divisão de gênero da atividade levar os filhos ao médico. Podemos perceber que os participantes com ensino fundamental atribuem a responsabilidade por levar os filhos ao médico mais às mulheres em 52,5%, enquanto os ensinos médio e superior atribuem a ambos tal responsabilidade em 55% e 59,8%. Podemos perceber uma diferença de aproximadamente 12% na percepção de igualdade entre as escolaridades.

Quando a relação é entre renda familiar (Figura 27) há uma diferença de 12,4%, sobre a atribuição de igualdade entre a quem recebe até 2 salários mínimos e quem recebe acima de 10 salários mínimos, sendo que o primeiro tem uma maior percepção de igualdade por atribuir a 58,9% a responsabilidade de ambos levarem ao médico, enquanto os que recebem acima de 10 salários mínimos percebem essa igualdade em 46,5%, e atribuem a responsabilidade às mulheres em 48,9%, e ainda apontam uma pequena porcentagem aos homens, algo que não aparece nas demais faixas de renda.

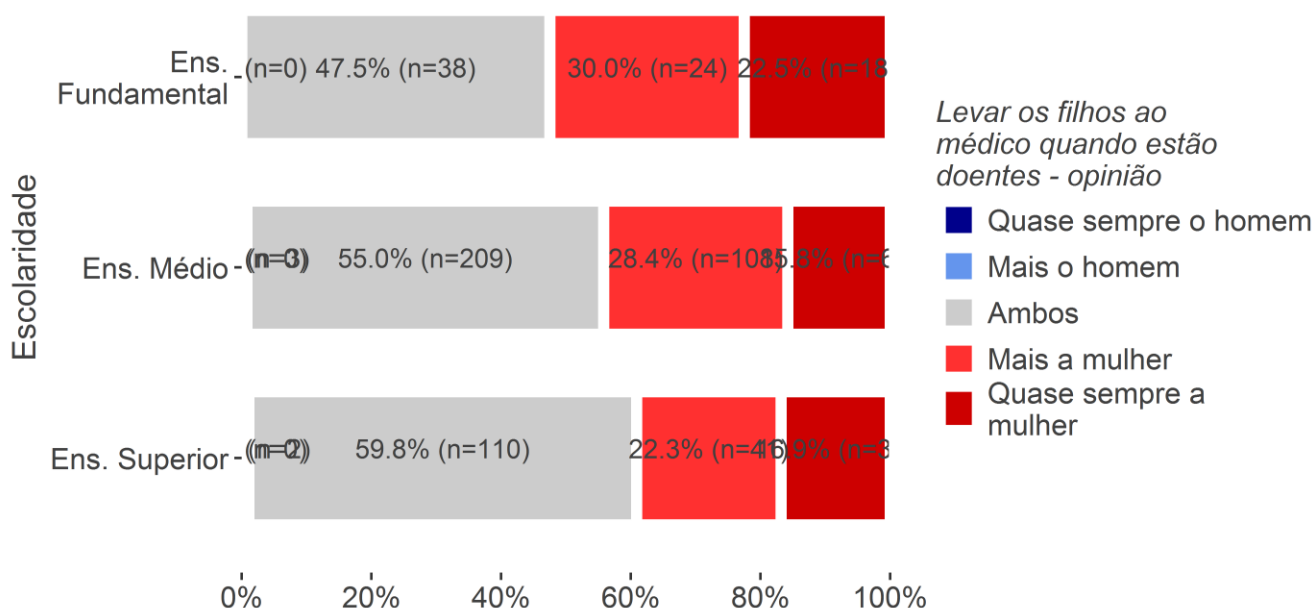


Figura 36: Relação entre escolaridade e opinião sobre divisão de gênero da atividade

doméstica levar os filhos ao médico quando estão doentes.

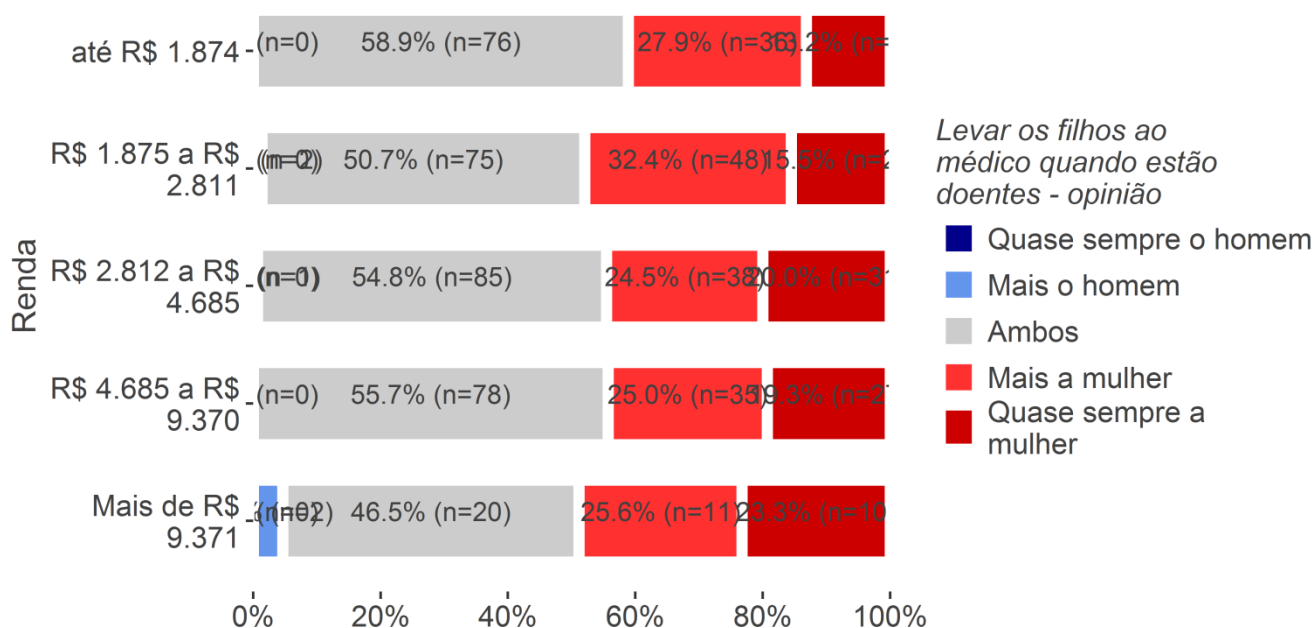


Figura 37: Relação entre renda e opinião sobre divisão de gênero da atividade doméstica levar os filhos ao médico quando estão doentes.

DISCUSSÃO

Com os resultados conseguimos extrair alguns aspectos gerais dos achados acerca das opiniões e práticas sobre a divisão de atividades na família nuclear no que diz respeito aos papéis de gênero. Em relação às opiniões dos participantes sobre a divisão de tarefas, todas as atividades relacionadas ao cuidado com a casa, de limpeza, como cozinhar, limpar a casa, lavar a louça, são associadas muito mais às mulheres, não há participação masculina exclusiva; o homem é incluído somente nas respostas que atribuem a ambos os gêneros a realização dessas atividades.

Quando se relaciona a levar os filhos ao médico e acompanhar as atividades escolares, temos tarefas atribuídas a ambos ou associadas às mulheres, o homem sozinho também não aparece. O que chama a atenção é que esse segundo tipo de tarefas contempla atividades mais relacionadas ao cuidado com os filhos, que estão associadas ao papel da mulher como cuidadora, que se contrapõe às demais atividades relacionadas aos filhos, como interferir quando fazem algo errado, levar para escola, e brincar. Nessas últimas tarefas, há pequenas proporções de indicação de atribuição masculina, mas inferiores às respostas de atribuição a ambos os gêneros, predominantes, e feminina. Isso ocorre também com a opinião sobre quem deve fazer compras no supermercado. São atividades mais pontuais e práticas e públicas, sem demandar tanto cuidado quanto as demais podendo ser aceita alguma participação masculina.

Ao contrario das demais, a atividade de realizar consertos em casa já é associada ao homem, e não há participação feminina exclusiva significativa; isso se relaciona ao papel de provedor, e também ao discurso biológico sobre a força masculina. Outra atividade que tem grande participação masculina é pagar as despesas. Os participantes acreditam que ambos pagam – o que pressupomos como divisão de despesas –, ou o homem paga sozinho, a mulher

não é apontada como responsável exclusiva. Esse padrão corrobora a percepção do papel de provedor masculino, e a crença de que o homem é o maior responsável pelo sustento da casa e que embora se aceite que a mulher também contribua financeiramente, essa participação se dá como uma divisão de despesas; ainda não é aceitável que a mulher seja responsável exclusiva pelo sustento. Para que haja o sustento, ele provém do trabalho, e ambas as opiniões sobre essas tarefas se relacionam, pois na atividade trabalhar fora de casa o homem também aparece como principal responsável, o que nos leva a crer que ambos trabalham ou o homem trabalha sozinho, o que também reforça o papel de provedor masculino.

Quando analisamos as distribuições de respostas de exemplos de divisão de gênero das atividades familiares, ou práticas concretas sobre as pessoas do convívio dos participantes, a porcentagem de respostas que relacionam a ambos diminui e as pessoas associam mais essas práticas a um dos gêneros, embora os padrões gerais das associações se mantenham. Nas atividades de cozinhar, limpar a casa, lavar a louça e levar ao médico, fica claro que a mulher realiza essas atividades e nunca o homem sozinho, o que nos leva a pensar que a participação masculina, apontada pela porcentagem em que ambos fazem, é uma ajuda ou contribuição de menor importância. Já quando se trata de fazer compras no supermercado, levar os filhos à escola, interferir quando os filhos fazem algo errado, e brincar com os filhos, encontra-se um equilíbrio maior entre atribuições ao homem, à mulher e a ambos. Mesmo assim, a mulher ainda faz um pouco mais que o homem. Por serem atividades mais práticas e públicas, possivelmente seja mais fácil fazer acordo e ter alguma igualdade de responsabilidade. Porém, assim como mostrado nas opiniões, as atividades de realizar consertos em casa, pagar as despesas e trabalhar fora de casa, são associadas ao homem, sendo ele o maior responsável por executá-las.. A mulher ou divide essas responsabilidades, especialmente no trabalho fora de casa, ou tem atribuição exclusiva pouco relevante.

De modo geral, os exemplos de práticas mostram maior contraste entre as atribuições exclusivas de homens e mulheres, indicando maior sobrecarga às últimas. Isso permite pensar que as opiniões podem refletir uma mudança de geração, algo que está se discutindo sobre, enquanto os exemplos podem se relacionar a percepções consolidadas de famílias concretas do passado ou aludir a casos mais típicos e frequentes, o que reforçaria as divisões.. Embora algumas diferenças encontradas sejam sutis, buscamos focar em como elas se relacionam com aspectos gerais, e o quanto essas sutilezas podem ser significativas.

Os resultados encontrados se relacionam com apontamentos de autores como Greenstein (1996), Parsons (1942), Eagly e Wood (2011) e Araújo e Scalón (2005), que afirmam a divisão de papéis na família centrada nas mulheres voltadas para o cuidado com a casa e os filhos e os homens como provedores e responsáveis pelo sustento. Na pesquisa, quando são atribuídos aos homens a responsabilidade por pagar as despesas e trabalhar fora, além dos consertos em casa, demonstra-se associação com o papel de provedor, de mantenedor, enquanto às mulheres são associadas as tarefas domésticas, cuidado com a casa, e o cuidado com os filhos, colocando-as no papel de cuidadora, voltada para o lar e a família. Ademais, quando Eagly, Wood e Diekman (2000) apontam que Parsons e Bates refletem a distribuição social de homens como chefes de família e mulheres como donas de casa, há uma manutenção desses papéis. Mesmo com a existência de respostas que indiquem igualdade de responsabilidade, os contrastes entre atribuições masculinas e femininas correspondem à oposição entre o papel de provedor e cuidadora mencionados.

Greenstein (1996) é outro autor que corrobora para os dados da pesquisa, ao constatar em seus estudos que as mulheres são mais responsáveis pelo trabalho doméstico que os homens, e que no contexto familiar ambos assumem funções diferentes, em que o homem faz

pequenos reparos e a mulher lava, limpa e cozinha. Essas afirmações são percebidas na pesquisa e comprovam a divisão das tarefas domésticas nesse modelo.

O estudo de Villas-Boas, Oliveira e Las Heras (2014) com estudantes de nível superior abordou o modo como eles percebiam a divisão de tarefas domésticas dentro do seu próprio contexto familiar e caracterizou a tendência de reprodução do seu modelo de referência. Nessa pesquisa, 67% das mães desempenham a maioria das atividades domésticas enquanto os pais apenas 1%, e as filhas rejeitam esse modelo, enquanto os estudantes de modo geral querem seguir um modelo igualitário, que contradiz a ideia de seguir o modelo de sua família. Os resultados de nossa pesquisa também apontam a mulher como responsável pela maioria das tarefas, tanto nas opiniões quanto nas práticas, porém o que nos chama a atenção é termos encontrado entre as pessoas mais jovens, de 20 a 29 anos, uma postura igualitária, assim como a dos estudantes, que pode se relacionar a rejeição ao modelo tradicional e pretensão de seguir outro modelo mais justo. Cabe questionar e posteriormente observar se suas famílias consolidariam essa tendência de mudança na divisão de papéis ou se elementos tradicionais e demandas da vida familiar ocasionarão a reprodução do modelo que têm por referência, isto é, de seus pais.

Como mencionamos anteriormente, Henriques, Féres-Carneiro e Magalhães (2006) apontam que convivemos com três tipos de família: tradicional, moderna e pluralística. Em nosso estudo, percebemos que as opiniões se dividem em dois tipos, que denominamos de tradicionalista e igualitária. A primeira corresponde a pessoas que tendem a pensar de forma a apontar o homem como responsável pelo sustento, com o trabalho e pagamento das contas, enquanto as mulheres são responsáveis por tarefas domésticas, como lavar e limpar, além do cuidado com os filhos, relacionado à visão tradicional, conforme as leituras apontadas. Já a segunda, igualitária, representa as pessoas que opinam de forma a apontar tanto homens

quanto mulheres como responsáveis pelas tarefas na família. Podemos refletir que os tipos de família podem se relacionar com as opiniões, crenças das pessoas, sendo que a existência de famílias modernas e pluralísticas pode interferir em opiniões mais igualitárias. Optamos por dividir esses dois tipos de resposta, pois observamos que elas obedeciam um padrão: ou as pessoas relacionam as atividades a homens ou mulheres, ou elas associam a ambos. Porém não conseguimos mensurar se algum tipo de resposta foi considerada como mais aceita ou politicamente correta, e ter interferido de alguma forma na pesquisa, embora reforcemos que não há forma correta de responder.

A pesquisa mostra que há diferença entre o que as pessoas pensam e como acontece na prática, em que as diferenças ficam mais visíveis na prática, que nos faz pensar sobre a ideia de habitus do Bourdieu (1977), em que as práticas são colocadas como forma de produzir um senso comum que irá sustentá-las, como um sistema que se perpetua. Neste estudo, as opiniões são condizentes com as práticas, pois os resultados encontrados são próximos, o que as pessoas pensam e fazem se relacionam, mas é a prática que consolida a opinião, a prática sustenta a diferença. E nesse sentido a ideologia seria um mecanismo que opera e sustenta as diferenças, pois atravessa o senso comum que irá manter as práticas, além de naturalizar a desigualdade, pois a divisão recai mais à mulher e elas mesmas acreditam que são elas responsáveis por essas tarefas, como mostram os Resultados. Elas concordam com essa divisão mesmo que desigual e elas sejam prejudicadas.

Alinhada com a contribuição de Bourdieu, a noção de performatividade de Butler (2003) é importante para pensarmos sobre os resultados dessa pesquisa, pois nos permite refletir que performances repetidas carregadas de significado cultural agem no coletivo e formam nossas crenças. Afinal, à medida que vemos nossos ancestrais, avós, bisavós e até mesmo pais apontarem que a mulher é responsável pela casa e pelo marido e isso é nos

passado como a forma correta, e percebemos que essa repetição se dá em outras famílias, tendemos a orientar nossas crenças, opiniões e práticas com base nesse modelo.

Na Tabela 2, dividimos as atividades em categorias que se relacionam aos ideais de papel para homens e mulheres. Nessas categorias percebemos alguns contrastes. Na Categoria 1 que corresponde à divisão de despesas/trabalho, percebemos que pagar as despesas e trabalhar fora de casa são atribuídos mais aos homens, tanto nas opiniões quanto nos exemplos, embora haja uma porcentagem significativa que atribui a ambos. Essa opinião se relaciona à atribuição do papel do homem como provedor, como responsável pelo sustento da família. Já na Categoria 2, tarefas domésticas, são atribuídas a mulher, tanto na opinião como nos exemplos, as tarefas de limpar a casa, lavar a louça, cozinhar no dia a dia, e o homem não aparece como responsável por essas tarefas de forma relevante, demonstrando que a responsabilidade pela casa continua sendo atribuída à mulher, enquanto a responsabilidade por realizar consertos em casa é atribuída ao homem, retomando o papel de provedor dada a ele. As atribuições se dividem para fazer compras no supermercado se divide, mas ainda há participação maior da mulher. Por fim, na Categoria 3, relacionada ao cuidado e educação dos filhos, percebemos que há divisão em levar os filhos à escola, acompanhar as atividades escolares dos filhos, interferir quando os filhos fazem algo errado, brincar com os filhos e levar os filhos ao médico quando estão doentes, se dividem, mas ainda há mais atribuições à mulher que ao homem.

As mulheres são apontadas como as maiores prejudicadas com a divisão de gênero, conforme Simões e Matos (2010), e podemos perceber essa relação através da pesquisa, especialmente nas figuras que demonstram uma maior representatividade das mulheres para a maioria das tarefas na família, lhe são atribuídas a maioria significativas das tarefas e conseqüentemente a responsabilidade pelo lar. Tal constatação também se relaciona à

afirmativa de Poeschl (2010) de que as mulheres contribuem mais significativamente que os homens para as tarefas domésticas.

Quando observamos as figuras que demonstram as proporcionalidades de respostas para tarefas como lavar louça, limpar a casa e cozinhar, a responsabilidade recai sobre a mulher ou a ambos, e não ao homem exclusivamente, o que nos faz pensar que essa participação masculina através da opinião de que ambos são responsáveis seja interpretada como uma ajuda, em que o homem não faz sozinho, mas quando age colabora com a mulher, conforme já apontamos. Além disso, há maior aceitação da participação masculina com o cuidado com os filhos que nas tarefas domésticas, que corroboram com a pesquisa apresentada por Jablonski (2010). Isso pode se dar por acreditar-se que as tarefas domésticas são menos nobres, mais degradantes ou inferiores, e por isso seriam responsabilidade da mulher. Por outro lado, como os homens também têm responsabilidade inclusive legal sobre os filhos, possivelmente aceitam mais facilmente cuidar deles. A hierarquia entre homens e mulheres fica visível quando as atividades com menor reconhecimento social são designadas a elas, e o cuidado com os filhos seja supervalorizado quando realizado por homens, embora nem todas as tarefas relacionadas aos filhos sejam designadas a eles, pois as de cuidado, como levar ao médico, ainda são mais associadas as mulheres.

O maior contraste entre as variáveis sociodemográficas é entre escolaridade e faixa etária, como mostra análise de correspondências. A escolaridade e faixa etária associam-se fortemente com as opiniões estudadas. Podemos pressupor que à medida que se estuda, e se apropria de um conhecimento ou um pensamento mais crítico, tende-se a uma visão um pouco mais igualitária, ou mais reflexiva, de forma a questionar o senso comum. Já a faixa etária é onde percebemos uma divisão mais clara de opiniões em que os mais novos tendem a ter opiniões mais igualitárias, talvez por terem mais acesso a informação, a outras relações que

não somente a familiar, enquanto os com mais de 40 anos atribuem mais aos homens ou às mulheres tendo uma visão mais tradicionalista, que também se relaciona ao contexto em que foram criados e a reprodução dos modelos dos pais. Além disso, estão inseridos em uma sociedade com diferentes tipos de família, em que diferentes percepções interferem na forma como as pessoas constroem suas crenças, suas opiniões, em que à medida que se tem contato com uma sociedade mais diversificada, com internet, redes sociais, como os mais jovens, tende-se a criticar um pouco mais o modelo tradicional, embora esse ainda permaneça. Os principais contrastes entre as variáveis sociodemográficas com as atividades são entre a escolaridade fundamental que atribuem mais as mulheres para lavar a louça, assim como Ensino Fundamental e Médio com limpar a casa. A faixa etária de 20 a 29 anos que atribui mais a ambos as responsabilidades com limpar a casa, cozinhar no dia a dia e acompanhar as atividades escolares dos filhos. Já nas diferenças de sexo, o contraste entre masculino e feminino é sutil, mas há uma leve tendência para, no nível coletivo, salientar respostas que valorizem o próprio gênero, como um favoritismo intergrupar, como coloca Hogg, (2016): os grupos sociais fornecem aos seus membros uma espécie de identidade compartilhada, em que são estabelecidos quem são, em que acreditar, e, especialmente, como devem se comportar, e o fato de pertencer a algum grupo faz com que haja um favorecimento e exaltação a esse grupo, e demérito aos demais.

Embora tenhamos muitas pessoas que atribuem a ambos os gêneros a responsabilidade pela maioria das tarefas, ainda vemos pouquíssima participação masculina exclusiva, em sua maioria ou os dois fazem juntos ou a mulher faz sozinha. Deparamos com o quanto essa ideia ainda faz parte do imaginário social e também se associa à ideologia, pois essa ideia de responsabilidade pela casa da mulher e dos filhos sustenta a hierarquia e as diferenças nesse ambiente. A ideia de que o homem é o responsável pelo sustento, e a mulher pela casa, é uma

ideologia utilizada para manter a posição hierárquica entre homens e mulheres, que se mantém no discurso biológico da força masculina. Por esse motivo o homem é responsável pelo sustento e tem mais força para realizar consertos e trabalhar, e pelo fato da fertilidade feminina a mulher é responsável pela casa e pelos filhos, o que também sustenta essa ideologia. Isso evidencia, assim como os resultados de modo geral, bem como a divisão do ambiente doméstico corroboram com a ideologia da dominação masculina detalhada por Bourdieu (2002), em que essas ideias..

De modo geral, percebemos que mesmo com as mudanças na sociedade com as mulheres trabalhando, tendo mais autonomia monetária, com acesso a medicação, à saúde, com direito a voto, com aquisição de alguns direitos, quando se referem ao ambiente familiar, ainda são vistas como responsáveis por esse ambiente através das opiniões e dos exemplos. As pessoas ainda acreditam que as mulheres são responsáveis pelo lar, pelos filhos e houve poucas mudanças nesse ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa foi motivada pelo questionamento de como estaria a divisão de papéis na família tendo em vista a sociedade em que vivemos, em que tanto os homens quanto as mulheres trabalham, tem acesso à educação, como mostram os dados disponíveis no site do IBGE, e para questionar o modelo familiar em que o homem é responsável pelo sustento da casa e a mulher pelo cuidado com o lar e os filhos. Assim, será que essas mudanças interferiram na opinião das pessoas, como elas acham que deve ser a divisão na família? Surpreendemo-nos ao perceber que embora muitas pessoas tenham respondido de forma igualitária, ainda há uma permanência do modelo tradicional e uma maior sobrecarga às

mulheres quando se trata do ambiente familiar: elas ainda são vistas como maiores responsáveis nesse contexto.

Os dados encontrados nos resultados e discutidos se relacionam diretamente com os apontamentos do referencial teórico, pois os resultados comprovam as afirmações apontadas por outros autores. A ideologia, especialmente com o que aponta Bourdieu, nos forneceu o diferencial para compreender o fenômeno do estudo, por funcionar como um sistema que sustenta as diferenças encontradas.

Outra questão que percebemos como importante é a opinião dos mais jovens como mais igualitárias. Não conseguimos prever se daqui a alguns anos essa opinião pode mudar com o aumento da idade dessas pessoas, nem se haverá alguma mudança social em longo prazo com a adoção de práticas mais igualitárias por esses jovens. Esse poderia ser um tema para pesquisas futuras: verificar se as práticas adotadas daqui a alguns anos serão de fato mais igualitárias, acompanhando as opiniões observadas no estudo atual, e também se as opiniões da atual faixa etária dos jovens se manterão igualitárias.

Cabe ressaltar que houve algumas limitações na pesquisa, como a dificuldade de acesso às pessoas e aceite das mesmas em responder o questionário, por se dizerem ocupadas e se mostrarem resistentes a respondê-lo. Muitas apontaram não terem interesse em responder pois estavam com pressa, ao serem abordadas em locais públicos, ou não terem interesse em responder, por medo de pessoas desconhecidas, ao serem abordadas em sua residência, o que dificultou e demorou para alcançar a amostra. Devido a essa dificuldade, alguns questionários foram respondidos por pessoas do convívio dos aplicadores, por estes terem mais interesse, disponibilidade e vontade em participar da pesquisa.

É importante ressaltar que, embora os resultados encontrados possam ser encontrados também em outros contextos dentro do país, não é interesse desse estudo fazer uma

generalização estatística, apenas caracterizar sobre a população de Uberlândia-MG, podendo ser interpretada em consideração apenas a amostra analisada.

Um aspecto da pesquisa que foi pouco explorado são as práticas, realmente poderíamos ter pensado um pouco melhor a fim de questionar de forma a abarcar questões que não foram contempladas sobre esse aspecto, pois inicialmente as práticas teriam o intuito de nos auxiliar a compreender melhor as opiniões e descartar algum viés das respostas. Porém, percebemos que as mesmas poderiam ser exploradas como foco em pesquisas futuras, para verificar se elas estão mais consolidadas que as opiniões por se embasarem em opiniões consolidadas de outras gerações.

REFERÊNCIAS

- Althusser, L. (1996). Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado. In: S. Zizek, *Um mapa da ideologia* (pp. 105-142). Rio de Janeiro: Contraponto.
- Amâncio, L. (1993). Gênero: representações e identidades. *Sociologia: problemas e práticas*(15), 127-140.
- Araújo, C., & Scalón, C. (2005). *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV.
- Ariès, P. (1981). *História da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Augoustinos, M., & Walker, I. (1995). *Social Cognition: an integrated introduction*. Londres: Sage Publications.
- Barbetta, P. (2001). *Estatística aplicada às ciências sociais* (4ª ed.). Florianópolis: UFSC.
- Bendixen, M. (1996). A practical guide to the use of Correspondence Analysis in Marketing Reserch. *Reserch Online*, 16-38.
- Biddle, B. J. (1979). *Role Theory: Expectatios, Identities and Behavior*. New York, São Francisco, London: Academi Press.
- Biddle, B. J. (1986). Recent development in role theory. *Annual Reviews Sociologic*, 12, 67-92.
- Bourdieu, P. (1977). Structures and the habitus. In: P. Bourdieu, *Outline of a theory of pratice* (pp. 72-95). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

- Bourdieu, P. (2002). *A dominação masculina* (2ª ed.). (M. H. Kühner, Trad.) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Bourdieu, P. (2007). Reprodução cultural e reprodução social. In: B. Pierre, *Economia das trocas simbólicas* (pp. 295-336). São Paulo: Perspectiva.
- Bourdieu, P. (2012). *Sobre o poder simbólico* (16ª ed.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Bourdieu, P., & Passeron, J. C. (1982). *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino* (2ª ed.). (R. Bairão, Trad.) Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Butler, J. P. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. (R. Aguiar, Trad.) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Chauí, M. (2001). *O que é ideologia* (2ª ed.). São Paulo: Brasiliense.
- D'Amorim, M. A. (1989). Papel de gênero e atitudes acerca da sexualidade. *Psicologia teoria e pesquisa*, 5(1), 71-83.
- Del Priore, M. (2006). *História do amor no Brasil* (2ª ed.). São Paulo: Contexto.
- Donsbach, W., & Traugott, M. W. (2008). Introduction. . In: W. Donsbach, & M. W. Traugott, *The SAGE Handbook of Public Opinion Research*. Londres: SAGE. DOI: <http://dx.doi.org/10.4135/9781848607910>
- Eagleton, T. (1997). *Ideologia: uma introdução*. (S. Vieira, & L. Borges, Trans.) São Paulo: Editora Boitempo.

- Eagly, A. H., & Wood, W. (2011). Social Role Theory. In: P. A. Van Lange, A. W. Kruglanski, & E. T. Higgins, *Handbook of theories of social psychology* (pp. 458-476). Reino Unido: Sage Publications Ltda.
- Eagly, A. H., Wood, W., & Diekmann, A. B. (2000). The development social psychology of gender. In: T. Eckes, & H. M. Trautner, *Social Role Theory of Sex Differences and Similarities: a current appraisal* (pp. 123-174). New York; London: Psychology Press.
- Formiga, N. S., & Camino, L. (2001). A dimensão do inventário de papéis sexuais (BSRI): a masculinidade e feminilidade em universitários. *Revista Estudos de Psicologia*, 18(2), 41-49. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2001000200004>.
- Freitas, H., Oliveira, M., Saccol, A. Z., & Mascarola, J. (Jul-Set de 2000). O método de pesquisa survey. *Revista de Administração*, 35(3), 105-112.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Goffman, E. (2002). *A representação do eu na vida cotidiana* (10ª ed.). (M. C. Raposo, Trad.) Petrópolis: Vozes.
- Gramsci, A. (2000). *The Gramsci Reader*. (D. Forgacs, Ed.) New York: University Press.
- Greenacre, M. (2007). *Correspondence Analysis in Practice* (2ª ed.). Londres: Taylor & Francis Group.
- Greenstein, T. N. (Março de 1996). Gender Ideology and perceptions of the fairness of division of household labor effects on marital quality. *Social Forces*, 74(3), 1029-1042. DOI: <https://doi.org/10.1093/sf/74.3.1029>

- Guareschi, P. A., Roso, A., & Amon, D. (2016). A atualidade das teorias críticas e a revitalização da categoria analítica "ideologia" na psicologia social. *Psicologia & Sociedade*, 28(3), 552-561. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-03102016v28n3p552>
- Guimarães, M. d., & Petean, E. B. (Jan-Jun de 2012). Carreira e família: Divisão de tarefas domiciliares na vida de professoras universitárias. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 13(1), 103-110.
- Guimarães, P. B. (2008). *Métodos Quantitativos Estatísticos*. Curitiba: IESDE Brasil S.A.
- Henriques, C. R., Féres-Carneiro, T., & Magalhães, A. S. (2006). Trabalho e Família: o prolongamento da convivência familiar em questão. *Paideia*, 16(35), 327-336. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2006000300004>.
- Heringer, R., & Miranda, D. (2005). As cores da desigualdade de gênero no Brasil. *Gênero, família e trabalho no Brasil*, 203-224.
- Hogg, Michael A.: (2016). Social Identity Theory. In: D. J. Christie, *Understanding* (pp. 3-18). Reino Unido: Springer.
- Husson, F., Lê, S., & Pagès, J. (2011). *Exploratory multivariate analysis by example using R*. Londres: Taylor & Francis Group.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (27 de Janeiro de 2018). Fonte: Brasil em Síntese: <https://brasilemsintese.ibge.gov.br/trabalho/categoria-do-emprego-e-sexo.html>

- Jablonski, B. (1996). Papéis conjugais: conflito e transição. In: T. Féres-Carneiro, *Relação amorosa, casamento, separação e terapia de casal* (Vol. 1, pp. 113-123). Rio de Janeiro: Coletâneas da ANPEPP.
- Jablonski, B. (2010). A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. *Psicologia Ciência e Profissão*, 30(2), 262-275. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932010000200004>.
- Jost, J. T. (Outubro de 2006). The end of the end of ideology. *American Psychological Association*, 61(7), 651-670. DOI: <http://dx.doi.org/10.1037/0003-066X.61.7.651>
- Jost, J. T., Nosek, B. A., & Gosling, S. D. (2008). Ideology: Its resurgence in social, personality and political psychology. *Association for Psychology Science*, 3(2), 126-136. DOI: 10.1111/j.1745-6916.2008.00070.x
- Lachance-Grzela, M., & Bouchard, G. (2010). Why do women do the Lion's share of housework? a decade of reserch. *Sex Roles*(63), 767-780. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/s11199-010-9797-z>
- Louro, G. L. (2003). *Gênero, Sexualidade e Educação* (6ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Marx, K., & Engels, F. (2009). *A ideologia alemã*. (Á. Pina, Trad.) São Paulo: Expressão Popular.
- Matias, M., Andrade, C., & Fountaine, A. M. (2011). Diferenças de gênero no conflito trabalho-família: um estudo com famílias portuguesas de duplo-emprego com filhos em idade pré-escolar. *Psicologia*, 24(1), 9-32.

- Monteiro, R., Agostino, L., & Daniel, F. (Março-Abril de 2015). Um diagnóstico da desigualdade de gênero num município em Portugal: estruturas e representações. *Revista Administrativa Pública*, 49(2), 282-294. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7612130497>.
- Nafstad, H. E., & Blakar, R. M. (2012). Ideology and social Psychology. *Social and Personality Psychology Compass*, 6(4), 282-294. DOI: 10.1111/j.1751-9004.2012.00428.x
- Negreiros, T. C., & Féres-Carneiro, T. (1º Semestre de 2004). Masculino e feminino na família contemporânea. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 4(1), 34-47.
- Oliveira, J. M., & Amâncio, L. (2002). Liberdades condicionadas: o conceito de papel sexual revisado. *Sociologia Problemas e Práticas*(40), p.45-61.
- Parsons, T. (Outubro de 1942). Age and sex in the social structure of the United States. *American Sociological Review*, 7(5), 604-616.
- Pinsonneault, A., & Kraemer, K. L. (1993). Survey reserch in management information systems: an assesement. *Journal of management information System*, 2-92.
- Poeschl, G. (2000). Trabalho doméstico e poder familiar: práticas, normais e ideais;. *Análise Social*(156), 695-719.
- Poeschl, G. (2010). Desigualdades da divisão do trabalho familiar sentimento de justiça e processos de comparação social. *Análise Psicológica*, 1(28), 29-42.
- Ponciano, E. L., & Féres-Carneiro, T. (Julho-Dezembro de 2003). Modelos de família e intervenção terapêutica. *Interações*, 8(16), 57-80.

Prado, D. (1981). *O que é família*. São Paulo: Brasiliense.

Raupp, F. M., & Beuren, I. M. (2006). Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais.

In: I. Beuren, *Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática* (3ª ed., pp. 76-97). São Paulo: Atlas.

Santos, L. d., & Diniz, G. R. (2011). Donas de casa: classes diferentes, experiências desiguais.

Psicologia Clínica, 23(2), 137-149.

Scott, J. W. (Dezembro de 1986). Gender: a useful category of historical analysis. *The*

American Historical Review, 91(5), 1053-1075. Acesso em Junho de 2017, disponível

em GeNet Working Paper No. 21:

<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.489.6910&rep=rep1&type=pdf>

Simões, S., & Matos, M. (2010). Ideias modernas e comportamentos tradicionais: a

persistência das desigualdades de gênero no Brasil. In: M. F. Souza, *Desigualdades de gênero no Brasil: novas ideias e práticas antigas* (pp. 15-40). Belo Horizonte:

Argumentvm.

Souza, M. F. (2010). Tradução de valores e a perspectiva sobre o 'novo homem'. In: M. F.

Souza, *Desigualdades de gênero no Brasil* (pp. 239-266). Belo Horizonte:

Argumentvm.

Thompson, J. B. (1995). *Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios*

de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes.

- Van Dijk, T. A. (Junho de 2006). Ideology and discourse analysis. *Journal of Political Ideologies*, 11(2), 115-140. DOI: <https://doi.org/10.1080/13569310600687908>
- Vannuchi, M. L. (2010). Gênero, trabalho e subjetividade: relações de poder para além de fronteiras ocupacionais e territoriais. In: M. F. Souza, *Desigualdades de gênero no Brasil: novas ideias e práticas antigas* (pp. 127-149). Belo Horizonte: Argvmentvm.
- Villas-Boas, S., Oliveira, C. S., & Las Heras, S. (2014). Tarefas domésticas e gênero: representações de estudantes do ensino superior. *Ex aequo*(30), 113-129.
- Wood, W., & Eagly, A. H. (2012). Biosocial Construction of sex differences and similarities: a current appraisal. In: J. M. Olson, & M. P. Zanna, *Advances in Experimental Social Psychology* (Vol. 46, pp. 55-123). Burlington: Academic Press. DOI: 10.1016/B978-0-12-394281-4.00002-7
- Zizek, S. (1996). O espectro da ideologia. In: S. Zizek, *Um mapa da ideologia* (pp. 7-38). Rio de Janeiro: Contraponto.

APÊNDICE 1



Cartão de instruções

[EXPLICAR INFORMALMENTE A PESQUISA: CONVIDAR ALGUM ADULTO DA RESIDÊNCIA OU DO LOCAL A PARTICIPAR, SE HOUVER MAIS DE UM, CONVIDAR AO ACASO ALGUÉM]

Este questionário faz parte de uma pesquisa do Laboratório de Ideologia e Percepção Social, grupo de pesquisa vinculado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. As perguntas abordam opiniões sobre o comportamento e as características de homens e mulheres em alguns contextos. A participação é completamente anônima. Não há nenhuma resposta certa ou errada. O que nos interessa é que você responda com sinceridade, que indique aquilo que você pensa mesmo.

Na maior parte das questões, você deverá avaliar características ou atividades. Você deverá responder para cada uma delas o quanto você as atribui a homens ou mulheres, **escolhendo uma de cinco opções: Quase sempre do homem** - quando você achar que a característica ou atividade é sempre ou quase sempre típica dos homens; **Quase sempre da mulher** - quando você achar que é quase sempre típica das mulheres; **Mais do homem** - quando você achar que a característica ou atividade é mais frequentemente ligada aos homens que às mulheres, mas nem sempre; **Mais da mulher** - quando você achar que é mais frequentemente ligada às mulheres que aos homens, mas nem sempre; e **De ambos igualmente** - quando você achar que a característica ou atividade é típica de homens e mulheres igualmente, e não consegue associá-la nem um pouco mais a eles ou a elas. O aplicador repetirá essas opções sempre que for necessário.

Em algumas questões, se você não conseguir formar uma opinião ou se decidir, assinale a opção “?”. Mas isso só deverá ser feito em último caso; tente associar as características ou atividades a homens e mulheres sempre que possível.

[APLICAR O QUESTIONÁRIO]

[EMAIL PARA CONTATO, SE O ENTREVISTADO SOLICITAR: raianne.calixto@ufu.br e joao.wachelke@ufu.br do professor orientador]

APÊNDICE 2

QUESTIONÁRIO – FOLHA DE RESPOSTAS

A Na primeira parte, você ouvirá características pessoais e deverá indicar para cada uma delas se são aspectos: *Quase sempre do homem* (HH), *mais do homem* (H), *mais da mulher* (M), *quase sempre da mulher* (MM), ou *de ambos igualmente* (A).

[PARA O PESQUISADOR: MARCAR A OPÇÃO DE RESPOSTA COM X]

Emoção	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Trabalho	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Responsabilidade	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Sensibilidade	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Cooperação	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Força	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Tolerância	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Competição	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Obediência	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Razão	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Egoísmo	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Ternura	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Agressividade	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Delicadeza	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Poder	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Cuidado	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Beleza	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Submissão	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)

A seguir, serão apresentadas algumas atividades de lazer, e a partir do que você pensa sobre elas, classifique-as como sendo apropriadas: *Quase sempre para o homem* (HH), *mais para o homem* (H), *mais para a mulher* (M), *quase sempre para a mulher* (MM), ou *para ambos igualmente* (A). Algumas dessas atividades dizem respeito a brincadeiras de crianças.

Fazer caminhada	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Ir para bar	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Praticar luta	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Jogar videogame	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Praticar dança	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Cozinhar	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Jogar futebol	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Consumir bebida alcoólica	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Brincar de casinha	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Assistir novelas	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Iniciar conversa com estranho em festa (tomar iniciativa)	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Brincar de boneca	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Assistir filmes de romance	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Brincar de carrinho	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Assistir programas de esportes	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Fazer compras	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)

A seguir você deverá considerar atividades que dizem respeito a papéis do cotidiano de uma família nuclear, composta por pai homem, mãe mulher e filhos. Opine sobre quem é responsável por executá-las: *Quase sempre o homem* (HH), *mais o homem* (H), *mais a mulher* (M), *quase sempre a mulher* (MM), ou *ambos igualmente* (A).

Pagar as despesas da família	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Trabalhar fora de casa	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Limpar a casa	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Lavar a louça	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Cozinhar no dia a dia	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Realizar consertos em casa	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Fazer compras no supermercado	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Levar os filhos à escola	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Acompanhar atividades escolares dos filhos	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Interferir quando os filhos fazem algo errado	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Brincar com os filhos	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Levar os filhos ao médico quando estão doentes	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)

Agora pense em um amigo ou amiga com quem você convive e que tenha uma família com essa configuração (pai, mãe, filhos). Responda como você percebe que funciona a divisão de tarefas nessa família.

Pagar as despesas da família	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Trabalhar fora de casa	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Limpar a casa	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Lavar a louça	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Cozinhar no dia a dia	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Realizar consertos em casa	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Fazer compras no supermercado	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Levar os filhos à escola	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Acompanhar atividades escolares dos filhos	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Interferir quando os filhos fazem algo errado	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Brincar com os filhos	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)
Levar os filhos ao médico quando estão doentes	(HH) (H) (A) (M) (MM) (?)

Informações sociodemográficas

Sexo: (Masc) (Fem)	Idade: ____ anos	Bairro onde mora: _____
Religião: (Ateu) (Católico) (Evangélico) (Espírita) (Outra: _____)		
(se for o caso) Considera-se praticante dessa religião? (Sim) (Não)		
Renda estimada (soma dos salários ou rendas do indivíduo ou de sua família, se morar com ela): (até R\$ 937) (938-1.874) (1.875- 2.811) (2.812-4.685) (4.686-9.370) (9.371- 18.740) (+ de 18.740) (Não sabe) (Não quis informar)		
<p>Escolaridade:</p> <p>() Nunca estudou ou não terminou a 4ª série do ensino fundamental (antigo primeiro grau);</p> <p>() Terminou a 4ª série do ensino fundamental (antigo primeiro grau);</p> <p>() Terminou a 8ª série do ensino fundamental (antigo primeiro grau);</p> <p>() Terminou o ensino médio (antigo segundo grau) e não está cursando ensino superior (faculdade);</p> <p>() Está cursando ensino superior (faculdade);</p> <p>() Concluiu ensino superior (faculdade).</p>		
<p>Situação de relacionamento:</p> <p>(Solteiro) (Casado/a) (Namorando) (União estável) (Divorciado/a) (Viúvo/a)</p>		
(se for o caso) Mora junto? (Sim) (Não)		Tem filhos? (Sim) (Não)
Orientação sexual: (Heterossexual) (Homossexual) (Bissexual) Outra: _____		

Pesquisador que aplicou o questionário: _____

Local da aplicação: _____

Data de aplicação: _____ / _____ / _____